AUGUSTO CALLET

O INFERNO

TRASLADADO PARA PORTUGUEZ E PRECEDIDO DE UMA ADVERTENCIA

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

PORTO
TYPOGRAPHIA DA LIVRARIA NACIONAL
2, Rua do Laranjal, 22

1871

ADVERTENCIA DO TRADUCTOR

N'este memoravel anno de 1871, o sacerdocio militante da christandade lusitana subiu aos baluartes mais desamparados, aos pulpitos de grande parte do reino, e desembestou certeiras fréchadas ao rosto da impiedade.

No pulpito da egreja de S. Martinho de Cedofeita, d'esta cidade do Porto, — que não é a mais peccadora, porque é a menos ociosa, — discorreu apostolicamente um padre italiano, que eu não ouvi.

Não fui ouvil-o, porque já tenho muitissimos annos e bastante leitura para conhecer que direitos tem Deus e o proximo ao meu amor.

Não o fui ouvir pela mesma razão que evito alguns livros prohibidos, receoso de que elles estremeçam os alicerces da minha fé.

Não fui ouvil-o, emfim, porque ha um sermão que eu sei de cór, e repito quando tenho sêde de fé, ancias

de misericordia, tibiezas de esperança: é o sermão da montanha, prégado aos pobres por nosso Senhor Jesus Christo.

Este sermão ainda meus filhos o não sabem; mas hão de aprendel-o quando as primeiras lagrimas lhes tiverem delido as manchas escuras do intendimento. É preciso ter chorado para comprehender a bem-aventurança dos que choram. Jesus Christo, se houvesse dito aquellas divinas palavras aos felizes, não seria intendido no apostolado, nem seguido na vida, nem chorado na morte, nem confessado no martyrio.

Levantei, pois, o pequenino e fragil oratorio das minhas preces humildes sobre a confiança do divino Pae; e, se em minha alma sinto o desejo de não ter nascido para dôres deseguaes ao alento de cada homem, reconheço que o oratorio do peccador está tanto á vista de Deus que o anjo da paciencia abre as suas luzentissimas azas sobre os meus abysmos escuros.

Ora eu sei de triste experiencia que os discursos do missionario em Portugal me desataviam o espirito das vestes graves com que costumo entrar nos templos.

Na minha mocidade estudei grammatica, fui examinado em logica, decorei a inutilissima cousa chamada rhetorica, cursei muito pela rama algumas aulas de theologia; finalmente, poli quanto pude a razão para que se espelhassem n'ella os preceitos e conceitos dos oradores sagrados.

Pois acontecia que todos aquelles predicados, desde a grammatica de Lobato até á theologia do bispo de Leão, cá no meu interior despiam a casaca e a dalmacia venerandas, para galhofarem d'uns certos padres que se ima-

ginavam favorecidos da infusão scientifica, uma só vez milagrosamente concedida pelo Espirito Santo aos santissimos ignorantes do Cenaculo.

Arguiam-me de indiscreto os bons amigos que me ouviam deplorar a decadencia da oratoria sacra, justificando o proposito pelos resultados, a uncção do prégador pelo soluçar do auditorio, a fertilidade da palavra pela emenda das culpas.

O soluçar do auditorio era tão acceitavel e prestadio como as lagrimas no theatro, que denotam, quando muito, corações sensiveis; aquillo, porém, de emenda das culpas é que vinha desconceituar a argumentação dos meus amigos.

As culpas! o desconcerto da vida, a irreverencia a Deus, o desamor ao proximo, as intranhas descaroadas do rico, a rebellião cubiçosa do pobre, a mão que se esquiva em levantar da lagem o orphão — estas e outras más fibras do coração humano poderá retemperal-as a consciencia illustrada; mas a consciencia espavorida pelo medo dos castigos eternos, essa não.

E os missionarios, que ludibriavam a minha devoção ou curiosidade, demonstravam a precisão de sermos continentes, sobrios, humildes, caritativos, christãos emfim, para não sermos eternamente refervidos no lago de sulphur candente.

Eu nunca ouvi dizer na casa da oração que a providencial justiça tem o seu tribunal em meio dos vivos; que o vicio deshonra, infama, e tolhe o goso dos bens d'esta vida; que a repulsão do delinquente é um castigo; que a sociedade pune primeiro que a lei; e que, se a justiça dos codigos algumas vezes erra, a justiça complexa

da opinião publica mantém a disciplina do supplicio, invisivel mas exulcerante na consciencia do culpado.

Nunca ouvi missionario que me parecesse mais illustrado que a maioria dos seus ouvintes, nem vi espectaculo onde reluzissem mais vivos e tristes reflexos da edade-media. Historias horrendas e ás vezes esqualidas de castigos infernaes; immersões em caldeiras rubidas das lavaredas; corpos espedaçados por dragões e logo recompostos para nova e eterna dilaceração; imborcações de peçonha na bôcca dos gulosos; amplexos de serpentes escamosas de brazas n'aquelles que lubricamente deleitaram os corpos n'este mundo: era isto, não era o penetrante pejo do vicio que chamava aos olhos do auditorio as lagrimas restauradoras.

Mas, ao fechar da missão, o peito oppresso do peccador atterrado desafogava-se na esperança de illudir o diabo com uma confissão geral e um profundo pesar na hora da morte, visto que o missionario promettia o céo aos que, nos ultimos instantes, se sentissem vivamente magoados de terem sido perversos.

O céo!

E que promette o padre aos justos, aos que desde a juventude até á decrepidez apenas prevaricaram venialmente? o céo.

E aos apostolos que vão á fogueira offerecendo ao divino martyr o tributo de suas agonias? o céo.

O céo para o facinora contricto no ultimo momento, e o céo para o santo de toda a vida! O céo para o martyr e o céo para o algoz que houve remorso de o haver matado! Ó fé, revérbero de Deus, estarias apagada, se não fosses divina!

Em compensação, porém, que profusa prodigalidade de infernos além-tumulo! Infernos legendarios, imitações do grego, do egypcio, do indostanico, todos os infernos, excepto o verdadeiro — o inferno d'esta vida, a corrente do remorso ao pelourinho da consciencia, e a desgraça implacavel ainda para os que não têm consciencia nem remorso.

Pois esta doce e misericordiosa alliança de Jesus com os attribulados, com os frageis por compleição e por mal dirigidos na mocidade, comporta em si a hypothese de Satanaz, que nos espia o ensejo favoravel e nos faz cambapé ás suas voragens? Comprehendem acaso que Deus se não amerceie de homens fraquissimos, vencidos por um gigante que não coube no céo? Não vêm que Lucifer se atreveu com o Creador, e, depois de vencido, teve por homenagem o reinado de um mundo, e o generalato de legiões immensas, todas a manobrarem na terra para vencerem... a quem? um descendente de Adão, do logrado do Eden, Adão, que tinha em si a plenitude da força, da sciencia; a força do corpo ainda aquecido da mão de Deus; a força da alma iriada dos reflexos do seu Creador! E o homem, debilitado pelo attrito de seis mil annos, que querem que elle seja? Porque lhe decretam a elle — ao fraco — o inferno, se Deus apenas condemnou o forte a viver do suor do seu rosto?

Estas e outras meditações, dignas de que Deus m'as perdôe, se a palavra não friza bem com a lisa intenção, me preoccupavam, quando li este livro de Callet, com certo medo de violar o meu salutar costume de não lêr livros prohibidos, tirante os uteis, os desenfastiados e principalmente os instructivos.

O auctor, comquanto excommungado, usou a christã bem-querença de prevenir-me de que a sua obra estava condemnada. Decidi logo que o livro não seria de todo mau. E, depois que o li, reflexionei que os cardeaes seriam mais discretos esquivando-se a dar voga a escriptos que andariam menos procurados sem a chancella da prohibição.

A mim me quer parecer que o *Inferno* de Callet sahiria com fóros de orthodoxo da assemblêa dos primitivos christãos, quero dizer, dos seguidores de Jesus Christo anteriores áquella pestilencial sciencia chamada Theologia : tal é a pureza, luz, amor e christianissimo espirito que ungem as paginas d'este consolativo livro.

Augmenta-lhe o valor o encontrar-se com os missionarios portuguezes, cada vez mais attidos á rhetorica ardente do inferno, como se elles e ouvintes não houvessem dado ainda um passo desde que é dia, desde que a razão fez pazes com a fé illustrada.

É tão verdade que este systema de moralisar nada aproveita, quanto é certo que nas aldeias, onde mais trovejam as ameaças do missionario, encontrareis o demonio da corrupção fazendo tregeitos ao padre ás portas das cabanas, onde o vicio avulta mais esqualido com a hediondez dos seus farrapos.

Não melhorareis a sociedade a prégar. E todavia, serodios apostolos, na vossa sinceridade, creio eu, por não ter grande confiança na vossa illustração, e me ser muito custoso suspeitar que sois hypocritas.

Ora lêde este livro que se vos offerece em portuguez correntio, e dizei, se, apagado o inferno, não será possivel accender pharol mais humano e mais divino pelo

qual se norteie a posteridade da peccadora Eva, esta immensa familia d'hoje, estygmatisada seis mil annos antes!

Julho de 1871.

Camillo Castello Branco.

PREFACIO

DA SEGUNDA EDIÇÃO

Aos 20 de Junho de 1862 a sagrada congregação do Index condemnou em Roma este livro ácerca do inferno. Caridosamente advirto a leitoras e leitores que temos aqui fructo prohibido.

Perguntam-me o que vem a ser a congregação do Index? Eis-aqui o pouco que sei d'isso: o papa Paulo III publicou em 1539 um catalogo de livros cuja leitura prohibiu aos fieis sob pena de excommunhão. Este catalogo, chamado Index, foi approvado pelo concilio de Trento, enriquecido de numerosos artigos, e por elle, antes de dissolver-se, recommendado a Pio IV. O papa Sixto V, que não tinha vagar para lêr, creou, mais tarde, uma commissão permanente de cardeaes encarregada de examinar e condemnar livros. Esta commissão de cardeaes é o que se chama a sagrada congregação do Index.

Convém saber que Paulo III, velho amigo de Alexandre VI, e tanto, como elle, muito desacreditado por seus

vicios, desmembrou dos dominios de S. Pedro as cidades e territorios de Parma e Placença que elle deu com plena soberania, e com titulo de ducado, a Pedro Luiz Farnezio, um dos seus filhos naturaes. Este tal fundou a inquisição, instituiu a ordem dos capuchinhos, exercitou a astrologia, fomentou e applaudiu a carnificina dos vandezes. Não discuto similhantes actos; recordo-os porque elles se ligam á mesma idêa que creou o Index.

Pio IV, a rogo dos Jesuitas, acrescentou algumas contas ao rozario, augmentando-lhe as virtudes; fez estrangular o cardeal Caraffa, sobrinho do seu predecessor Paulo IV; fez decapitar o duque de Palliano, irmão d'aquelle cardeal, e outros muitos personagens cujas cabeças ensanguentadas, por sua ordem, foram expostas sobre a porta do castello de S. Angelo; abafou o processo instaurado em Espanha contra o clero accusado de libertinagem; mas em compensação accendeu por toda a parte a guerra contra os herejes. Accuzam-no de haver beneficiado mais a sua familia que ao povo romano. Eu por mim não lhe contesto as virtudes, e menos ainda a orthodoxia. Na famosa bulla de 24 de Abril de 1564 declarou excommungados, *ipso facto,* quem quer que no futuro imprimisse, vendesse ou lesse algumas das obras inscriptas no Index pelo concilio ou por elle mesmo; e bem assim quem, não as tendo lido, as emprestasse ao visinho, ou, sem as ler ou communicar a alguem, as fechasse na sua bibliotheca ou n'algum esconderijo da sua casa. Urgia, pois, queimar os livros prohibidos quem quizesse evadir-se á excommunhão, e em seguida á condemnação eterna. Como não podesse queimar os auctores, Pio IV desforrava-se fazendo-lhes queimar as obras.

A vida de Sixto V é bastantemente conhecida, não tem que vêr com a de S. Pedro; mas sobejavam-lhe intelligencia e indole sufficientes ao exercicio do poder absoluto. Era manhoso e cruel este grande papa, cujo systema de governar compendiou em duas palavras: pão e páo.

Dispensam-se pois os povos de pensar, como coisa perigosa: é bastante que elles não morram de fome e que tremam sempre diante do algoz. Depois erijam-se obeliscos e edifiquem-se templos.

Este papa mandava decapitar os padecentes debaixo das suas janellas, antes de sentar-se á meza, dizendo que isto lhe abria o appetite. As cabeças dos suppliciados, que elle expunha e deixava apodrecer aos olhos dos caminhantes, ameaçavam de peste a cidade. Apezar dos juizes, fez enforcar um mancebo de 16 annos por haver resistido aos quadrilheiros que o prenderam. Ordenou que cortassem as mãos e que traspassassem a lingua d'um auctor epigrammatico. Excommungou a rainha Isabel, desquitando a nação do juramento de fidelidade; excommungou o rei de Navarra, o principe de Condé e o rei de França, exaltando até ao delirio o fanatismo dos partidarios da Liga; e depois do assassinio do desgraçado Henrique III, elogiou em pleno consistorio Jacques Clement, comparando-o a Judith e Eleazar, debeis mas fieis instrumentos do Deus dos combates. E como signal sensibilissimo de sua terna solicitude pela salvação das almas, restabeleceu ao mesmo tempo o santo officio e cumulou de indulgencias a confraria do Santo Cordão. Era proprio d'este grande e devoto papa continuar a guerra declarada por seus predecessores á razão humana e á liberdade da consciencia, instituindo de par com o santo officio a congregação do Index.

Não cuideis, porém, que os livros condemnados por esta congregação fossem lidos pelo papa ou sequér pelos cardeaes encarregados d'isso. Por via de regra os cardeaes nada lêem. Á laia de Sixto V, encarregavam outros d'esse officio. Á volta da congregação do Index formigavam monges e obscuros theologos de toda a parte, chamados consultores, a quem incumbia o encargo quasi sempre fastidioso de lêr obras novas. As formidaveis sentenças do Index, mediante as quaes uma familia inteira era excommungada e condemnada, promanavam do relatorio d'estes consultores: tal era a sorte de quem recusasse queimar um cartapacio jansenista, herança de avó piedosa, ou as *Maximas dos Santos* de Fénelon, ou os *Pensamentos* de Pascal, ou as *Reflexões moraes* de Quesnel, embora approvadas pelo cardeal de Noailes, arcebispo de Pariz, ou a *Theologia* de padre Lequeux—primeira edição—ou a *Philosophia* de Cousin. Pelo que me toca, julguei que o inferno é uma concepção immoral, profunda e forçosamente immoral pelas razões que adduzi. Tambem mostrei, a diversas luzes, o perigo de similhante crença para o genero humano. Por isso fui condemnado em Roma. Optimamente! Agora exijo que me respondam. Graves e leaes são as minhas objeções: o decreto do Index as deixou subsistir em todo o seu vigor.

Quando a soberania temporal do papa, que não é dogma, deixar de absorver os esforços todos dos defensores da fé, espero que elles tenham vagar de cuidar no inferno, que é um dogma, e dogma tanto em perigo e tão vacillante — fiquem-no sabendo — como o throno de Paulo III, de Pio IV, e Pio V.

INTRODUCÇÃO

DOGMAS HEBRAICOS

É crença anterior á prégação de Christo, quanto ao texto, mas diversa do espirito do Evangelho, a eternidade das penas. Prende esta crença com outros dogmas rabbinicos, tão obscuros quanto descaridosos, que a Egreja nascente adoptou e que ainda hoje formam o essencial da theologia christã. Podemos reduzir aquelles dogmas a cinco, consubstanciados todos no Inferno. Vem a ser: a Rebellião de Satan, o Castigo de Satan, o Paraiso terreal, a Maldição dos homens, o Povo de Deus.

Não intento esquadrinhar o sentido philosophico de taes dogmas: tal canceira, superflua para leitores in-

struidos, seria insipida e inutil para os ignorantes. Que Satanaz, inferno, peccado original, etc., sejam ou não horrendos symbolos do antigo pantheismo asiatico, — expressão viva d'um systema de methaphysica mais terrivel que especioso, onde liberdade e mal se confundem, e o nada divinisado tem consciencia de si, e Deus quasi deixa de ser — questões são essas proprias de academias. Taes dogmas para mim são o que á letra significam; sei d'elles o que nos ensinam; vejo-os como nos mandam vêl-os, como a multidão os vê, coisas reaes, pessoas verdadeiras, e não chimeras. Considero-os pois sob a fórma com que elles, ha muitos seculos, influem no genero humano: e não ha mais seguro modo de lhes apreciar o valor moral.

Entremos na exposição, clara quanta fôr possivel, d'estes dogmas mysteriosos.

I

Rebellião de Satanaz

A historia de Satanaz não se encontra na Biblia nem no Evangelho. Passou tradicionalmente da synagoga á Egreja. No Thalmud e nos Padres é que vem escripta.

Satanaz era um anjo — como quem diz um espirito incorporeo, um sôpro de Deus. Pureza, força e benção eram o principio e constituição de sua essencia. Estava elle no ceo resguardado de exemplos e conse-

lhos maus. Creado para o bem alli vivia em condições em que não é possivel conjecturar-lhe intenções más, contemplando Deus rosto a rosto, actuando e reclinando-se em seu seio, testemunha intelligente d'aquella superlativa sabedoria, bondade e omnipotencia que transpõe espaço e tempo.

Infelizmente Satanaz era livre e peccou. É obra sua o mal que antes d'elle não existia. Concebeu-o elle, e — caso estranho ! — produziu-o alli mesmo no ceo, em meio dos resplendores increados, e eternas bem-aventuranças, e depois quiz-lhe como a seu, e propagou-o por entre os anjos.

Este peccado, aliás inqualificavel, visto que lhe não conhecemos a especie, é, como vou demonstrar, o verdadeiro peccado original. É a primitiva e inexhaurivel fonte de dores do genero humano, posto que ainda não houvesse genero humano na desconhecida época em que elle perturbou o ceo. Todos os transtornos do universo, mal physico e mal moral, é aquelle peccado que os explica.

Saibamos como Satanaz foi castigado.

II

O Inferno

Deus não quiz anniquilar Satanaz nem perdoar-lhe. Creou o inferno, e precipitou-o lá com os seus cumplices.

Fogo, frio, esvahimentos de fome, tedios da saciedade, golpes de ferro, trances de agonia, inveja, remorsos, tudo isso não basta a dar-nos muito em sombra idêa dos tormentos d'aquelle abysmo. Corôa-lhe o horror não ser ahi conhecida a morte. Se a morte lá podesse entrar, a esperança iria com ella, deixando entrever o nada como acabamento de tão enormes penas.

Se, porém, foi recusada a Satanaz esta miseravel consolação, goza-se de outra em desforra. Deus, que o reduziu á desesperação, deixou-lhe a faculdade de o molestar, atravessando-se-lhe nos intentos, contrariando-lhe as leis, multiplicando e perpetuando o mal por toda a parte, salvante o ceo.

É o inferno o senhorio de Satanaz; mas não cabe lá. É-lhe toda a creação campo franco para a sua malfeitora actividade. Verdade é que leva comsigo, onde quer que vá, a sua immortal tristeza, e, pelo tanto, toda a parte lhe é inferno. Não obstante, é incomprehensivel que elle de lá sahisse, se lhe não fosse algum hediondo regalo n'isso de fazer tudo quanto quer, excepto o bem—poder singular que Deus lhe concedeu, e elle exercita incansavelmente, seu prazer unico, necessidade propria da sua desgraça, e que hade durar tanto como elle.

Tal é o castigo de Satanaz. Crime e castigo são por egual espantosos e inintelligiveis

Agora, vejamos o que d'ahi resulta.

III

Paraiso terreal

No segundo e terceiro capitulos do *Genesis*, refere Moysés a creação e queda do homem. Esta breve passagem foi diffusamente glossada por hebreus e padres da Egreja, e raro haverá quem a não haja ouvido explicar do pulpito, como eu brevissimamente a vou explicar, acrescentando-lhe reflexões minhas.

Adão e sua companheira tinham recebido no Eden uma lei moral simplissima e muito clara: era-lhes licito saborear todos os fructos d'aquella mansão de delicias, tirante o fructo d'uma só arvore: feito isto, a sua felicidade seria perfeita. Conta-se que elles estavam alli mais innocentes que os recemnascidos e ao mesmo tempo mais instruidos que os anciãos d'hoje em dia. Obedecia-lhes a natureza e elles comprehendiam-lhe a voz. Cuidados nenhuns, nenhumas lagrimas, primavera eterna, e a mocidade immorredoira em todo o seu ser. Deus folgava descer-se do ceo para n'elles contemplar a sua viva imagem; e então lhes mostrava seu rosto e lhes fallava.

Entretanto Satanaz foi esperal-os debaixo da arvore da Sciencia, cujo fructo lhes fez comer. Não se corromperam per si mesmos como Satanaz; mas eram livres e o tentador estava alli. Quem tinha seduzido os anjos como deixaria de seduzil-os a elles? Que consi-

derações o reteriam? Não receia Deus por que Deus lhe não póde aggravar o supplicio, pois que esse supplicio é eterno, e o inexprimivel horror de tal castigo consiste na eternidade d'elle. Pelo que respeita á piedade, é sentimento que Satanaz não conhece, pois que Deus lh'a não mostrou a elle, o primeiro de todos os seres que a necessitára. Á semelhança das outras creaturas, tem sómente aquillo que recebe; e o que brilha em si não é o amor divino, é a divina colera que o conserva devorando-o.

Quaes foram as consequencias da queda?

IV

A maldição

Não aceitou Deus as desculpas de Adão e Eva. De tal modo o irritou a desobediencia, que, no auge da sua ira, amaldiçoou-os e com elles a terra que os continha: dupla maldição que abrange alma e corpo, espirito e materia, eternidade e tempo—o homem todo na intimidade de seu ser immortal e nas condições exteriores da sua existencia transitoria.

De feito, foi Adão condemnado á morte. O corpo reverteu ao pó e a alma cahiu no inferno. Esperando, porém, este ultimo castigo, foi-lhe forçado soffrer outro n'este mundo. Cahiu sob o poder de Satan. Os miraculosos conhecimentos, que elle tinha, perdeu-os para sempre.

Repulso do Eden, nada sabia do que tinha sabido n'aquelle lugar; e, como a terra tambem se havia transformado, caminhava elle inexperiente atravez dos estorvos d'uma vida nova. Precisões, lavor ingrato, enfermidades, padecimentos de toda a natureza, desconfianças, medos, saudades inuteis, desejos inquietos acompanhavam o vagabundo par. Satanaz seguia-os, julgando-os ainda bastante felizes sobre a terra maldita, onde, se elle não fosse, o soffrimento seria expiação, e a morte resgate.

Penetremos mais dentro n'este mysterio, e consideremos com os theologos quaes foram e ainda são hoje as deploraveis consequencias d'aquelles successos.

V

Consequencias da maldição

Os filhos de Adão que ainda não eram nascidos no momento da culpa, e os filhos de seus filhos até á derradeira geração foram condemnados com elle, como se tivessem peccado. Comprehende-se que elles não fossem melhores que seus pais: peiores é que elles se tornaram. O mais velho d'esses reprobos matou seu irmão, e a impiedade humana foi crescendo até ao diluvio para recomeçar, ao sahir da arca, durante o somno de Noé.

Uma tal punição não podia gerar outros effeitos. Considerai que nascemos aviltados, pervertidos, em-

briagados do vinho que outros beberam, escravos d'um poder occulto e maligno, odiados de Deus, odiando a Deus, só bastantemente livres para praticar maldades e merecer por isso novos castigos; incapazes todavia de praticar o bem. Está Satanaz no manancial onde bebemos a vida; está nas fontes que a nutrem, no seio de nossa mãe e no seu leito; a si nos attráe, encorporando-se na luz, na agua, nos alimentos, no ar que respiramos, na voz que nos encanta o ouvido, na fragrancia que as auras nos trazem, no amigo que nos abre os braços. Comnosco se identifica e nos enche de seus cavilosos e insaciaveis appetites.

De fóra chama-nos com uma doce voz, e com um interno aguilhão nos esporêa para onde nos chama. Então nos cerca, invade-nos, possue-nos, e isto não é ainda senão parte do nosso castigo. O inverno que nos engorgita os membros, a fome que nos prostra, a trovoada que arrebata as sementeiras, a febre paludosa que nos mata os filhos, as forças que se vão quando a experiencia chega, estes flagellos todos da natureza contra nós desenfreados, estas necessidades inexoraveis, amargas privações, e exulcerantes desenganos são tambem parte do nosso castigo. Mas ainda não é tudo: a nossa insanavel ignorancia, orgulho, fraqueza, toda a corrupção do nosso ser é parte integrante do mesmo castigo, não do peccado original, cumpre notar, mas do castigo, pois que a transmissão do peccado original é já de si um castigo. E não pára aqui a maldição; pelo contrario, quando ella se

nos mostra mais terrivel é n'este estado a que nos reduziu, manietados pelas cadeias que nos forjou, porque as culpas que resultam d'esta corrupção natura e involuntaria que é um castigo, d'esta possessão diabolica que é um castigo, e de tantas dores accumuladas que são castigo — taes culpas chamam sobre nós outros castigos. Qualquer lapso é reprehensivel; o menor deslize é espiado e marcado; o minimo murmurio é uma offensa.

Taes são, consoante a theologia dos hebreus, adoptada e assignada pelos padres, as relações do homem com Deus e de Deus com o homem.

Detestam-se. Desde a sahida do Eden que se digladiam em duello sem fim, posto que desigual. Um primeiro crime gerou a colera divina; mas do primeiro acto da colera divina surtiram outros crimes, os quaes geraram novas coleras, e continuamente, em face um do outro, a colera e o crime se fecundam e reproduzem sem descanso. Os homens n'esta lucta são incansaveis como Deus, e, posto que trespassados e sanguinolentos e esmagados, ameaçam e conspiram ainda.

De semelhante espectaculo não ha nome condigno! Está o odio por toda a parte, na terra, no inferno, no ceo, nas creaturas e no Creador.

Accrescentemos que o que melhor se comprehende n'este systema é a rebellião do homem, porquanto a nossa sorte é mais miseravel que a sorte de Adão, e cem vezes mais miseravel que a de Satanaz. Mas faz-se mister esclarecer este ponto, antes de passar além.

VI

Comparação da nossa sorte com a de Adão e de Satanaz

Em verdade nenhuma similhança temos com os habitantes do paraiso terreal; não lhes herdamos o saber adquirido sem trabalho, nem a pureza, nem a liberdade, que se agitava a bel-prazer em um tão vasto circulo, tendo um só limite perfeitamente distincto; nem tão pouco lhes herdamos a tranquilla felicidade. Para nós é tudo trevas, servidão, limite, trabalho e dôr. Apezar do peccado, outra vantagem nos levavam. Puniu-os Deus d'uma maneira que nos espanta; mas puniu-os pelo mal que propriamente fizeram. Comnosco não é assim. Primeiramente, aquelles actos, que Deus tão severamente castigou n'elles, continuam-se em nós, que não temos conhecimento d'elles senão por este proseguimento vingativo; depois, sem attender á nossa infermidade nativa, nós faz elle expiar nossas proprias faltas com tamanho rigor como se as nós tivessemos commettido na liberdade, na sciencia, e nos jubilos do Eden.

Se podeis, comparae agora a sorte do homem n'este mundo maldito á de Satanaz no ceo; e os peccados d'aquella creatura debil, ignorante, decahida, envolta em carne e sangue, cercada de precipicios e trevas, criminosa porque nasceu, e em perigo porque vive ;—

comparae isto, se podeis, ao inexplicavel peccado do anjo. Similhança não ha ahi nenhuma. Entre nós e aquelle espirito bemaventurado vae a differença de noite a dia, e entre a sua culpa e a nossa a distancia da terra ao ceo. Sem embargo d'isso, as penas são iguaes. Espera-nos o mesmo inferno. A unica desegualdade que se nota n'este logar de soffrimento é que o homem ahi será a eterna victima, e Satanaz o eterno algoz.

É evidentissimo que é a mesma a pena applicada a seres que prevaricaram em tão oppostas condições de actividade. Esta pena infinita só tem relação com o poder infinito do juiz offendido; não tem alguma com as faculdades diversamente limitadas dos culpados, e augmenta de gravidade á medida que desce sobre peccadores d'uma natureza mais fragil, de Satanaz sobre Adão, de Adão sobre a sua posteridade.

Quando procuramos n'isto a justiça, dizem-nos que ella ahi está, mas escondida. Oh! sim, meu Deus! Bem escondida, e a razão tambem, e a piedade tambem!

VII

O povo de Deus

Entretanto parece que a piedade se manifesta na formação do povo de Deus, e em verdade ahi se denota, mas como excepção, privilegio e favor.

Havia no Egypto uma raça de escravos; toma-os Deus pela mão, e atravez de mil obstaculos os leva

ao paiz de Chanaan; dá-lhes leis, ministros e prophetas; illustra-os, defende-os, castiga-os, restaura-os, disputando a Satanaz, com successivos milagres, essa nesga de terra onde quer ser adorado. Não obstante, estas revelaçõens e sobrenatural assistencia não impedem que os judeus idolatrem, que se prostituam, que usurem e se precipitem numerosissimos em todas as voragens do mal. Por aqui se avalie a desgraça dos povos que occupavam o resto da terra e a quem faltavam taes soccorros. Pezava n'elles sem contrapezo o peccado original. Os que a maior grau de perfeição tinham levado artes e sciencias estavam tão remotos da verdade como o selvagem mais embrutecido. Não porque uns ou outros fossem atheus — pelo contrario, em seus soffrimentos, levantavam olhos ao ceo; mas como procuravam a divindidade nas estrellas, nas altas montanhas, no concavo dos bosques, e nas mil imagens compostas de materia impura, debalde rogavam, e inutilmente sacrificavam. Salvante a de Moysés, todas as religões eram engodo de Satanaz e conductoras d'almas ao inferno, similhantes ás lumieiras que as hordas assalteadoras accendem á beira das restingas, durante as noites tempestuosos, afim de que os navegantes se percam. E Deus abandonava os gentios á sua ignorancia; detestava-os em tanto extremo que prohibia o seu povo de os tratar, sobretudo de misturar ao d'elles o seu sangue, excepto nas batalhas. Occasionado o ensejo, era obra piedosa exterminal-os; mas attrahil-os ao seu coração, era, em

todos os lances, um acto abominavel, por maneira que o leproso de Jerusalem recea
ria manchar-se, se recebesse na sua enxerga infecta a mais pura donzella de Sidon.

Tal é substancialmente o ultimo dogma que nos convém estudar. É certo que elle nos revela a bondade de Deus; mas á similhança de pallida restea de luz em espessa treva. O que nos ella esclarece é um ponto imperceptivel do espaço. Está meio velada no ponto onde brilha, e tanto ahi, como no restante do mundo, razão e justiça de Deus jazem de todo em todo escurecidas. Sobre a terra foi Jacob o unico justo? Se houve mais, porque não fez Deus alliança com elles e seus descendentes? Por que adoptou sómente os judeus, por que liberalisou a estes luzes que negou aos outros? Se lhe aprazia dar á humanidade cahida e obcecada pelo peccado meios de salvação, porque abençoou o sangue e a carne de um só homem, amaldiçoando o sangue e a carne dos mais homens? Se isto é verdade, força nos é exclamar com os theologos: — Razão impenetravel! Impenetravel justiça!— Sendo que tudo isto essencialmente diverge das idêas que podemos formar da pura razão e da verdadeira justiça.

A lei do genero humano, em toda esta historia, é a lei ditada pela colera, e, ainda quando a bondade ahi reluz, dá ares de um capricho.

Os primeiros christãos, judeus de origem, não adoptaram menos estas idêas por mais avessas que

fundamentalmente sejam, não só á revelação interior, ás luzes da consciencia, mas tambem a tudo que mais luminoso do ensino de seu divino mestre nos transmittiram. A Egreja, dilatando-se fóra de Jerusalem, conservou o sinete da sua educação rabbinica (1), permanecendo meio judaica. Não mudou um til aos dogmas sombrios e crueis da synagoga, mas transformou o dogma do povo de Deus; ampliou-o espiritualisando-o, sem tirar ainda assim á clemencia divina, como logo veremos, aquella mystica e excepcional indole que tinha entre os judeus. Admittiu os gentios ao beneficio das graças de que Moysés os excluira, e tornou judeus, mediante o baptismo, os que de sangue o não eram. Ao mesmo tempo, repulsou do seu gremio os que só por sangue eram judeus, e o não eram por baptismo, formando, com tal exclusão, outro povo de Deus, e ficando o antigo a representar a

(1) No concilio feito pelos apostolos em Jerusalem, questionou-se sobre se se devia circumcidar os judeus. Muitos pensaram que esta operação fosse indispensavel á salvação, por isso que Moysés a ordenára; Paulo e Bernabé não foram d'esta opinião; a duvida, porém, era tamanha que sahiram deputados para Jerusalem, afim de combinarem com os apostolos e os padres. O concilio discutiu longo tempo. Pedro fallou de harmonia com Paulo; mas as duvidas subsistiram. Thiago fallou por sua vez, não invocando a palavra de Christo, mas repetindo algumas palavras dos antigos prophetas; o que fechou a pendencia. Decidiram que a circumcisão era desnecessaria á salvação. Todavia, logo adiante, Paulo, que contribuira para este accordo, circumcidou Timotheo, « em razão de estarem judeus n'aquelle logar, e saberem que seu pae era gentio. » Vid. *Actos dos Ap.*, cap. XV e XVI.

figura carnal do novo. Em summa, a Egreja moldurou quanto em si coube, o espirito christão nas fôrmas antigas, que ella sempre venerava e considerava expressamente feitas para o receber. Consoante a parabola, envasilhou o vinho novo no tonel velho, onde ferve até estalar as aduelas; cuidado, porém, que a velha vasilha póde fender-se; o vinho contheudo é o sangue de Christo; e o genero humano, em prol de quem tal sangue ha manado, não deixará que uma gotta se perca.

Ha pouco disse eu que a egreja, adoptando as crenças da Judéa, não havia modificado a indole estranha e excepcional que taes crenças argúem á bondade de Deus. Por egual razão deixou ella condensarem-se as mesmas trevas sobre a sua justiça. É facil demonstral-o.

VIII

A egreja e o novo povo de Deus

Hoje em dia faz-se mister nascer em paiz catholico para ainda se crêr na possibilidade de não ir infallivelmente ao inferno. Contra o espirito do mal inda lá se encontra aquella miraculosa assistencia que outr'ora protegia apenas o districto não grande do Oriente. Alargou-se o territorio da clemencia, mas ainda assim não mede a quarta parte do globo. Além d'isso entre os novos, do mesmo modo como entre os antigos ju-

deus, perdem-se muitos, porque Satanaz está sempre comnosco, na carne de Adão, e a maldição sobranceia-nos sempre.

Se o baptismo destróe esta maldição, não o faz completamente, salvo quando o baptisado morre ao sahir do baptisterio; senão, nem nos dispensa das penas eternas, nem nos arranca das prezas da necessidade das affeições, das tentações, dos enganos innumeros que são os effeitos temporaes da maldição.

Cresce, pobre creança, e se podes, cerra os ouvidos ás alegres cantilenas da tua ama; foge ás caricias de tua mãe e a todas as seducções que já te rodeiam. Não toques no bello fructo que a tua fome anceia. Na tua edade, sem que o saibas, já Satanaz te falla; na bebida e na comida estão venenos d'elle; com o mal te familiarisas, e perdida está a innocencia baptismal. Feito o primeiro peccado, desluziu-se a graça; a maldição meia delida revive inteira; a Egreja vem ainda com outros mysteriosos meios em nosso auxilio; porém, como n'este mundo não ha destruir attracção e inclinação e a liberdade do mal, muitos dos seus filhos se perdem, apesar d'ella, e para, melhor o dizer, em seus braços.

Attendendo aos perigos a que estão sujeitos ainda os filhos da luz n'esses paizes favorecidos, considere-se em que estado de desesperação vivem os filhos das trevas, isto é a maxima parte do genero humano. Em mil milhões de homens, pouco mais ou menos, que actualmente soffrem na terra, o mais que

póde haver é duzentos milhões de catholicos. O remanescente vive sem confissão, e o maior numero sem baptismo, na ignorancia ou no odio da Egreja, e d'aqui vão como vieram sob o poder de Satanaz. Tem elles culpa? Nasceram no abysmo e longe de soccorros. Familia, tribu, cidade, patria, protectores naturaes, primeiros guias, ultimos amigos, lições, exemplos, leis e costumes, tudo os engana. Quem é que póde escolher o seu berço? Pois a nossa salvação póde depender de circumstancias e successos que não dependem de nós? A nossa rasão corrompida absolve-os; o velho Adão encontra sempre alguma desculpa ao peccado; mas a fé essa não. A fé decreta a reprovação final dos gentios, dos infieis, dos hereticos e até a reprovação final e eterna d'um grandissimo numero de catholicos; crê n'isto como no peccado original, como na hereditariedade do crime e do castigo, bem como na graça da salvação—coisas correlativas e de todo o ponto inseparaveis. Adora em silencio todas estas apparentes, iniquidades, convicta de que ellas são sómente apparentes, e que um dia virá em que os proprios gentios hão de confessar que Deus fez bem amaldiçoando-os: tão profundamente justo, equitativo e rasoavel é na essencia aquillo que exteriormente tão pouco é.

Não ha pois duvidar que milhões de milhões de creaturas humanas estão no inferno. As almas despenham-se ahi de todos os lados, densas e rapidas como a chuva, chuva que dura ha mais de seis mil annos,

è não acabará nunca. Todos nós temos no inferno uma immensa familia : todos os nossos antepassados pagãos, durante quatro mil annos, e Deus sabe quantos avós christãos !

Os parentes e amigos de quem nos apartamos a chorar, o que fazem é ir adiante de nós ; os netos d'elles e os nossos, pela maior parte, lá vão ter comnosco, e para tão horrivel fim é que nós nos reproduzimos.

IX

Como se prova a verdade dos dogmas hebraicos, e com especialidade a eternidade das penas

Todos estes dogmas estão ligados ; porém, quando surge uma duvida, não basta um para demonstrar o outro. Próvem-nos que Satanaz foi expulso do céo, e o homem do Eden ; e, quando o tiverem provado, nem por isso lhes cabe o direito de concluir que Deus nunca perdoará a Satanaz nem aos homens. Um castigo que tira aos pacientes a esperança, è ao divino juiz a piedade, é mais incomprehensivel ainda que a fragilidade dos anjos : por consequencia, um tal castigo carece de ser justificado por pessoas eguaes, senão melhores. Estes antigos mysterios não derivam um do outro naturalmente ; e, seja qual for o castigo que Deus reserve em sua justiça ás prevaricações das creaturas livres, é certo que nós o soffreriamos, ainda que Satanaz e Adão não tivessem peccado. A principal ques-

tão é saber se este castigo será eterno, e a tal respeito a corrupção original, a reversibilidade das culpas, o poder do tentador augmentam nossas duvidas em vez de diminuil-as.

O que ahi ha para nós não são provas, são objecções. O inferno poderá ainda sem isso não satisfazer nossa razão; mas não a offenderá tanto. E' urgente, pois, provar que elle existe.

Prova-se pela revelação, isto é, pelas escripturas santas e pela auctoridade da Egreja, interprete infallivel d'ellas. Porém revelação biblica e infallibilidade de Egreja são já de si outros dogmas a favor dos quaes se escrevem todos os dias grossos volumes; e seria desviar-me grandemente do meu assumpto suscitando aqui similhante discussão. O pouco que a tal respeito hei de dizer vem no appendice que está no fim d'esta obra, sendo tanto para o leitor como para mim grande a pressa que temos de sahir d'este labyrintho de mysterios. Investigo provas d'outra ordem, mais especiaes, mais directas, mais apontadas ao bom senso, ao coração, á intelligencia, e que se prestam facilmente a ser entendidas e livremente discutidas. Se taes provas não existissem, não emprehenderia eu similhante trabalho; mas sustenta-se que existem, e em todas as apologias são invocadas como auxiliares das provas sobrenaturaes, e do ensinamento da Egreja, argumentos puramente philosophicos, dos quaes parece que a fé mesmamente está carecida. Dir-se-hia de vontade a respeito do inferno, o que Voltaire disse de Deus:

que se elle não existisse, mister seria invental-o. Pois que podemos em verdade provar a existencia de Deus pela necessidade moral d'esta crença, pelo mesmo theor se intenta provar a existencia do inferno perpetuo: intenta-se fazer d'isto uma necessidade moral tão clara e evidente, quanto é evidente e clara a necessidade moral da crença em Deus, e é usual fundamentar tal raciocinio sobre o testemunho de todos os povos, que tanto importa a tradição chamada universal.

A mim me basta a primeira prova; d'ella pende a meu vêr a questão capital. Se o inferno, ou sómente a idêa do inferno é moralmente util, existe o inferno, é necessario, e é divino. Porém, como quer que a evidencia d'esta utilidade não seja dogma, assiste-nos o direito de examinar com plena liberdade. Tal é a tarefa que me impuz. A tradição universal de que tratarei depois, é apenas a primeira face do problema.

O INFERNO

PARTE PRIMEIRA

O INFERNO CONSIDERADO ÁQUÉM DA CAMPA, OU O HOMEM E A SOCIEDADE EM PRESENÇA DO INFERNO

CAPITULO PRIMEIRO

TRADIÇÕES

I

A tradição universal é a prova do inferno?

Quando nos querem fazer comprehender a necessidade da revelação christã, esforçam-se em requintar phrases aviltantes, para bem caracterisar o estado do mundo sob os reinados de Augusto e Tiberio.

Não peço que se suavisem as pinturas. Todavia, se se tracta de nos incutir algum antigo dogma hebraico tenebrosissimo, repellentissimo, tal como o peccado original, a malicia dos diabos, o eternal inferno, então é vêr como esse genero humano tão vilescido se transfigura subitamente em oraculo. Claro é que a moral se lhe varrêra de todo; mas a theologia ficou. Eil-os a cavar no lodaçal das superstições orientaes, as mais putridas de quantas ahi houve, e querem entrever n'ellas uns certos vestigios de lá se haver conhecido

Adão e Noé. Se se trata simplesmente do inferno, isso então acha-se em toda a parte. Um paria vagabundo, um pagão abjecto, um negro, um hottentote tremente em face d'um fetiche, eis as testemunhas, os consultados, os doutores. É mais que certo que taes miseraveis haviam perdido as noções todas do bem; dormiam com as servas e até com as irmãs; vendiam na feira as filhas e ás vezes as mães; profanavam os hospedes; eram ladrões, eram antropophagos; adoravam pedras, serpentes, sapos, e, peor que tudo, homens, facinoras ensanguentados; mas criam no inferno. Clarão de consciencia não lampejava n'elles só um; não estremavam raia entre virtude e vicio; e, posto que taes distincções lhes houvessem sido reveladas, tinham-nas esquecido. Vêde, porém, o prodigio: quanto ahi havia incomprehensivel para nós e ainda mais para elles; tudo que transcende a alçada da experiencia; tudo quanto a simples razão não póde revelar — tudo, em fim, que, pelo conseguinte, mais facilmente se desluz da memoria, oh! tudo isso lhes ficou na lembrança!

Que argumento a pró do inferno!

Quem ousa impugnar verdade tão de fundamento provada? Cafres, Papus, Saabs, Bushmans creram no inferno! Patagões, Muskogis, Algonquinos, Chipperrais, Sioux creram no inferno! Hunos, Alanos, Ostrogodos, Gepidas, Vandalos creram no inferno! Tambem creram n'isso Cananeos, Philisteos, Ninivitas e Babylonios! Sodoma e Gomorra tambem! Sardanapalo, Balthazar, Herodiada, Cleopatra, Nero, Attila, Gen-

giskhão, Tamerlão creram tambem no inferno! Querem prova mais concludente?

Eu não sei se semelhante demonstração do inferno é bem feita para edificar uma assembléa de fieis; receio muito que os incredulos se riam. Quer-me parecer que, se tentassem insinuar-nos reverencia a tal dogma, deveriam contentar-se com dizer-nos que aquellas raças degeneradas, aquellas nações estupidas, aquellas hordas facinoras, aquelles sacerdotes embaidores, aquelles reis devassos, em fim, todos esses selvagens e monstros, nem criam na eternidade das penas, nem d'isso tinham vislumbres. Tal argumento, se fundado fosse, figurar-se-hia melhor que nenhum. Presumir-se-hia que esses homens, se tivessem á mão e perante os olhos barreira tal, não se infamariam tanto. Mas, da laia que elles são, darem-no'l-os como crentes no inferno, é mandar-nos descrer. Horrorisa-nos a immortalidade d'elles. Vão lá trazer taes arbitros para uma questão de altissimo interesse moral! Dizeis que elles creram no inferno? Oh Deus meu! é por isso mesmo talvez que elles tão mal comprehendiam a justiça, e tal vida viveram!

II

Explicação natural das tradições pagãs ácerca do inferno

Que monta recorrer a revelações miraculosas? É facilima coisa explicar naturalmente as tradições pagãs ácerca do inferno.

Este social estado que conhecemos, no qual o direito de cada um é definido por lei, e protegido por força publica, não é o primitivo estado do genero humano. No principio, a unica sociedade foi a familia, e, por extensão, a tribu. Cada homem se protegia a si, e sahia em desaffronta propria; parentes e servos bandeavam-se na pendencia, e a menor tentativa contra o direito privado espadanava ondas de sangue. N'esses remotos tempos, vingança e justiça eram uma só cousa.

Ora, é verdade que a vingança procede do sentimento de justiça, mas ultrapassa a justiça sempre, porque é egoista, cega, orgulhosa, colerica, não mede, não se compadece, dá mal por mal, e usurariamente o dá. A mais antiga das leis judaicas, a lei cruel de talião, foi lei misericordiosa; abalisou as retaliações; cabeça por cabeça, olho por olho, dente por dente, e mais nada. A vingança queria mais: arrancava os dois olhos, e não se saciava. Na Thracia, em Grecia e Roma, nas Gallias, na Germania, em toda a terra houve tempo em que os inimigos captivos eram sacrificados aos deoses, e es-

trangulados pelos sacerdotes do altar. Os que o ferro poupava eram ainda mais dignos de compaixão: condemnavam-os á escravidão com a sua posteridade — ao trabalhar sem proveito, e á miseria infinita. Entre as familias, tribus e raças ardiam odios hereditarios; pagava o innocente pelo culpado, porque era commum dever o assassinal-o.

E tudo isto se figurava justo, e hoje ainda entre as nações christãs, aqui e alli, subsistem vestigios d'estes antigos costumes.

Se insistem em que os pagãos conheciam o peccado original, a maldição do genero humano e as penas eternas, força é confessar que elles, segundo procediam, procuravam incitar a justiça divina. Que melhor modelo lhes sahiria a ponto?

Para lhes condemnar o procedimento é mister conceder que elles de Deus e da sua justiça apenas tinham falsa idêa. Phantasiavam Deus á sua similhança, vingativo, descaroado. D'ahi, a idêa das raças malditas, dos crimes e castigos hereditarios. D'ahi os pavorosos sonhos do inferno sem fim, dos máos abrazados e espedaçados vivos, dos algozes enfurecidos sobre as suas prêas immortaes, o chorar incessante, o suspirar sem echo, e os engenhosos supplicios todos do Naraka, indostamio inferno que ainda flammeja, e do Amenthi, egypcio, e do Tartaro grego, antigos infernos já agora apagados e que ha tantos seculos não mettem medo a ninguem.

III

Como o sacerdocio perpetuou estas tradições

A par e passo que a humanidade se illustra, vemos adoçarem-se por toda a parte as leis e os costumes; as religiões, porém, essas não: antes querem morrer que mudar; conservam como deposito precioso e inviolavel doutrinas antiquadas sem parentesco com as idêas e as necessidades das sociedades novas. Continuam a prégar aos povos policiados deoses ferozes. Faz-se mister um dia arrancar ao cutello sagrado as victimas humanas. Na Gallia foi forçoso derruir as áras e immolar os sacerdotes para acabar com os sacrificios abominaveis. Dá Moysés aos judeus a lei de talião, mas reserva a Jehovah a vingança, como os poetas gregos a reservavam a Jupiter. Querem homens bons e um Deus cruel, homens justos, e um Deus iniquo; e, sendo isto repugnante, fazem da justiça divina um mysterio, com a declaração de que o não podemos perceber. Préga Jesus exclusivamente a caridade, e morre em um madeiro perdoando a seus algozes. Tratam de conciliar a sua doutrina com os rabbinos, e logo nos figuram um Deus de duas faces: a doce face do Christo que contempla a terra, e no inverso d'esta face augusta e ungida de lagrimas, a face irritada de Jehovah, o Deus exterminador, o Deus inexoravel que persegue os filhos pelos crimes dos paes.

IV

Exemplo de um povo que permanece fiel a todas as suas antigas tradições

É a tradição a memoria do genero humano. Cumpre não menosprezal-a á conta das verdades que ella propaga; todavia não devemos escutal-a de joelhos, á feição de oraculo, por causa dos erros que a deturpam atravez de todas as edades e nações.

Que nos faz a nós que os antigos crêssem nas penas eternas? Não será isso que as tornará eternas, se ellas o não são. Mais antiga que todas as opiniões dos homens é a bondade de Deus; e as verdades moraes bem como as physicas dispensam o nosso consentimento para subsistirem.

Pois não girava a terra quando a julgavam immovel? Não era odiosa a escravidão quando a julgavam justa? Ha na profundeza do ceo estrellas que nossos paes não viram e nós vemos; e ha outras cuja luz não alcançamos e nossos netos verão brilhar.

Cumpre ver o ceo com os nossos olhos, e não com a vista dos que já são mortos. Não seria blasphemia crêr n'um Deus vingador, quando em seu proprio coração o homem não tinha discriminado entre justiça e vingança, e por isso a Deus se concediam sentimentos e acções que n'este mundo eram honrosos. Attribuir-lhe, porém, acções que passariam por injus-

tas, se commettidas fossem, seria arrogar-se o homem direitos de fazer-se melhor que Deus; e fôra verdadeira impiedade imaginar um Deus tal que envergonharia quem o imitasse. O passado lá vai. Os antigos deram suas contas; nós temos de dar as nossas. Quando um caminheiro cáe na estrada, quem se levanta côxo é elle e não seu pai. Qualquer crime que perpetreis servos-ha imputado a vós. Desquitar os homens, em nome das tradições, da responsabilidade da sua fé, seria remil-os da responsabilidade das suas obras. Ha quatro mil annos que os hindostanicos são escravos dos mesmos prejuizos, acorrentados nas mesmas castas, vinculados ás mesmas praticas, rojando e palpando no mesmo circulo d'erro e miserias, á similhança dos seus condemnados, no dedalo tenebroso e sem sahida do seu inferno. N'aquellas regiões morre o homem na condição em que nasceu: representa servilmente seu já morto pai, pensando e operando como elle. É, quanto menos póde ser, pessoa distincta e nova; é-lhe quasi inutil a razão; a memoria lhe basta; nem a consciencia vive em si; está fóra nas tradições oraes ou escriptas que reverenceia cegamente, porque antes de vir ao mundo já eram veneradas. Se ha verdade é o que essas tradições dizem; bem, é o que ellas ordenam; mal, é o que ellas prohibem.

Investigar para que? Que mais quer elle? Bello reclinatorio para a preguiça! Excellente desculpa para vicios! Valente obstaculo para virtudes!

Uma das glorias de Christo, um dos espinhos da

sua corôa santa, foi contrapôr o direito da consciencia individual á tyrannia das opiniões, tradições e escripturas judaicas. Ensinou-nos elle a sobrepôr o juiz intimo sobranceiro a todos os juizes da terra, e responsabilisou perante Deus o homem por seus actos, ao mesmo passo que os responsabilisou por seus pensamentos e sua fé.

V

Effeito d'estas tradições na edade media

As tradições judaicas e pagãs consubstanciavamse profundamente na edade media, acerbando-lhes as suas leis penaes com supplicios e torturas. As prisões não tinham ar nem luz; o adorno das masmorras era palha podre, pão e agua. Havia prisões subterraneas, tumulos onde o homem entrava vivo e não sahia mais. Até os mosteiros as tinham. O furto era punido com a morte; a morte punia a transgressão da lei sobre a caça. Em cada encruzilhada uma forca. Para os hereges fogueiras. E frequentemente uma familia inteira era castigada pelo crime do chefe, bens confiscados, casa arrazada, o nome proscripto. Nada digo sobre a servidão, degradação hereditaria, especie de mancha original e quasi universal em cada paiz, horrenda reliquia da escravidão antiga, e das superstições do Oriente.

Havia crença na efficacia d'aquelles horrendos cas-

tigos. E seriam por isso menos raros os crimes? O terror governava o mundo. E seria o mundo melhor governado? Ia n'isso a antiguidade das tradições. Dava-vos pena que ellas se abolissem? Quem ha ahi saudoso das torturas, masmorras, confiscações, fogueiras, escravidão? E quem ousaria pedir, por interesse da justiça e da moralidade, o restabelecimento das instituições da edade media?

VI

Como a sociedade christã se desvia progressivamente d'aquellas antigas tradições

Não ha muito que nós ainda tinhamos o nosso inferno: eram as galés onde as condições peioravam. Destruiram-nas, e crearam as colonias penitenciarias. Antes de nós, se deram bem com isso os inglezes. D'aquelle antigo inferno terreal, paraizo em comparação do outro, resta-nos como terrivel vestigio a perpetuidade do castigo para certos culpados. Quiz-o homem copiar o antigo Deus das vinganças, e infligir aos seus similhantes penas infinitas, tendo elle apenas um dia de seu. Taes penas se acham nos nossos codigos. A sabedoria humana é tão limitada como o seu poder. Mas, apezar de limitadissima, é admiravel! Com que arte a sociedade concilia os mais oppostos deveres — a protecção aos justos, e até a protecção aos culpados que ella extrema dos justos! Não os esquece nas

suas prisões, não renunciou ao direito de perdão ; não desentranhou de si o sentimento da piedade. Sobre essa paragem de miserias está sempre fixo um olhar de dó, e attento um ouvido que escuta os gritos do arrependimento. E acaso se enfraquece por amor d'isso a lei penal? E se o perdão salva um d'esses prezos que a justiça ferira com perpetua pena, cuidaes que esse acto robusteça o mal, e dê nas prizões ou fóra d'ellas um exemplo funesto?

Ainda mais: a sociedade amnistia algumas vezes propriamente o crime, derroga a sentença do juiz e restitue o criminoso em todos os direitos do innocente. Os crimes que ella amnistia quaes são? Os mais ultrajadores de sua authoridade, das suas leis, do seu repouso e existencia: amnistia os crimes de lesa-magestade, e contenta-se com perdoar os outros.

Este é o espirito das legislações novas em toda a christandade, nas quaes a misericordia se abraça com a justiça.

Inferno que nunca muda é só o theologico. É sempre o inferno da edade media, inferno de judeus e pagãos, os mesmos supplicios, os mesmos gritos, a mesma impiedade crescente, os mesmos horrores. Não querem que Deus tenha o direito de perdoar no outro mundo. Cá em baixo póde fazel-o, se lhe apraz, como qualquer rei da terra. Mas lá no seu reino não ha perdão nem amnistia! Colera infinita! Vingança perpetua! Inexoravel furor! Tal é, consoante o pintam, o Rei dos ceos.

Ditosos os povos cujos principes se não modelam por elle!

Quem quizer encontrar hoje imitadores do Deus terrivel dos antigos, ha de ir procural-os no novo mundo e entre as tribus negras da Africa, e nas hordas barbarescas da Asia. A sociedade christã, com maravilhoso instincto, sequestrou-se d'essas idêas de outra edade; e, com os olhos postos na cruz, prosegue e anhela realisar em suas instituições e leis um ideal menos imperfeito da soberana justiça.

CAPITULO SEGUNDO

A FÉ NOVA

I

Pater noster

Chamamos a Deus nosso pae e nos consideramos seus filhos. Um pae condemnaria seus filhos a supplicios eternos? Que a questão seja de ingratos e desobedientes, de rebeldes e de máos, embora: Deus é Deus, e nós somos homens.

O mais sabio ancião n'este mundo é perante o Pae celestial o que diante d'esse velho mortal, curvado ao pezo dos annos, é uma criancinha no berço. Perante o Pae do ceo somos todos crianças balbuciantes que apenas caminhamos com andadeiras. E a comparação é ainda muitissimo ambiciosa! Ha mais proporção entre o menino que balbucia e os maximos doutores theologos, do que entre os maximos doutores em theologia e o eterno Pai. Cobertos de seus circumspectos

barretes, aquelles doutores tartamudêam, gaguejam, balbuciam freneticamente, não se entendem a si proprios, descambam a cada passo, e movem á compaixão, se os compararmos a Deus. Dado que elles ainda durassem e crescessem em saber, ao mesmo passo que envelhecessem, nem por isso deixariam de estar como em perpetua infancia confrontados com Aquelle que tudo sabe, porque é infinito em sabedoria, em poder e bondade. Mas, d'outra fórma, a criancinha hontem nascida podeis já affoitamente comparal-a áquelles graves doutores; é um doutor que se aleita e entra em dentição: alguns dias mais, e vêl-aheis defender these e supplantar os professores.

Comprehendeis, pois, que, se o velho doutor em theologia fosse pae, mettesse o filho em um carcere cheio de serpentes e ahi o deixasse para sempre? Qualquer que houvesse sido a culpa do menino, julgareis justo e discreto similhante castigo? Não vos pareceria o mestre mais louco do que o discipulo, e o pae peior que o filho? O vosso primeiro empenho não seria pôr o algoz no logar da victima? Não se levantaria toda a sociedade contra esse sabio sem coração? Nossas leis, nossos tribunaes consentil-o-hiam? Ah! castigos, sim, mas castigos que corrijam, e o perdão a final: eis o que é justiça de pae. Não entendemos outra. Ao chefe de familia não se consente poder arbitrario sobre os seus: a esposa tem direitos; tem-os o filho, o servo, protegidos pela sociedade, que para esse fim especialmente se constituiu. Se isto repugna ás antigas tra-

dições, nem por isso é menos racional, equitativo e moral.

Ainda assim, por mais que fizesse este doutor atroz, seria menos cruel que o Deus prégado por elle. Se a morte não viesse rapidamente arrancar-lhe a victima, o officio de algoz cançal-o-hia. É difficil de supportar, ainda mesmo a um mau pai, o aspecto das torturas que elle exercita na pobre creatura que gerou. No coração humano tudo é mudavel, tanto o amor, como, por feliz compensação, o odio. Um principe merovingiano, chamado Charmne, revoltou-se contra Clotario; Clotario fez queimar vivos seu filho, a nora e os netos; mas diz a historia que elle se arrependêra. Se tal supplicio durasse uma semana sómente, de certo elle os teria salvado. Que bom pai! Que excellente rei!

Que amavel é este Clotario de par com o Deus que nos pintam! Este Deus quer que pensemos no inferno, mas não que se morra ahi; á imitação do algoz das prizões feudaes, deixa viver os pacientes torturando-os e disvela-se em lhes protrahir a agonia! Manda-os soffrer, ouve-os gemer durante a eternidade, e procede sua vingança, sem fechar olhos, sem tapar ouvidos, e por isso mesmo é que n'elle reconhecemos não um homem variavel, mas o que elle é, um Deus.

Ó Deus dos antigos, Bel, Teutates, Plutão, Eolin, seja qual fôr teu nome, Deus das batalhas, Deus do gladio, Deus dos fortes, guerreiro feroz, senhor irascivel, juiz sem entranhas, Deus dos eternos rancores,

*

tu não és o meu Deus! O Deus que adoro, o unico e verdadeiro Deus, é o melhor dos Paes; apezar das minhas culpas, não me trata como inimigo nem como escravo; conhece melhor a minha fraqueza do que eu a sua força; e, até quando me castiga, não esquece que foi elle quem me creou e que eu sou seu filho.

II

O purgatorio

É o purgatorio o logar incognito em que os mortos esperam, soffrendo, o perdão das culpas commettidas na terra. Ha ahi o chorar e o padecer; mas não se amaldiçôa Deus: bemdiz-se. Os soffrimentos ahi supportados são salutares porque se comprehende a justiça d'elles; e corrigem porque a esperança não é anniquillada.

Se tal logar existe, de que serve o inferno?

Deixar dizer que a eternidade é que apavora e refrêa o peccador. O peccador não sabe o que seja a eternidade; porque é impossivel absolutamente formar-se uma clara idêa do que seja isso. Se recuamos perante nós um pouco que seja as balisas do tempo, a nossa imaginação e razão se perdem; e cahimos nas prezas das mesmas angustias que sentiriamos, se vissemos a verdadeira eternidade.

Para que o homem se aterre lhe basta imaginar o soffrimento de que é capaz a sua natural sensibilidade,

e qual o podem comprehender as faculdades do seu entendimento. Para que iremos mais longe? Não é bastante ameaçar os maus com castigos proporcionados ás suas faltas, durante um espaço de tempo desconhecido ou incalculavel n'este mundo? O que fôr mais do que isto é inintelligivel. Para lá d'estes limites, a ameaça nada importa; a alma está refarta de justiça, oppressa de terror, extenuada de padecer, dobra-se, cáe, aniquilla-se, adora, supplica perdão, não póde comprehender senão a piedade, está surda e insensivel a tudo o mais. O remate da justiça para nós é o perdão; e, se n'essas extremas alturas onde a imaginação póde chegar, e onde o peccado roja gemente, se em vez de perdão, nos mostraes o odio ainda flamejante, lá vai tudo: o terror tocou o apogeu; turva-se a razão, idêa de justiça e de bondade tudo se desfaz; a alma, que cahira crente, levanta-se atheista.

Se o tal inferno existe, no outro mundo coisa comprehensivel ha uma só; é o blasfemar dos condemnados.

Mas se tal inferno existe, de que serve o purgatorio? Pois os protestantes não o aboliram discretamente? Para os que podem crêr em tal inferno, que é cem mil annos de purgatorio? Este acaba e o inferno não; seculos e milhões de seculos de penitencia não se contam, esquecem-se. Em vista d'este sinistro inferno em que a misericordia é desconhecida, inutil o soffrimento, e a justiça um enigma, o purgatorio é um paraizo. Quem nos dera a certeza de lá ir! que os castigos ahi

soffridos, por mais demorados e rigorosos que sejam, não ha temel-os: desejam-se. Por maneira que o mais terrivel castigo que imaginar se póde, o mais equitativo e rasoavel, deixa de impressionar as almas pervertidas pelo espectaculo d'uma punição sem siso nem justiça apparentes.

As pobres almas aterradas, aturdidas, estupefactas são impellidas involuntariamente a offender a Deus de dois modos; primeiro temendo-lhe a vingança, segundo não lhe temendo a justiça. A idêa dos castigos inefficazes e dôres infructiferas, por muito monstruosa, odiosa e falsa que seja, se humanamente a consideramos, torna inutil a idêa dos castigos poderosos e dôres salutares, por muito bella, clara, natural e divina que ella seja.

III

Necessidade do purgatorio

Quem quer que sejaes, senhor ou servo, rico ou pobre, esposo ou pai, viuva ou noiva, não negueis as expiações da vida futura. Não conheceis maus em prosperidade, cercados de respeitos, inaccessiveis á lei, e que se deitam e levantam sem remorsos? Não conheceis innocentes opprimidos, anciãos abandonados, orphãos desbalisados, pessoas honradas cuja vida é toda padecer e que nenhuma lei feita ou por fazer defenderia de homens ingratos e perversos? Se sois feliz

hoje, sêl-o-heis amanhã? Convencei-vos de que negar a vida futura, seria o mesmo que negar a immortalidade da alma, e logo sua liberdade e responsabilidade; e, por consequencia, o mesmo seria negar virtude, direito, Providencia, e constituir este baixo mundo um verdadeiro inferno, um sonho, um pesadêlo, onde tudo seria horror e abominação, excepto o nada, tudo injusto, excepto o crime victorioso, tudo absurdo, excepto a inveja, o egoismo, a violencia, e a astucia que se roja. Ah! crêde na vida futura, com suas expiações e recompensas. E, se ha quem exclua do ceo a piedade, não vades vós, por uma irracional desforra, excluir tambem do ceo a justiça.

IV

Mysterios

Não nos accusem os theologos de negarmos acintemente os mysterios.

Os theologos referem o que vae no inferno como se tivessem por lá viajado. Pelo que elles dizem é paiz dos mais conhecidos: sabe-se o caminho, quaes são os seus productos, e qual o modo de viver dos seus moradores, bem como a origem, nomes e a gerarchia dos principes que lá reinam. Em outro capitulo estudaremos as edificantes descripções que fazem d'elle já physica, já moralmente.

A'cerca do purgatorio tem havido mais prudencia

quasi nada se sabe do que la se passa: é portanto mais mysterioso que o inferno. Todavia, sem impedimento de ser mysterioso, que differença! Quanto mais profundamos a eternidade penal, menos se acredita; ao invez, quanto mais pensamos no purgatorio, mais nos sentimos compellidos a crêl-o. E' o inferno mysterioso como o diabo, como a noite, como a contradicção, a confusão e o chaos. E' o purgatorio mysterioso como Deus, como a alma, como a consciencia, como a vida, como a luz que nos alumia, como a materia impenetravel, como toda a natureza, como a verdade, como tudo o que existe e de que nós apenas conhecemos em sombra a existencia e apenas percebemos atravez de um veo, mas o bastante para não poder duvidar. E' elle tão certo como tudo o mais do mundo; assenta no intimo de nossa alma sobre as mesmas bases da moral, do direito, do dever, do respeito a outrem, piedade, liberdade, amor, e sentimento do infinito. E' por tanto o purgatorio, quanto á razão, o verdadeiro mysterio da justiça divina, assim como a Incarnação e a Paixão, quanto á fé, são o mysterio do Amor divino; — mysterio de justiça que, de mais a mais, se concilia maravilhosamente com aquelles mysterios d'amor, dos quaes o inferno perpetuo seria a negação.

Muitissimo nos espanta que os protestantes o não vissem. Quando tinham que escolher entre dous dogmas inconciliaveis, um velho e outro novo, sacrificaram, tanto em nome do Evangelho como da razão, um dos

dois que mais se harmonisava com as leis da razão e a moral do Evangelho.

V

O paraiso

Os protestantes não conhecem termo medio entre paraiso e inferno; os catholicos, porém, acreditam-no, e segundo elles é o purgatorio ceo nubloso e triste, inferno onde se ora e espera, e que deve acabar. Infelizmente os catholicos não enviam todos os mortos ao purgatorio, crendo que se póde transpor aquelle meio entre ceo e inferno, sem ainda lá pôr o pé. A' similhança dos protestantes, ensinam que muitas almas, apenas despidas do seu involucro mortal, são despenhadas para sempre no eterno abysmo, ao passo que outras almas, logo que despedem da terra, alam-se direitas ao paraiso. Ensinam tambem, uns e outros, que o mais abominavel patife, convertido á ultima hora, póde morrer contente: eil-o vai absolvido como o bom ladrão; não tem mais que fechar os olhos e acordar entre os anjinhos.

E' isto possivel? E' isto verdadeiro? Que é pois o paraiso, e que idêa fazemos d'elle?

Pois que! verei eu do seio da bemaventurança, e na inalteravel tranquillidade dos justos, verei sem remorso e sem afflicção, encadearem-se a meus pés, já na terra, já no inferno, as tristes consequencias das

minhas iniquidades? Nas minhas noites de libertinagem, matei; durante o somno de homens que valiam mais do que eu, assassinei um aváro para o roubar, um amigo da minha infancia para entrar no seu leito, uma mulher que eu havia seduzido e que morreu beijando-me as mãos, pensando em mim, a louca, mais do que em Deus! D'entre elles os peores que eu feri eram innocentes comparados comigo, e eil-os mortos intempestivamente, sem terem tempo de se arrependerem; eil-os engolphados na gehenna, com o coração roido pelo verme que não morre, gementes, chorosos, amaldiçoando-me; e eu, seu assassino; eu, peccador envelhecido na impiedade e agraciado por um milagre, louvarei Deus eternamente, por me haver feito instrumento da condemnação d'aquellas pobres almas!

Com as minhas delapidações, reduzi á miseria e a todas as tentações da miseria, e a todos os desvios da desesperação aquella familia que lá vejo em baixo: o irmão vende a irmã, a irmã vende a sobrinha, o pae vende os seus juramentos, os seus amigos, o seu paiz; a mãe arranca-se os cabellos; todos choram, todos soffrem, todos me accusam, e os seus gemidos chegam até mim; e eu hei de vêr imperturbavel, sem remorsos, sem dôr, aquelles fructos de meus crimes, aquellas ulceras, aquelles prantos, aquelles opprobrios, aquellas perfidias, aquelles escandalos em que eu tenho parte; e, pois que Deus se apiedou de mim, eu não terei piedade dos outros, e o que na terra me af-

fligia, quando eu agonisava, não me ha de affligir depois da minha morte. Este deploravel espectaculo, bem visivel a meus olhos, não impedirá que eu me saboreie na felicidade dos escolhidos; convencer-me-hei que vae n'isso o influxo dos designios do Altissimo, e que o homem, faça o que fizer, não tem que vêr com o resultado das suas obras; e em vez de bater no peito a cada sobresalto dos meus proprios crimes, a cada repercussão das minhas proprias blasphemias, a cada reflorecer das venenosas sementes—vestigio unico que eu deixei da minha passagem na terra—vestirei a alva tunica, e beberei na taça dos anjos, das virgens, dos heroes, e dos martyres, como se eu fosse um d'elles.

Na verdade é uma egregia doutrina esta da justificação do peccador, pelo reconhecimento e pezar de suas culpas; levada porém áquelle grau, similhante doutrina é tão incomprehensivel como a do inferno. De uma demasia nasceu outra: n'uma parte encareceram a justiça; na outra exaggeraram a piedade. Comtudo, entre o castigo infinito por um só peccado, e o immediato perdão apezar de mil peccados, havia o que quer que fosse que parece desconhecer-se: a justiça sem colera, a misericordia sem pusillanimidade.

Salvam-nos como nos condemnam, com pouco custo ordinariamente, pois que se com facilidade nos abrem as portas do inferno, com a mesma nos abrem as do paraiso.

Considerem entretanto o purgatorio, não como meio

entre o paraiso e o inferno, mas entre a terra e o ceo, ponto que certas almas atravessam rapidamente e quasi sem soffrer, e onde outros são condemnados a padecimentos mais ou menos extensos e variadissimos, consoante a natureza de suas culpas, e disposição no ultimo momento. Este purgatorio com as suas penas indefinidas, proporcionaes, rigorosas, purificantes, e, cedo ou tarde, coroadas pelo perdão, não seria um freio moral mais rijo que o medo das penas eternas, temperado pela esperança da misericordia na ultima hora, e pela reforma de vida na ultima edade? Convenho que não haveria medo de ser condemnado sem remissão; assim é; mas tambem ninguem presumiria de fugir ao castigo com um momento de contricção, depois d'uma longa cadeia de crimes. D'esta arte, Deus mostraria melhor o que é, justo, mas não cruel; bom, em vez de tolerante. Que mal lhe viria d'ahi? Commiséravos o lastimavel ancião coberto do sangue das extorsões e o tyranno abjecto que sopesou e corrompeu milhares de homens; tendes d'elles piedade, quando morrem chorando? tendes razão; mas apiedae-vos tambem de suas victimas ainda palpitantes, d'essas creanças que elles definharam e ceifaram em flor, e que vós condemnaes. Piedade e justiça para todos. Não desespereis os que vagarosamente caminham sobre os abrolhos da penitencia, mas não lhes encurteis a escada para os subir ao ceo. Sabei que na outra vida se chora amargamente o mal feito ao proximo que n'este mundo nos sobrevive, as desordens que se motivaram, as existencias

que se transtornaram, as quedas moraes que se occasionaram, e que o arrependimento na hora extrema, posto que grandemente salutar, é apenas o principio, e não o fim, das expiações d'uma vida culpada.

E' de crer que na Biblia e nos padres da Igreja isto se não encontre escripto; mas está escripto nas consciencias. Limpem os oculos e leiam.

CAPITULO TERCEIRO

OS FRUCTOS DO INFERNO

I

O bem

(BEM NEGATIVO, MONGES, ANACHORETAS, ETC.)

Se a morte vos sobresaltêa antes da penitencia, diz-se que sois condemnado por erro de espirito, por fraqueza dos sentidos, por um lance d'olhos, por um desejo culposo, e condemnado, sem esperança, tanto como se houvesseis sido um ladrão calejado, um parricida, um atheu. Lá vos está esperando o Senhor da vida; e ahi ides enredado em vosso peccado como ave cahida no laço. E tudo se acabou; tudo, sem que os vossos longos serviços ao genero humano contrabalancem o peccado final!

Se, no entanto, comparaes tudo que se ha mister fazer para ganhar o ceo ao pouco que basta para cahir no inferno, sereis forçado a reconhecer que as

probabilidades são dissimilhantes, e que o mais certo, faça-se o que se fizer, é a condemnação.

D'onde procede nas imaginações vivas a dominante preoccupação de evitar o inferno; e d'ahi, pelo conseguinte, e desde os primeiros seculos, uma especie de singulares virtudes, mais espantosas que bellas, mais extravagantes que insinuativas: virtudes falsas, sem utilidade do proximo, bem que os theologos no'l-as inculquem por ideal da perfeição christã. Tal é o retiro ao deserto, a renunciação propria, o morrer antecipado, o fugir combates da vida, o desquite de deveres da familia e da cidade, a ociosidade contemplativa e penitente, a maceração, o jejum, o perpetuo silencio, a insulação, o odio ao mundo, a oração entre quatro paredes. E', tambem, a santificação do celibato, como se a fecundidade dos sexos houvesse sido amaldiçoada, como se fosse culpa continuar a filiação de Adão, e virtude esterilisar em si os embriões da vida humana.

E certo é que, admittido o inferno, e a queda original, e o ensinamento que lhe anda annexo, que outra conclusão se colhe? Multiplicar os homens, para que? para multiplicar os peccados? Se é tão duvidosa a salvação! Se a condemnação é tão facil! Para que nos enlaçaremos á orla d'um abysmo onde o esposo póde despenhar-se com a esposa e o pae com os filhos? Bastantissimos mentecaptos se casam, e povoam terra e inferno de desgraçados. Não seria melhor deixar acabar o mundo? Bemaventurados os celibatarios! Os sa-

bios são os reclusos, os anachoretas, os eremitas. São como os viajantes que, em navio a pique, desampa- ram os companheiros, e salvam-se a nado. Cuidam só do seu salvamento; cada qual por si; soccorrer o ir- mão tem o risco de naufragio. Fazei como elles, nave- gantes; deixae no navio em sossôbro mercadorias, the- souros, e vossas mulheres, e mães, e vossos filhos, e fazei-vos ao largo: recresce a borrasca; rasga-se a vela; quem poder salve-se.

Bemditos sejam pois esses foragidos do mundo, mortos ao mundo e seus modelos, Simeão sobre a co- lumna, João no muladar, esses desvariados todos ma- cillentos, sujos, comidos de insectos. Grande vanta- gem levam: não tem que vêr com a terra, e já es- tão meios mettidos no ceo: o diabo já mal os póde aprezar.

Não é, todavia, a perfeição dos ascetas aquella que o Filho do homem nos exemplificou. Trinta e tres an- nos habitou Elle a terra, e quarenta dias sómente er- mou no deserto, não para nos lá attrahir; mas, a meu vêr, para nos distancear, pois que foi no deserto, e ahi tam sómente, que o espirito das trevas o tentou. An- teriormente havia Elle vivido trinta annos com a sua familia; e viveu o restante entre peccadores. E' para notar que nas suas modestas occupações, sob o col- mado do carpinteiro, e mais tarde nos campos, nas cidades, nas tavernas, em meio do povo que ensinou, curou e nutriu, não ousou o diabo tental-o!

Mal imita Christo quem foge o mundo que Elle

procurava. O sepultar-se um homem nos antros, a jejuar e a rezar por longo tempo, o sequestro da sociedade, o silencio, corpos macerados mal enroupados em pelles, exorcismos furiosos, luctas no vacuo, intrepidez baldada, e tantissimos outros piedosos desatinos não recordam exemplos do Salvador, mas sim as aberrações dos sectarios do oriente. Não póde ser isto a perfeição que Jesus veio ensinar aos homens; que tal chamada perfeição muitissimos seculos antes d'Elle já era conhecida dos pagãos idolatras, que tinham seus corybantes e vestaes, e bem assim dos judeus, mormente dos Essenios que a tinham aprendido dos magos da Chaldêa. Tal perfeição praticavam-a na India fanaticos sem numero, cuja raça ainda subsiste. Importamo'l-a dos mesmos paizes que nos mandaram a doutrina dos anjos rebeldes e a da reprovação dos homens — doutrinas cujo natural fructo é tal casta perfeição. Se o ideal da perfeição humana fosse isto, inutil seria o christianismo; pois que já os brahmanes a tinham ensinado dous mil annos antes do presepio, e os bouddhistas a tinham realisado mil annos antes dos monges da Thebaida.

E' certissimo que os bouddhistas não visam exactamente ao mesmo scôpo que os monges catholicos: aquelles buscam em suas austeridades a morte absoluta, a destruição de sua personalidade, o serem absorvidos no ser universal, ao mesmo tempo que os monges, se renunciam ao seu *eu* neste mundo, é para o retomarem n'outra vida. E', comtudo, egualmen-

te certo que, sem embargo da diversidade dos fins, vigora em ambas as seitas um principio commum, sendo que por identicas vias e praticas procuram a eterna bemaventurança uns, e outros o perpetuo dormir, a eterna insensibilidade. Só de per si o desejo do ceo não bastaria a inspirar a uns o mesmo proceder que inspira aos outros o desejo da anniquilação: pelo que, não é o desejo, senão o medo que povôa os desertos. Os bouddhistas, por egual com os christãos transviados, temem os soffrimentos infindos, os males sempre a renascer, se n'este mundo não attingirem a vida perfeita; e tanto para elles como para os nossos monges, vida perfeita é o absterem-se da vida, é a virgindade, o jejum, a penitencia, a soledade, o extasis, o antecipar a morte, um complexo de estereis virtudes, não filhas do amor, senão do mêdo.

Tal é, na sua mais elevada expressão, o bem que a crença do inferno produz n'esta vida. Causa espanto que os protestantes hajam conservado este dogma! É, porém, mais para espantar que elles, ao mesmo tempo que o conservam, destruam os mosteiros e inpugnem o celibato. Não ha ahi imaginar maior inconsequencia! A primitiva Igreja, que elles pretendem resurgir, cria sem duvida nas penas eternas, é isto mais que muito verdadeiro; mas pelo menos, operava em conformidade com sua fé. N'aquelle tempo, os esposos, ainda em vigorosa mocidade, guardavam continencia, sob pena de peccarem, durante o advento e quaresma, e nas festas e dias de jejum, pouco mais ou

menos tres quartas partes do anno. D'elles alguns, para maior perfeição, não usavam nunca os direitos conjugaes, e envelheciam sob o tecto nupcial, em voluntario celibato, denegando-se as frias caricias que o irmão faz a sua irmã. Os ricos empobreciam-se, despojando-se espontaneamente de seus haveres, e os pobres lidavam para viver, mas descuidosos de amontoar, nem como previdencias para a velhice e infermidade, nem para legarem a filhos. Conta-se que desadoravam empregos publicos, e evitavam, como escolhos da alma, as emprezas lucrativas nomeadamente as commerciaes. Nunca espectaculos, nem jogos, nem dansas, nem folias. Sobriedade extrema, vestidos nem apontados nem de preço, jejuns em barda, orar dia e noite, lucta incessante e pertinaz contra a natureza. O seu distinctivo de christãos era aquelle. Uma leve falta, acareava-lhes a excommunhão; e, antes de absoltos, eram experimentados em seu arrependimento, por espaço de mezes e annos, quando o não eram até morrerem. Em quanto durava a penitencia, eram apontados, não só nos templos, durante os mysterios, senão tambem no exterior e nas relações da vida civil; e, por cima de ninguem os querer á sua meza, até as esmolas lhes regeitavam.

Diz com rasão Fleury que a vida dos nossos monges regulares corre parêlhas com a do commum dos fieis da Igreja nascente, cuja continuação é [1]. E ac-

(1) *Costumes dos israelitas e christãos,* tom. II, cap. 53.

crescenta ([1]) que já entre aquelles fieis havia ascetas d'ambos os sexos vivendo reclusos. Eram os mais perfeitos, e exemplares. Taes ascetas, verdadeiros ascendentes dos monges contemplativos, trappistas, cartuchos, carmelitas, claristas, etc., esforçavam-se por imitar a vida de João Baptista no deserto e a de Elias no Carmelo.

Curavam elles pois, como já dissemos, uma perfeição diversa da de Jesus: anhelavam a perfeição negativa, qual os judeus e os orientaes a preconisavam; judaisavam sem darem d'isso tento, e os christãos seus imitadores continuavam inadvertidamente a tradição, não já de Jesus, mas de João Baptista e Elias, tradição congruentissima com o inferno. Já no tempo das perseguições era povoada a Thebaida; não tinha então a Igreja um tecto debaixo do ceo; e só depois que principiou a erguer templos é que edificou mosteiros, sua primeira obra depois que sahiu das catacumbas. E' pois evidentissimo, em que peze aos protestantes, que o catholicismo não se apartou do espirito dos tempos apostolicos, nem das praticas de então, e que a vida monachal detestada por elles, é ainda hoje em dia o que outr'ora foi, a mais bella flor, e o mais mimoso fructo dos dogmas hebraicos, que elles tão piedosamente tem conservado.

(1) *Costumes dos israelitas e christãos*, cap. 26.—Citei esta excellente obra por que ella é manuseada por todos, e facilima de consultar. De mais a mais, depara-nos a indicação das fontes onde o auctor bebeu, dispensando-nos assim de as indicarmos n'este livro.

II

A carmelita ou o ideal da perfeição theologica.

Comvosco admiro as religiosas que, sob diversos nomes e com diversos habitos, assistem ao genero humano, tanto com suas orações, com o seu trabalho quotidiano, com toda a celeridade de seus pés, com toda a agilidade de suas mãos, como com todas as forças de seu ser. Credes que não é possivel seguir mais do que ellas os divinos vestigios do Salvador. Ah! quanto vos enganaes! Quanto são baixas e eivadas de heresia as vossas idêas! A perfeição não consiste na vida activa e benefica das irmãs da caridade; onde ella está, segundo o ensinamento dos theologos, é na vida contemplativa.

Se procuraes, senhora, o modêlo para vós e vossos filhos, encontral-o-eis na carmelita, com preferencia á irmã da caridade. Aquella morreu para o mundo, jaz no seu cubiculo como em um tumulo. Vá quem quizer agasalhar orphãos, ensinar ignorantes, restaurar peccadores, curar doentes, ensinar officios a servos, dar voz a mudos. Affronte quem quizer o contagio de nossos vicios! Quem quizer que cure a nossa lepra! Esses cuidados vulgares não os quer a carmelita para si. Aos pés do altar, com os braços levantados ao Senhor, é o seu posto. Não se bulirá d'alli, ainda que todo o paiz arda ensanguentado. Não lhe digaes: vosso irmão está a morrer; vossos sobrinhos vos estão cha-

mando. Não lhe digaes: arde a peste na cidade; á vossa porta está a maca. Ha muito que ella concebeu tedio do mundo; não lhes leveis novas d'elle, que perturbarieis o seu socego. Quanto menos ella se inquieta d'essas transitorias miserias, mais os theologos a admiram. N'isso mesmo, — crêl-o-eis? — é que está, segundo elles, a sua superioridade sobre a irmã da caridade, cujo coração virginal arfa como coração de mãe ao grito da criancinha (1).

A carmelita não pensa, nem tem que pensar senão em sua propria salvação, e tal pensar é um manancial das commoções que unicamente lhe são permittidas. Bem que ella viva dez, vinte, cincoenta annos sob o

(1) Elles comparam as irmãs da caridade áquella mulher de Bethania chamada Martha, a qual, vendo entrar Jesus em sua casa, se deu pressa em lhe servir a ceia; e comparam a carmelita á Magdalena que, em vez de ajudar Martha nas suas diligencias, lavava e perfumava os pés do divino hospede, enxugando-os com os seus cabellos. Diz porém o Evangelho que Jesus estava á meza quando Magdalena lhe abraçou e ungiu de lagrimas os pés. Não ha palavra na relação dos apostolos, d'onde possamos colher que é melhor orar pelos famintos do que alimental-os. O contrario é que lá se diz; e quando Jesus nos faz assistir de antemão ao julgamento do dia final, exclama: tive fome, e vós me alimentastes; tive frio, e me vestistes. A scena de Bethania, e o louvor dado a Magdalena, não desluz o claro ensino do Evangelho. Este episodio prova sómente que não basta alimentar os pobres, mas que tambem é mister instruil-os como filhos de Deus, os melhores amigos de Jesus, e sua visivel imagem na terra: o que rigorosamente fazem as irmãs da caridade, e não fazem as contemplativas.

veo, fará todos os dias, á mesma hora e da mesma maneira, a mesma coisa sem poder por seu arbitrio alterar-lhe o minimo. São-lhe pautados os movimentos, e contados os passos. Em todo o curso de sua vida não ha a menor surpreza, o minimo abalo, o imprevisto, a menor liberdade, ou elevação espontanea das faculdades moraes. Estão definidas e immutaveis as suas relações com todas as coisas animadas ou inanimadas que a cercam: não se afeiçoa, não escolhe, não se decide. E'-lhe prohibido ganhar affecto a coisas e a pessoas. A abelha é mais livre do que ella em sua colmeia, e menos inflexivel que as regras monasticas é o instincto que a dirige. Uma communidade de freiras parece-se a um povo de automatos e não a um enxame de seres viventes. E essa é que é a condição pela qual a harmonia subsiste. N'estas sociedades contra natureza, é prudente que a natureza seja algemada; pois, se lhe dessem folga, ella se revoltaria; e por tanto é forçoso esmagar a liberdade como cautela para que a licença não vingue. E' pois a carmelita em todos os seus actos mera machina. Tem alma para obedecer e trabalhar na sua interior perfeição, destruindo em si, cada vez mais, vontades, desejos, e individualidade até ás raizes. Onde está a lucta está a vida. N'esse immutavel centro, solitario e silencioso, onde se caminha sem mudar de piso, passa a adolescencia sem curiosidade, e a velhice sem experiencia nem memoria. Ahi nada se renova; o dia que chega nada promette; o dia que finda nada deixa; é a vida um

livro, cujas paginas em vão se folhêam: sobre essas paginas brancas ha uma só phrase, do começo ao fim, sempre a mesma: «pensa em ti, pensa na eternidade.»

Ahi vem agora com que espancar o tedio do mosteiro. Á mingoa de grandes e formidaveis combates do lar domestico e da sociedade, isto é, da vida real qual Deus a fez, a ociosa carmelita pugna heroicamente contra sua razão, contra seus sentidos, imaginação, e faculdades inactivas. Crê resistir ao diabo, resistindo á necessidade de operar, de amar, de saber, e ser util: estafa em puerilidades a sua virtude. Se durante o officio, uma mosca lhe pousa no nariz, é um caso, é uma provação. Se está distrahida, assalteam-na remorsos; se impaciente, vai confessar-se d'isso. Uma pulga é outro inimigo terrivel, outra occasião de grande queda ou de grande victoria! Um alfinete mal pregado, um vêo descomposto, uma lembrança, um gemido, um pensamento clandestino, o rastilho d'um rato atraz do armario, um *Ave* esquecido, ó cathastrophe! ó remorso! ruina de Sião! prantos de Job! brados de Rachel! transportes de Jeremias! Qualquer bagatella a alvoroça como materia de peccado mortal; qualquer futilidade lhe avulta com proporções monstruosas; pesa grãos de areia, e mede os atomos.

Pois se ella conseguiu esquecer sua familia, seu paiz e o mundo, não a cuideis completamente impassivel como se vos figura: o que ella fez foi concentrar em si e para si o amor e piedade que nega aos outros.

Idolatra-se, não ao modo dos sybaritas, mas por um theor que, posto não seja sensual, não é menos egoista: absorve-se em contemplação de sua alma; no proprio coração preenche o vacuo de familia e de amigos, e de quantas creaturas de lá expulsou. Contempla-se sósinha, entre o inferno e o céo, a tremer perante um tal espectaculo, e sempre fluctuando entre estes abysmos, ora nas alturas, ora nas profundezas, passa de um delirio a outro, e das palpitações do terror ao extase dos seraphins.

Eu por mim não sei se Deus sorri a taes futilidades, a tal vida que não é viver, e a tal morte que não é morrer; mas os theologos affirmam que é n'isto que a perfeição consiste.

E forçoso é concordar que elles tem razão, se ha inferno. Se ha inferno, a irmã da caridade é imprudente, e nós, os admiradores d'ella, somos sandeus. O sequestro mais rigoroso é a consequencia legitima, natural, necessaria e fatal d'este dogma selvagem. O alicerce, a porta e o tecto do mosteiro é aquelle dogma, que desata as sociedades naturaes e viventes avinculadas pelo amor; é elle o occulto liame d'aquellas sociedades de automatos que não permaneceriam um dia, nem hora, nem momento, se tal dogma fosse proscripto. Sem inferno, a vida claustral não se percebe; com inferno, não ha imaginal-a mais a ponto, e é obrigatorio confessar que, de feito, a perfeição está n'ella, visto que a razão está com ella.

Não obstante, filhos do seculo, não renuncieis

afogadilho de seculo, que vol-o prohibem os theologos.

Ficai entre peccadores, no foco das tentações, dos escandalos, dos erros, e das ciladas que vos tramam. Razoavel coisa seria fugir para o porto seguro que vos offerecem; mas não vades; continuae a navegar entre restingas, á mercê dos tufões, aos clarões dos relampagos. O convento não vos quadra; porque não foi feito para muitos.

Entendo, direis, que o convento se abriu para os entes mais debeis, para os incapazes não só de ajudar a outrem, mas tambem da mesma mente se salvarem, sem se arriscarem ás tempestades. Faz-se mister ás almas frageis e justamente timidas o estreito cenobio do claustro, a protecção das gradarias, a escravidão, as regras, o véo sobre os olhos, a mordaça nos labios; sem o que se perderiam. Em quanto os valentes combatem, vão ellas esconder-se longe do inimigo.

No seu caminho se arrastam gemebundos alguns fugitivos, fallidos de animo, cahidos por terra, feridos de suas proprias armas, e quem sabe se alguns heroes alanciados no coração! Entendo, direis, que o claustro é o refugio dos pusillanimes, o porto dos naufragados, o hospital dos infermos, e aqui se mostra a apparente razão porque nem toda a gente lá póde entrar.

Está enganado o duro leitor, que nada percebe dos mysterios theologicos. Saiba pois que o claustro é o asylo dos fortes; e que só lá são recebidos os athle-

tas a primor, mais puros e intrepidos, a flôr da juventude christã. Não soffre a menor duvida que é mil vezes mais de perigo a sociedade onde os soccorros são muito menos do que os retiros abençoados. Que nos faz isso! De logar abrigado e onde a graça superabunda é que os poucos são repulsos, com quanto, ao primeiro intuito, nos pareça creado para elles; ao mesmo tempo que do baluarte das luctas angustiosas se retiram os fortes, com quanto pareça tambem este o seu logar proprio.

Os coxos, os cegos e os inermes são postos na liça sanguinosa; os mais aguerridos soldados enclaustram-se. Espantem-se e riam-se, que a coisa é assim; e, senão, perguntem-no á Sorbonna.

E assim é preciso que seja, pois que a perfeita vida é a claustral, que, no entender dos theologos, vem a ser a mais avêssa ás inclinações de nossa natureza viciosa, e, por conseguinte, a de mais difficil observancia; mas, porque é impraticavel na sociedade, não se lhe dispensa de ser exemplo á sociedade; e, sem presumpções de lá chegar, devemos propender para ella continuamente, visto que estamos tanto mais á beira do inferno quanto longe d'aquella vida perfeita.

Que se hade fazer, pois? Eis o problema. Cada qual tem no mosteiro um trilho feito, e o futuro certo, portanto está quite de cuidados que fóra d'ahi seguem a pobreza, o trabalho, e até a riqueza, além das responsabilidades que a toda a hora pendem dos actos de uma vontade livre, n'um viver sempre fluctuante.

No mosteiro é tudo exemplos edificantes; e, posto que seja defezo ahi grangear um amigo, em compensação não se adquirem inimigos.

Nem impeços, nem disputas, nem conflictos, males que a liberdade produz, sendo que a servidão lhes esmaga os embriões. No exterior é tudo recolhimento, paz, ordem, silencio, e esforço; perturbações, se as ha lá, vem do intimo e do recondito do nosso ser. O unico inimigo que ahi ha que recear é o diabo, tal invisivel e impalpavel adversario que todos trazem comsigo, fracos e fortes, mundanos e frades; porém tal inimigo perde no claustro boa parte das suas prerogativas; porque alli não está elle como em sua casa, e no seu reino: são-lhe menos os ministros, os vassallos, e os recursos. O recluso, afóra a pessoal energia de que é dotado e lhe assignala a vocação, topa ahi de todos os lados conselhos e amparos; e como quer que tenha em frente aquelle unico inimigo, soccorre-se de mil auxilios, que faltam ao homem do seculo, e, máo grado a sua fraqueza original, vence-os. Que fazemos pois n'este misero mundo em que a infermidade nos algema? Ha aqui o rir, o chorar, o renhir, o disputar, o abraçar-mo-nos, o odiarmo-nos, perseguirmo-nos, e o aniquillar-se o homem contra homem: é uma reluctancia sem fim, e sem regra, um retinir de espadas, um estrondear de martellos, de carros, de machinas, de cantares, de gemidos, um cháos, uma desordem, da qual a clausura não poderia dar-nos sombra de idêa. Aqui, são mil os objectos em que a alma

anda repartida; as diminutas forças que temos dispersam-se. Acolá o inimigo identificado comnosco, traz escolta de auxiliares, e a lucta interna de que ninguem se izempta, complica-se com as luctas externas e inevitaveis. Cada homem tem de bater-se com uma legião. Quantos cuidados! Quantos deveres! Quantas incertezas e anciedades! Quantas encruzilhadas sem nome, sem pharol, sem sahida! Que poeiras, e que sombras!

Considerae aquella mãe de familia a quem encareceis as virtudes da carmelita.

É pobre, todos os seus parentes são pobres, os filhinhos rotos, famintos, quasi sempre doentes, o marido alquebrado do trabalho, ou que, desanimando, se envileceu e a espanca, um patrão, um proprietario, credores, mestres, amos, amigos, e que amigos! conselheiros, mas conselheiros de Job! Se tal mãe é rica, tem uma casa que reger, creados a dirigir, os quaes nem fizeram voto de pobreza, nem de obediencia; filhos a educar, sagrados interesses que defender, relações que receber, um marido a contentar, quer seja honrado ou não, quer seja piedoso ou impio. Com vontade ou sem ella está continuamente a braços com as paixões alheias, com caprichos, interesses, vontades e affectos contrarios; de contínuo em face de circumstancias imprevistas, casos litigiosos e incertos, onde lhe é forçoso resolver-se quando qualquer resolução é perigosa, não o sendo menos os perigos, se se absteem. É preciso que ella, se quer salvar-se, seja a um tempo

economica e caritativa; communicativa, mas discreta; umas vezes branda, e outras inflexivel; expedita, mas reflexiva; previdente, mas conformada a todos os sobresaltos da fortuna; que viva ao mesmo tempo em si, e nos outros, para si, e para todos: missão indefinivel, cheia de contrastes, de atravancos, de cruzes, mais ardua e mais difficil que a missão da freira.

Digam embora que esta mãe de familia tem na sua miseria satisfações, tranquillidade e jubilos que não goza a carmelita: depende isso de saber se os jubilos de que fallam são comparaveis ás dôres que a freira ignora. De mais, esqueceis que esses prazeres são um engodo e que se prendem n'elle sem o conhecer, e se prendem tambem quando o conhecem. A saciedade, o desgosto, e o cansaço são as naturaes barreiras da voluptuosidade. Chegará até ahi a mulher christã? Não o permitta Deus. Até onde irá? É ponto mathematico que separa o peccado do prazer licito; e, quando o limite se procura, onde fica elle já? Raras vezes estamos a sós com a serpente como Eva no Eden, e a freira na cella. Á mesa e em toda a parte ha quem vos distraia, seduza e arraste; bebemos sem sêde; está a bocca repleta, mas os olhos famintos; o gozo que satisfaz a precisão aguilhôa o desejo. Quem houver de parar a tempo na ladeira onde o aventurarmo-nos é permittido, ha de ter mil vezes mais vigilancia, cuidado e pòder sobre si, do que lhe seria preciso para lá não pôr o pé. Conceder alguma coisa á natureza é contiçar o fogo que quizeramos extinguir;

é alimentar o leão que desejaramos estrangular. Das delicias menos carnaes, toucador, conversação, emprego de teres e do tempo, é ainda mais desconhecido o limite, maior a liberdade, e mais temivel a responsabilidade.

Não me fallem de umas satisfações mentirosas que o terror empeçonha quando se pensa n'ellas, e que o inferno corôa, quando se não pensa no inferno. Por certo que é duro, mas o mais prudente é regeital-as. A abstenção é uma lei simples, clara, e breve: é bastante que haja coragem para a praticar sobretudo nos votos conventuaes. A freira, com o andar do tempo, afaz-se á lucta; curva-se ao jugo; os sentidos privados de excitações amortecem, até que, por fim, a coragem se torna tão inutil quanto lhe foi em todo o tempo inutil o espirito de proceder. Mas, se a lucta intima se prolongasse, a freira para evitar os desvios e as fugitivas rebeldias do corpo e da vontade, careceria de ter até ao seu derradeiro suspiro o inferno diante dos olhos, o cilicio na cintura, e o terror na alma. Assim é, mas que importa? Comparado aos soffrimentos de uma mãe, o que é o cilicio de uma virgem? Quem ousará comparar essas duas existencias? Comparar receios pessoaes com receios generosos? Combates sem testemunhas a combates exemplares? Trabalhos infructiferos a fecundos suores? E fallando sisudamente, e na melhor fé, se uma d'essas duas pessoas devesse copiar a outra, não é de certo a mãe que devería servir de modelo? A irmã da caridade não é

já de si mãe? E a esposa de José que trouxe em seu seio, e nutriu com seu leite o Filho do Homem, e ao pé da cruz lhe recebeu o ultimo alento, não foi ella, em sua amargura, a mãe adoptiva de João, o amigo d'Aquelle por quem chorava?

Que jactancia é essa então d'um desprendimento de affectos e vontades? Para que querem insinuar em nossos lares taes inquietações, terrores e escrupulos, unicas occupações do claustro? E para que é, em nome do ceo, sobrecarregar de jejuns e abstinencias a jornaleira, a camponeza, a mãe, que já vacillam sob o fardo do padecer e trabalhar?

Vê-se que theologia e bom siso são coisas infelizmente contradictorias. Vê-se que seria preciso abolir o inferno para que depois viesse a renuncia das macerações, terrores e falso ideal que um claro entendimento reprova.

Mas porque não se apaga o inferno? Extincto elle, brilharia o purgatorio com luz mais viva e salutar. O inferno é que faz odiosa a liberdade, rebaixando-a e vilecendo-a; o purgatorio volve-a estimavel, realçando-lhe bellezas, dignidade e grandeza, sem lhe dissimular os perigos e as penas. Quem crê no castigo eterno, enterra o talento para que o Senhor lhe não toque. Quem melhor conhece o Senhor e sua justiça faz render cinco talentos em casa do banqueiro, arriscando-se a perdel-os. O purgatorio actualmente de que vos serve? Dizem que a pobre carmelita se abalança a lá arder milhares de annos, por causa de al-

gum secreto estremecimento do seu corpo que ella tanto disciplinou; por causa do captivo espirito que tão enfreado trazia, ou, emfim, á conta do coração generoso, cujas pulsações tantas vezes abafára.

O purgatorio deve aterrar principalmente a freira e os que vivem como ella; ora os mundanos não tem razão de se affligirem, antes devem consolar-se, pensando n'aquelle logar de supplicio. A nós, filhos do seculo, não nos é racionalmente permittido aspirar áquella dolorosa felicidade, que é castigo dos sanctos e o seu primeiro galardão ao mesmo tempo. Em vez, porém, de o desejar, e desejar em vão, como nós o temeriamos, se elle fosse a unica estancia em que se cumprisse a justiça de Deus! Que mudança se faria em tudo d'este mundo! A perfeição e a salvação não estaria na ociosidade em joelhos, no terror em oração, no fugir ao proximo, no entregarmo-nos a algumas privações e dôres corporaes, arbitrariamente substituidas ás dôres e sacrificios de uma vida proveitosa. Então se entenderia que ha dous modos de abusar de nossas faculdades, uma que está no desprezo d'ellas, com receio de as usar inconvenientemente; outra que consiste em nos servirmos d'ellas indiscretamente e ao avesso das intenções da Providencia que nol-as deu.

A doutrina do Evangelho não é doutrina de abstenção; é doutrina de acção: causa porque o purgatorio lhe quadra melhor que o Evangelho. Carecemos menos de frades que de christãos. Se o inferno refreia o mal, tambem impede o bem. A ameaça seria

salutar; mas ella faz mais que ameaçar, empedra como a cabeça de Meduza quem a encara a fito. Tende a supprir com uma especie de passibilidade estupida a livre e intelligente actividade da alma. Não derime o egoismo, exalta-o a mais não poder, e tal exaltação devidamente localisada no deserto, n'uma gruta, no claustro, é medonha de vêr-se no seio das familias.

III

Discurso de uma mulher de sociedade que havia tocado a perfectibilidade theologica

De que serve amar-se a gente n'este mundo? Acaso nascemos uns para os outros?

Somos apenas companheiros de viagem que uma eventualidade ajuntou por momentos, mas que breve se hão de apartar, e talvez para sempre. Prestemo-nos de passagem alguns serviços, mas por amor de Deus, sem nos ligarmos reciprocamente. Por que ha de a gente amar-se? Vós que me ouvis, sabeis quem sou? E eu que vos fallo sei quem vós sois? Tendes um ar angelical, ó meu irmão, mas o interior de vossa alma não o vejo; o semblante do homem é enganador; a sua lingua é atraiçoada, as suas proprias virtudes são perfidas.

N'este mundo é tudo armadilha e mentira. Que demencia o amar, quando, com certeza, ninguem póde fiar-se d'outrem! Que injustiça querer um que o amem,

quando nem a si mesmo se conhece alguem, e a cada hora se altera o genio, e ninguem póde fiar mais da duração de seus sentimentos que da duração de sua vida! Viajamos mascarados, só conhecidos de Deus, mas tão occultos a nós mesmos quanto aos outros. A que propendemos? Mal o sabemos, tão fluctuante é a nossa razão. Se melhor nos conhecessemos, a maior parte de nós se mutuaria rancores; em vez, porém, de se odiarem, os homens se entre-buscam no seio das trevas, attrahidos pelo mysterio que os innubla, e que devêra, se elles fossem discretos, afugental-os uns dos outros.

Ah! não nos amemos, não nos amemos! Ai d'aquelle que dá seus amores á creatura! Ai dos que se amam sobre a terra! É sombra que abraça a sombra, é o nada que se une ao nada. Amavel é só o bem: o restante é detestavel. Meu pai, honro-te e sirvo-te, por que vai n'isso um dever meu, e porque podes ser, sem que eu o saiba, um santo; amar-te, porém, não posso, porque, se n'este instante morresses, ninguem me certificaria de que Deus te perdoára. Eu devo amar em ti, sómente o bem occulto que ahi póde estar, e o amo em ti como nas outras creaturas, sem predilecção por alguma; porque esse bem occulto não provém d'ellas; e, se em ti existe — o que eu não sei, mas muito desejo — não procede de tí. Não te julgo, meu pai. Se eu escutasse o sangue, creio que te amaria até culpado, unicamente porque és meu pai, e eu me lembro de ter dormido em teus braços. Mas estes

momentos da natureza corrompida já eu venci. Nada me és. Tracto da minha salvação servindo-te e honorificando-te; mas amar-te seria perder-me, por que amar o homem em si mesmo é amar o peccado. Na outra vida não ha maridos, nem esposas, nem paes, nem filhos, nem familia. Pais e filhos, mães e filhas, irmãos e irmãs serão separados no dia do juizo, desatados todos os vinculos. Não amemos ninguem, ninguem! Já póde ser que o inferno se esteja escancarando para aquelle que amarmos, e quem sabe se nós não cahiremos lá tambem empurrados pelo nosso amor? Nada de sentimentos cegos; nada de sentimentos corruptores. A ternura do homem é um disfarce de odio; e mais valera que elle nos odiasse francamente. Não amemos ninguem! ninguem! Póde ser que por ao pé de nós andem condemnados, cujos nomes ignoramos. Não amemos alguem, que nos não vá sahir algum reprobo.

Sou tua serva, ó meu esposo; servir-te-hei, obedecer-te-hei; e para te agradar o dever me forçará a cumprir o que me pedires do coração, que não é teu.

São doentes os nossos filhos? Por que te assustas? São hospedes que te foram confiados, e que tu deves esperar vêr irem-se ao primeiro aceno de quem t'os mandou. Eu que os trouxe no seio e os criei, vel-os-hei ir, sem lagrimas. Quem sabe onde irão quando nos deixarem? Cumpria que lhes vissemos o fundo d'alma para os amarmos. Praza a Deus que elles morram na sua divina graça! É o meu mais ardente voto; e, se mais além eu fosse, a minha ternura seria fra-

queza. Se elles vão ao céo, hei de eu chorar-lhe tamanha dita! E se são condemnados.... Não amemos ninguem, ninguem, nem os nossos filhos sequer! Familia temos só uma: é Deus com os seus anjos, e confessores e santos. Tudo mais não merece uma lagrima nem um sorriso. Roguemos, por tanto, uns pelos outros, filhos do peccado, mas nada de nos amarmos.

IV

Discurso de um mundano, após bastos estudos ácerca da perfeição theologica

Em continuo pavor do inferno viveram os santos: orações, jejuns, cilicios, meditar nas escripturas, vigilias ao pé da cruz, bençãos de pobres soccorridos por elles, perpetua immolação, indigencia de cella, ninhos de palha, alimento a pão e agua, nem com tudo isto socegavam. Viviam como anjos, e temiam. Tremiam guerreiros, padres, doutores, pontifices — Mauricio á frente da sua legião; Gregorio, o Grande, sob a tiara; Agostinho, no pulpito: Jeronymo, em suas estudiosas viagens; Antonio e Pacomio no reconcavo das penedias. Noites alvoroçadas de pavor passava Thereza no claustro. Nem a innocencia da vida, nem a adoravel castidade das almas, nem a tunica immaculada, nem as mãos impollutas, nem o acerbo arrependimento dos penitentes, com o rosto sulcado de lagrimas, nada, nada lhes aquietava o medo da colera divina. Redo-

bravam cada dia austeridades e sacrificios, persuadidos de que não mereciam a misericordia que tão precisa lhes era.

Ah! se a alma só assim se salva, perdidos estamos todos, ó meus amigos!

Bem ouço o theologo que nos diz: Não é assim; a salvação ganha-se com menores trabalhos. Deus não exige que todos os seus filhos sejam egualmente perfeitos. Mas ao theologo respondo: Estás perdido como nós, tu e tambem os teus mestres, e os teus discipulos, estaes perdidos todos. Os exemplos que nos cumpre seguir são os dos santos, não são os vossos. Mostrae-nos na Legenda um só santo que subisse ao céo pelo caminho commodo que descobristes. Debalde hei buscado, com fim de o imitar, um homem meio santo e meio peccador, servindo Deus e o mundo, temendo, como eu, a miseria, a dôr, as humilhações, condescendente comsigo proprio, almejando viver no coração de outra creatura, chorando sobre as illusões esmaecidas como Pedro sobre o seu peccado. Não encontrei tal homem. O mais que vi foi milagres de stoicismo, maridos que deixavam as mulheres, mulheres que deixavam os maridos, filhos que fugiam ao abrigo dos paes, ricos que todos seus haveres dispendiam, bispos que fallavam verdade aos reis da terra, á custa da vida até; ninguem que se contentasse de cumprir no rigor da palavra os preceitos de Deus e da Egreja; por toda a parte almas ardentes de zelo super-natural, tendo apenas de humanas os incançaveis escrupulos, os in-

quietos terrores; justos sem socego, penitentes sem repouso, virgens lagrimosas e anachoretas angustiados.

Vós, porém, que vos quereis salvar e salvar-nos com menos custo; vós, que viveis regalados em quanto o Christo mendiga á vossa porta; vós que tendes riquezas ao sol e riquezas á sombra, quando na vossa parochia tantas familias laboriosas carecem do mais urgente; vós, que cubiçaes a estola, a murça ou mitra; e achaes nas Escripturas louvores para outrem, além de Deus, oh! quanto differentes sois d'aquelles heroes christãos cujas imagens campêam nos nossos altares! Sois o que somos: haveis mais pavor das praticas dos santos que do proprio inferno; espanta-vos e desespera-vos a perfeição d'elles; a pesar vosso, amaes o que elles aborreciam, e aborreceis o que elles amavam; as vossas virtudes são mesmamente humanas, taes quaes as nossas, que não vem do alto, que se enroscam nos nossos vicios e nos acorrentam ao demonio.

Ai! que perdidos estamos, ó meus amigos! Que lucramos em fechar os olhos? Estamos todos condemnados! Que monta o desprezo proprio pregoado pelos labios, se no intimo do coração tendes a propria estima sempre desvelada? Que aproveitam as momentaneas conversões, seguidas de quedas mais desastrosas? Que vos fazem certas privações associadas a tanto regalos? Em verdade vos digo que estamos perdidos!

Ora pois, se assim é, se o abysmo está aberto e o cahir é irremediavel, cerremos os olhos e não cogitemos mais em tal. Entre o céo inacessivel e o inferno d'onde não ha mais sahir, resta-nos um momento só: gozemol-o, ó meus amigos. Que é isto de estar a gente a empeçonhar, com terrores vãos, prazeres, tão raros quão fugitivos? Não pensemos no que será; pensar n'isso e desesperar é a mesma coisa: desesperar de entrar no céo, e desesperar de sahir do inferno. Saboreemos o presente. Vivamos terrenamente: aqui ha creaturas ridentes que nos alegram, fragrancias que nos deliciam, e licores que atrophiam a memoria.

Quem é ahi o sandeu que falla em inferno? Não ha inferno, minha mãe! Conclue em paz os teus dias extremos. Não contristes com visões pavorosas essas creancinhas que te escutam, e que talvez falleçam antes de nós. Ride, ó meus filhinhos: a vida vos será breve e repleta de miserias, quando crescerdes.

Eu desejo, senhora, que a minha casa seja mansão de jubilos e não de tedios: quero ser amado pelo que sou e não por caridade; quero ser obedecido amorosamente e não com submissão de escrava; aliás, buscarei quem me ame, e me corresponda. Engrinalda-te de rosas, minha bella! Não ha inferno, e o paraizo tem-l'o ahi á mão. Enche-me o copo, e dorme placidamente nos meus joelhos. Amar! amemo'-nos, até á morte; que da morte para além começa o odio!

Ah! que bizarra invenção não foi esta do inferno! Um abysmo para onde naturalmente nos inclinamos,

attrahidos, impellidos por quanto ha, cahidos em fim, e depois, o abysmo... fechado para sempre! Oh! primorosa perspectiva para que façamos da terra uma estancia de delicias peccaminosas!

V

O rebanho

Se não fosse preciso crêr na eternidade do inferno, e no pequeno numero dos escolhidos, e na inevitavel condemnação da maior parte dos homens, eu odiaria como vós os prazeres da vida; o sermão de Jesus na montanha se me figuraria mais bello e intelligivel; eu entenderia a felicidade das lagrimas, as delicias da pobreza e a doçura de todos os sacrificios.

Quando, porém, se me diz que não é bastante haver chorado e soffrido muito n'este mundo para ganhar o perdão divino; quando se me diz que nada vale affrontar a ira dos tyrannos, defendendo a verdade que os fere, ou o direito que elles avexam; quando me dizem que nada monta morrer no patibulo pela liberdade da patria ou no campo da batalha pela sua independencia; quando me dizem não importa nada envelhecer na miseria por haver preferido a honra ás honras, o estudo á opulencia, o trabalho aos prazeres; quando me dizem que tudo isto é fumo, que estas dores, esta coragem, privações, heroica vida, heroica morte, não podem resgatar minha alma d'um

peccado mortal, e aos olhos de Deus não valem o cilicio d'um frade, ou a confissão de um salteador agonisante; ah! confesso que, ao dizerem-me estas cousas em todos os pulpitos christãos, não entendo o sermão da montanha, e pelo contrario começo a comprehender os prazeres d'esta vida.

Vêdes aquelles pescadores que em fragil barquinha vão arrostar as ondas do oceano, e vogar, por dias, semanas e mezes, longe da praia, á mercê das tempestades para ganharem, á custa de mil perigos, o pão de seus filhos?

Vêdes aquelles telhadores na aresta do vigamento? aquelles mineiros sepultados nas entranhas da terra, longe dos raios beneficos do sol? Vêdes o lavrador curvado sobre o sulco? o pallido tecelão diante das machinas devoradoras? tanto operario sem nome avergado ao pezo de um trabalho ingrato e sem descanço? Pois a maior parte d'aquelles é condemnada, por modo que os seus soffrimentos n'esta vida são preludios dos que lá os esperam na outra. Aquella mãe que não póde vestir seus filhos, e que relança olhares invejosos ao palacio visinho, onde os cavallos medram mais fartos que os filhinhos d'ella;—aquelles mendigos que vagamundêam nos campos; os orphãos que se recolhem aos hospitaes; os soldados que marcham para as fronteiras; os proscriptos esquecidos no solo estrangeiro, condemnados, quasi todos condemnados, meu Deus! Um repleto conego, risonho e bochechudo, sem familia nem cuidados, repastando-se

quatro vezes por dia, mas sem escandalisar ninguem, baixando a vista em presença das mulheres, pontual nos officios, está mais visinho do céo que todos aquelles desgraçados; e mais perto ainda do céo está um sancto anachoreta. Chorar, soffrer, trabalhar não é nada. Se choram, não choram as suas culpas, é a miseria dos filhos; se trabalham não é por penitencia, mas sim para grangear commodidades. Lagrimas de Babylonia, diz S. Agostinho. Avidos suores, vãs angustias! Muitos seculos ha que d'est'arte se lhes explica o sermão da montanha, e elles nem o comprehendem nem jámais o entenderão. É bem de ver que não vivem á maneira dos santos legendarios, nem dos conegos prebendados. Os que sabem lêr pouco lêem, á falta de tempo. Muitos não vão á egreja, e os que lá vão sahem como entraram. São profundamente ignorantes. A dura necessidade dobrou-lhes a cabeça sobre o torrão que regam com o seu suor; e a natureza, que lhes brada das entranhas da terra, diz-lhes cousas que elles percebem mais a preceito que os sermões. O estridor e o vapor das materias da sua obragem cega-os e ensurdece-os. Não sentem fome nem sêde da palavra divina, qual lh'a ensinavam algum dia. Digam-lhes que um eremita vae melhor do que elles, por que abandonou officio, casa e parentes, e todo se vagou á salvação da alma, e que ha vinte ou trinta annos resa, jejua e se disciplina, dizei-lhes isto que elles vos desfecharão uma gargalhada; mas, se ao mesmo tempo passar um soldado de bigodes brancos, ou

algum recruta aleijado em Africa ou Italia, ou algum repatriado do desterro, em vesperas de para lá voltar, se a occasião o exigir, elles o saudarão respeitosamente. Que appareça um velho sem occupação, uma viuva com filhos maltrapidos, e elles se fintarão para soccorrêl-os. Contae-lhes casos de bemfazer e lanços de gratidão, vêl-os-heis commovidos. As virtudes d'esses infelizes são, para assim dizer, selvaticas, probidade orgulhosa, amizades humanas, mas apuradas até á abnegação, instinctos lucidos do que é grande e formoso, mas formoso e grande pela craveira das coisas d'este mundo. De par com isto ha falhas, e até crimes. Impacientam-se, praguejam, largam a redea aos desejos, porque, no seu modo de pensar, se não ganham, tambem não perdem. Vivem á beira das charruas, das córtes, das forjas, e nas abegoarias. Este viver influe-lhes na linguagem e nos costumes. Não têm alma que se ale longo tempo e ao alto sem que as azas lhe falleçam : é que pezam n'ella os cuidados terrestres. Ventilam problemas que não podem resolver. Desconsolados do seu destino, perguntam porque ha ricos e pobres, e porque, no outro mundo, serão condemnados, depois de tanto haverem trabalhado e gemido n'este?

O inferno não os apavora muito mais que a morte. Affizeram-se desde a infancia á vaga idêa de que hão de ser condemnados, seguindo a trilha commum da vida ; todavia, apezar do proposito feito, nem por isso um terrivel pezo deixa de lhes aggravar o fardo das

dôres quotidianas. O sino que dobra, o sahimento que passa, o doente que vae para o hospital, o pedreiro que cae da parede, o obreiro apertado entre o encaixe de uma roda e triturado nos dentes d'ella, os terraplenadores sotterrados nas saibreiras aluidas, os marinheiros comidos pelas vagas, o typho que devasta um bairro inteiro de operarios, mulheres sem maridos, paes sem filhos, filhos sem mães, tudo isto por vezes lhes relembra o Deus rancoroso que lhes prégam, e as surprezas da morte, e os perigos de sua precaria existencia, e com as miserias que findam outras que principiam, para nunca mais acabarem. Este povo assim é como um rebanho que se leva ao matadouro, aguilhoado pelos pastores, lacerado pelos cães, atormentado pelas moscas, cançado, sanguento, sequioso, abatido, estupido.

Compadecei-vos, pois, d'esses que nunca vos darão bons ermitões. Não ha, por ventura, um ideal mais aceitavel e ao mesmo tempo mais puro que lhe mostreis? Não ha senão esse a que aspira o ente sem familia, sem ligações e cuidados d'este mundo? Se, ao menos, podesseis annunciar-lhes a justiça de Deus sem os assombrar! Não são já de si que farte mysteriosas e raladoras as dôres d'esta vida? Não será de mais rematal-as com o terribilissimo mysterio do inferno? Pois se tendes a certeza que serão condemnados no trem de vida que levam, deixae-os respirar, e beber, e rir e dançar, em quanto o animo e tempo lhes não faltam; que a desesperação poderá leval-os a peores excessos.

Ó pobre genero humano! Será preciso que o Christo desça segunda vez do céo para te instruir, e que outra vez seja vindo e crucificado para salvar-te?

CAPITULO QUARTO

OUTROS FRUCTOS DO INFERNO

O mal que produz o inferno. — Incredulidade, desalento, desesperação

Esquadrinhando o bem que procede do inferno, já divisamos o mal que produz. Bem negativo e limitadissimo; mal positivo mas profundo, extensissimo, apenas por em quanto entre-vimos. Faz-se mister examinal-o mais pelo miudo. Não perderemos o tempo.

É facto incontestavel que a maior parte dos homens se occupa menos de céo e inferno que das precisões, interesses, prazeres e dôres da terra. A Egreja o confessa admirada e lacrimosa. Por que se admira? Que remedio senão ser assim? Pois acaso póde toda a gente retirar-se ao deserto? Pois todo o encanto da vida se apagou? Os direitos da natureza foram abolidos?

Na sociedade cuja moral se funda sobre o me-

do das penas eternas, todo movimento paralysaria, se instinctivamente, e por necessidade de viver, não viesse o esquecimento d'esse tremendo futuro. A esperança do ceo não bastaria a contrabalançar os effeitos de tal susto, mormente quando nos affiançam que a porta do ceo é estreita, e que o inferno tem milhares de portas sempre abertas. Á medida que esta crença se incutir nas turbas, assim ellas hão de lidar por esquecel-a, abafando-a no seio, sem querer sequer meditar n'isso. Quanto mais pura, exigente, austera e angelica fôr a vossa moral, tanto mais impraticavel vol-a hão de considerar; e, se a fundamentaes no inferno, fechar-se-hão os ouvidos ao vosso apostolado, e ninguem quererá sequer aproximar-se d'aquella perfeição immaculada, que sómente florece em estufas claustraes, que se desbota ao leve bafejo do homem, e só está ao alcance de ociosos.

Se no inferno tão sómente fossem castigados certos crimes monstruosos e excepcionaes, mas claramente definidos, taes como o assassinio, o incesto, o estupro, poder-se-hia ainda examinar a justiça de tão exorbitante penalidade: ao menos cada qual sabia quando lhe era applicada a pena. Porém, se vão ás chammas eternas o aváro, o glotão, o preguiçoso, o prodigo, o orgulhoso, o invejoso, o impaciente, o maledico, o voluptuoso, o incontinente, o ambicioso, o calumniador, o usurario, o mentiroso, o hypocrita, o lisongeiro, o ingrato, o philosophante, o rebelde, etc., etc., etc., congela-se o sangue nas veias; ninguem

ousa vender, comprar, emprestar, traficar, fallar, pensar, beber, comer, respirar; por quanto, quem sabe onde começa a avareza? o orgulho? e a lisonja, reverendissimos senhores, onde começa a lisonja? e a usura? e os limites da temperança quem os abalisou? Occasiões, tentações e perigos em tudo!

A questão não é saber se ahi ha crimes hediondos e puniveis: ninguem nega que os haja; — o que se tracta é de saber se é racional e discreto, e se os bons costumes lucram, que nos ameacem com eternos castigos, por peccados que mal podem definir-se. Quem ha ahi isempto de seu tanto ou quê de orgulho? Quem se presume bastante sobrio, bastante comedido nos prazeres licitos, menos egoista em suas legitimas affeições, menos desinteressado em seus lavores e mercantilismo, bastante paciente nos revezes e resignado nas desgraças? Quem se crê assaz justo, caritativo e perfeito? Ao parecer dos theologos, uma tal presumpção seria peccado capital, até nos conventos, até para os anachoretas envelhecidos em abstinencias e orações. Ninguem sabe ao certo o momento, o ponto em que um acto licito descahe no illicito; que dóse de alimento quadra á sua saude, e onde no rico principia o superfluo, que é o necessario do pobre. Para que vem seis pratos á meza? Se um basta, para que são dois? A regra onde está?

Cautela! esse copo que chegaes aos beiços risonhos, em vez de vos apagar a sêde, vae abrazar-vos em sêde eterna. Cautela! Theologo nenhum poderá

dizer-vos exactamente o que vos cumpre dar, o que vos cumpre não dar; e o caso é que, se vos enganaes com tal incerteza, folga o diabo. Um padre da Egreja, um papa, um santo, Gregorio o Grande, não disse que Deus nos arguiria de peccados que antes de morrer não conhecemos?

Estas e outras mais terriveis cousas podeis lêr no *Quotidiano do Christão*, livro approvado e recommendado por todos os bispos, e que anda em mãos de creancinhas. Portanto, verdadeiras ha só duas cousas: a condemnação, se nos enganamos, e a abstenção para nos não enganarmos.

Mas a abstenção não é viver. Viver é a actividade inteira, incessante, e arriscada a peccar. É lei do genero humano viver e perpetuar-se. Não nega, mas esquece os dogmas oppressores que lhe pesam na alma, e a cada passo lhe apontam aberto um alçapão do inferno. Vivem os homens n'uma especie de indifferença religiosa que os avilta, movidos uniçamente por suas paixões, e apenas enfreados pela justiça temporal. Fóra com isso do futuro! fóra com remorsos! Fechemos olhos a todos os clarões, e os ouvidos a todos os rumores do outro mundo, e concentremos n'este a nossa inteira vida, todos os desejos e pensamentos.

É effeito imprevisto, porém real, d'esta medonha crença induzir ao materialismo, não theorico, mas pratico, a maior parte dos que não leva ao ascetismo: attasca na lama os que não transvia nas nuvens; faz que se rojem durante o dia breve da existencia, gran-

des e pequenos. Os philosophos accusados d'este miseravel estado das almas, estão innocentissimos: não ha em tudo isso faisca de philosophia; raciocinio é coisa que ahi não vislumbra. O instincto é que desde tempos esquecidos, e não de ha pouco, nos propendeu áquelle cego materialismo: é a necessidade de arrostarmos com uma crença mortifera; é a vida que resalta d'entre as mãos desvairadas que intentam comprimil-a, e d'este desbordar de toda a fórma surdem os excessos.

Já não lhes abasta esquecerem o inferno. Quem o esquece são os fracos; os fortes vão mais além: escarnecem-no. Anda já por ahi o diabo cantado, e do mesmo feitio o inferno, e o céo com os seus moradores. E de taes canções vendem-se tantos exemplares como dos *Canticos de S. Sulpicio:* antiquissima impiedade, de que ha vestigios, não só na Grecia pagã, mas tambem nas fabulas da edade média, e até nas paredes das vetustas cathedraes onde os artistas zombeteiros esculpiram, ha mais de seiscentos annos, o *Inferno* de Béranger. A ironia mascarava-se então com tregeitos beatificos; o impudor, porém, não se disfarçava nem se constrangia.

Os lamuriantes da edade média talvez digam que, apezar das galhofas audazmente esculpidas nos portaes e córos das egrejas, esses antigos imaginarios criam no inferno, e que, no leito da morte, não foliavam, tremiam; que os fabulistas tambem tremiam, e que os castellãos e castellãs, plebe e burguezia, quantos se

*

haviam regalado com as taes caricaturas, tremiam tambem. Sim, meu Deus, é verdade. Mas circumvagae a vista, e dizei-nos se, a tal respeito, a sociedade mudou. A mesma educação religiosa não produz continuamente identicos phenomenos? Acreditam no inferno os epicuristas, os trampolineiros, os usurarios, os prodigos e os ladrões, os famintos e os repletos, os invejosos e os ingratos, os indifferentes e os chasqueadores? No intimo da alma guardam elles as superstições das amas: que farte o denotam na vida, e principalmente na morte. Em quanto são moços, ageis, febris de saude e esperança, repulsam uma crença que lhes tornaria maldita a mocidade, a saude, a força, a razão de todas as dadivas do céo. Quando caducam, infermam e agonisam, espantam-se de haver ardido em desejos que já não tem, e haver motejado praticas que se lhes agora figuram facilimas. É chegada então a hora e situação conveniente para intender a moral do inferno, que é a privação em tudo e por tudo, — a morte na vida.

Singular crença que não infrêa o maior numero de homens, quando o freio lhes é mais preciso; e quando o retêl-os é já inutil, e mais necessaria lhes seria a esperança, então, á entrada da sepultura, lhes sabe espantadora! Levado por ella vae o anachoreta ao suicidio, e o mundano ao embrutecimento. Esteril em verdadeiros dons, fertil em verdadeiros males, a crença no inferno bestialisa, desalenta, desespera, endurece. Melhor é esquecel-o á maneira das turbas,

que pensar demasiado n'ella, que tanto monta sentir vertigens, sentir estontecida a cabeça á roda d'esse abysmo que vos attrahe e sorve. Mais algum prazer ou menos, defendido ou não, que faz? Lá no inferno não estaremos melhor nem peormente; a eternidade não terá hora menos ou hora mais. Constrangermo-nos para quê? Não ha termo medio entre o bem e o mal absolutos. Tudo que é humano é mau: é forçoso ser anjo ou demonio: seja-se diabo, que é mais comezinho. Vêde-me uns frades, padres, devotos, freiras, que a desanimação avassalou: não ha peores peccadores; rolam cada vez mais ao fundo, e vão-se consolando com as delicias que topam na sua queda. Um peccado de menos, que é na conta que hão de dar? Chegados a tal extremidade, qualquer boa acção lhes será vã. Como não podessem abster-se de tudo, os desgraçados já agora não se abstem de nada. Esta desesperada crença precipita-os abaixo do homem. D'ahi tem surdido mais libertinos que ermitões, mais blasphemos que santos, mais loucos que ajuizados; e, em verdade, é mister que o christianismo entranhe vivacissimos embriões, esplendorosissimas luzes, e poderosissimas verdades para resistir, como ha resistido, á influencia de taes doutrinas.

Tirae-nos, por favor, esse inferno tão fatal aos que o recordam como aos que o esquecem. É verdade que teremos menos monges com o purgatorio; mas teremos mais christãos. No purgatorio será util pensar, comprehender-lhe a justiça, e sentir-se o homem me-

lhor, ainda a pesar seu; se é facil sacudir o jugo de uma revelação sobrenatural e inintelligivel, por mais beneficente que ser possa, não é facil desprendermo-nos de idêas excellentes e razoaveis, por mais importunas que nos sejam.

CAPITULO QUINTO

OS CINCO GRUPOS

Divisão da sociedade em cinco grupos

Examinemos as coisas mais á beira. A sociedade não é toda formada de uma peça. Divide-se natural mente em differentes grupos no discutir de seus interesses em este e no outro mundo. Religiosa e moralmente observada, podêmos dividil-a em cinco grupos.

1.º O grupo dos philosophos, ou livres-pensantes como hoje se chamam — sugeitos que systematicamente regeitam a revelação, e por consequencia o inferno sem fim; todavia, desinteresseiros, estudiosos, graves e tractaveis com honra e confiança.

2.º Longe d'estes a infinita distancia, e sem sombra de liga com os philosophos, está o grupo dos biltres professos, individuos relaxados, bandidos convictos, corruptos, desesperados.

3.º Entre aquelle grupo de espiritos selectos e o das almas depravadas, mas entre si equidistantes, está o grupo immenso e indecomponivel dos indifferentes, dos tibios, dos duvidosos, dos espiritos futeis, dos espiritos inertes, dos espiritos acanhados, dos fura-vidas, dos pachorrentos — turba sem piedade nem philosophia, sem prática de casta alguma, vivendo de seu trabalho, das suas rendas ou officios, mais ou menos descançados — guardas nacionaes, jurados, eleitores, conselheiros de districto, e o mais. Estes são uns christãos que só vão á egreja quando ha enterro, casamento ou baptisado, ou ainda em dias de *Te Deum*, quando a posição official os obriga.

4.º Ao lado e um tanto superior a este, está o grupo menos numeroso dos devotos; não dos hypocritas, que se ha de classificar no dos patifes, mas dos esforçados em praticar e que praticam, assim, mas com desinteresse, os mandamentos de Deus e da egreja. Estes vão á missa nos domingos, confessam-se ás vezes, e dão do seu gremio as irmandades e as confrarias.

5.º Finalmente, o admiravel grupo dos justos, dos perfeitos christãos, dos santos, dos continuadores e verdadeiros imitadores da vida de Jesus.

Vejamos se o dogma das penas eternas aproveita ás pessoas que formam aquelles differentes grupos.

I

O grupo dos philosophos

Os philosophos crêem em Deus, crêem na liberdade e immortalidade da alma, na justiça, em todas as noções moraes derivativas d'aquellas primaciaes verdades. Em revelações sobrehumanas é que não acreditam.

Ora, ameaças de inferno converterão tal gente? De quantos mysterios regeitam, o inferno é o mais incrivel; e tanto que irrita a propria fé, que, só abdicando o uso da razão, se submette. Dos philosophos não ha que esperar similhante sacrificio.

Se o dogma do purgatorio vos aproxima d'elles, o inferno, barreira que vos separa de tudo que raciocina, alonga-os de vós.

II

O grupo dos corruptos

Que lucram as pessoas de bem que esses patifes creiam no inferno? Está com isso a sociedade mais segura? E tal crença de que lhes serve a elles? O que os incommoda não é o diabo, é a policia; inquieta-os mais o degredo que o inferno.

Vá lá! — dizem elles — venha o inferno que não

nos ha de faltar boa camaradagem! Quantas pessoas toparemos lá d'umas que n'este mundo se empavonavam todas, e não queriam rossar-se por nós! Havemos de vêl-os lá, mais apoquentados e castigados do que nós, esses patetas condemnados por pensamentos e palavras, por coisa nenhuma. Quanto á pessoa d'elles, tanto monta como a nossa, pois que hão de ser tão condemnados como nós. Não ha dois infernos, parceiros; ha um. Lá nos esbarraremos com capitalistas, com fidalgos, com duquezas, com comicas. Andaremos á ilharga dos juizes, dos quadrilheiros, dos escrivães, dos jurados e melhor ainda — viva a patuscada! — com deputados, com camaristas reaes, com bispos, com abbadessas, com principes e princezas, reis e rainhas. Venha o inferno! é tentador lá ir com tal sucia.

Tal é o raciocinio dos desalmados e a influencia que tem sobre elles aquella extravagante justiça, que nenhuma proporção gradua entre delictos e crimes, condemnando para sempre quem peccou uma hora, e o scelerado de toda a vida.

III

O grupo dos indifferentes, etc.

Estas pessoas cuidam em ser felizes com o auxilio da honestidade; pelo quê, se abstem do mal que o codigo define. Pelo que respeita aos sete peccados mortaes, não se preoccupam d'isso. Dizer que todos sejam invejosos, avarentos, luxuriosos, e o mais, seria mentir. N'esse innumeravel grupo abundam negociantes honrados, meninas castas, esposas fieis, pobres sem inveja, ignorantes modestos, ricos bemfazejos, e muitas abelhas para cada zangão; mas perfeito ahi não ha ninguem; ninguem ahi vive em graça; o melhor do rancho é aquelle a quem Deus, no dia do juizo, só accusar de ter violado sem escrupulo todos os mandamentos da Egreja. Mas, com esse só peccado na consciencia, o melhor do rancho será condemnado.

Se o roubo e o homicidio são raros n'essa assembléa, não procede isso do medo do inferno. Ahi é bastante motivo para condemnação uma folha de papel escripta, um «sim» apenas balbuciado e ouvido, um lance d'olhos, uma flor murcha, e essa, onde entra amor — amor no peccado, meu Deus! — é de todas as condemnações a que mais piedade desperta. Porém, n'esse immenso circulo, onde tudo pecca, cada qual se condemna á sua vontade: um por fastio, outro por vaidade, este por curioso, aquelle por pusillanime; con-

demna-se um por um casal, outro por uma venera, por um acepipe, por um prato de lentilhas, por um penacho, por uma fitinha, por um trapo, por trinta contos, por trinta reis. Condemna-se este a trabalhar, aquelle a passear, um a comer, outro a jejuar, a ler, a dansar, a palestrar, a meditar, a vestir, a despir, desde a aurora até ao escurecer, desde a noite até ao dia, todos se condemnam a bel-prazer.

Distinguem-se lá os peccados que Deus pune indistinctamente. Permittem-se os que Deus castiga até com eternas penas, quando é elle só quem pune; recua-se, porém, dos que Deus castiga e a sociedade tambem. Não se diga pois que o inferno atalha os crimes dos indifferentes. Tambem ahi é manifestamente esteril similhante crença. O que se teme é o vigia, a patrulha, o commissario da policia, essas personificações vulgares, mas terriveis da opinião e da lei. Temem-se as algemas, o carcereiro, a masmorra, e ainda mais á mistura com os scelerados. Por muito dura e inevitavel que se figure, a pena material não os conterá sempre quando a paixão os esporêa. Do mesmo modo que affrontam o inferno, affrontariam a cadêa e até a forca, se a forca estivesse ás escuras; porém a vergonha, o estrondo da queda, é para o maior numero a pena intoleravel. Seriam capazes de desafiar carrascos e diabos; e não ousariam encarar o desprezo do amigo, do visinho, do estranho, do transeunte, do mendigo; não lhes faz grande mossa a ignominia diante de sua mãe ou de seus filhos, e tremem de se vêr baralhados com

creaturas devassas que são máos sem repugnancia, e medram no mal como em seu nativo elemento.

Ha d'elles, porém, que se forram ao mal, contidos por sentimento ainda mais nobre que o medo da opinião. Esquivam-se, não do peccado mortal, mas do maleficio que a sociedade civil pune ou reprova: afasta-os d'isso com asco um natural sentimento, sem esforço. Educação e habitos fortaleceram esses bons instinctos. Não são perfeitos, mas são probos, sinceros, generosos, capazes de grandes sacrificios occasionalmente. Com certos deveres nunca especulam. Denotam que a si se respeitam, que a propria estima se lhes faz precisa, ainda mais que a da sociedade, facil de transviar-se. E bem que não sejam philosophos nem devotos, sentem vivamente a dignidade de seu ser. É certo que este sentir lhes seria mais delicado e firme, se abrangessem as perspectivas da vida futura, em vez de concentrar-se cá; mas é forçoso aceitar os indifferentes quaes são; e tanto entre os peores como entre os melhores, a vida futura não é movel nem empêço: é uma coisa esquecida.

IV

O grupo dos devotos

Será medo do inferno que impede os devotos de matar, de roubar, de se retoiçarem, como javardos, no lamaçal dos sentidos? Crer-se-ha que elles de per

si sejam insensiveis á honra, ao opprobio, e aos mais freios moraes e nobres estimulos que regulam a ordem e andamento das sociedades temporaes? Ririam elles das galés e até da forca? Seriam elles, em verdade, infames da ultima ralé, se não receassem a condemnação?

Se ha ahi tal raça de christãos, confesso que eu não confiaria d'elles nada, nem a minha bolsa, nem minha mulher, nem o meu segredo, nem eu mesmo adormeceria socegado entre elles. D'um scelerado a um devoto d'esta laia a distancia é tão curta que os meus pobres olhos não na enxergam. Dizem que ha uns pessimos soldados que, á vista do inimigo, olham para traz e só marcham para a frente com a bayoneta nos rins. E, se os não vigiaes, eil-os que desertam; e, até quando se batem, albergam a perfidia no coração. Pois bem: aquelles devotos são peores que os soldados tredos, por que destemem os homens e os juizos humanos, e os supplicios que os homens inventaram. O que elles sómente receiam é o fogo eterno, uma pena á qual se foge mediante a confissão. Ageitado o ensejo, roubam-vos, atraiçoam-vos, matam-vos, com a certeza de serem absolvidos occultamente, por uma *mêa culpâ*. Desgraçadamente é certo que a crença no inferno ha gerado monstros assim; a europa barbara tem milhares d'elles; ha bastantes para lá dos montes, e bem póde ser que mesmo cá; senão vejam aquelle devoto padre, cuja historia as gazetas contaram ha pouco: era um padre que matava todos os

seus filhos no berço para se forrar ao incommodo de os crear; mas é provavel que os baptisasse, com o receio de que se perdessem. Eu de mim não quero chamar christãos, nem sequer homens, a taes feras. Deus nos livre de encontrar similhantes christãos em uma serra por noite de luar.

A honestidade d'estes meus devotos custa-lhes pouco; são creaturinhas que podem ver a felicidade dos outros sem sentirem cocegas de lh'a empalmar; não roubam nem matam por que a forca os embaraça, e a opinião dos homens ainda mais; pessoas, em fim, que tem mais mêdo ao crime que aos castigos correspondentes. Taes são os meus devotos. Devotos denomino eu todos os leigos que não duvidam, nem são indifferentes, nem se esquecem de ir á missa, nem deixam de confessar-se *ao menos uma vez cada anno*. É verdade que eu não os incampo a ninguem como anginhos já cosinhados para a canonisação. Se elles não andassem por igrejas com tanta regularidade, não sei bem como estremal-os, quanto ao seu proceder, do bando dos indifferentes. Não são elles os derradeiros a informar-se d'onde sopra o vento, onde aquece o sol, e onde está o idolo do dia para o saudarem, nem tambem são os ultimos a apedrejar o idolo da vespera. Quantas villanias sobre-douradas e quantas villanias bem nuas e patentes lhes não attrahem as barretadas, e os cumprimenteiros sorrisos! Como elles se curvam deante do que desprezam! Que impio acatamento prestam á força, e até, com medo de se enga-

narem, ás apparencias da força! Que vulgares mexericos, que vulgares ambiçõezinhas, que exemplarissimas ingratidões!

Não os accuseis de hypocritas, que elles são sinceros, não fazem momices, vão ás procissões com a melhor boa fé, assistem ás festas do Mez de Maria, tem rosario, agnus-Dei, e penduram no pescoço medalhinhas de cinco reis carregadas de indulgencias. E, assim mesmo apezar da sua boa fé em medalhas, é bonito vêl-os, em sua casa, evitar o escandalo com melhor exito, e mais vigilancia que o peccado. E nem assim o evitam. Se sois curiosos, apanhai-m'os no ultimo degráo da escada, ahi por perto do altar: vereis o conego ás más com o deão; o sineiro bate na mulher; o sacristão tem má lingua; um juiz de irmandade casa a filha violentada com um velho, e dá cabo d'ella; outro, á sobre-meza, faz-se truão de chalaças de ebrio; e é de natureza tal, que a mulher por certas razões não admitte em casa creadas que não tenham edade e figura bastante canonicas, capazes de edificarem um mosteiro de bernardos; lá está um que é rico, mas economico, e d'isso estão os pobres tristemente convencidos. Ora, a esses peccados habituaes ajuntem, se quizerem, os peccados de occasião, e digam-me como se distinguem, por suas obras, o commum dos indifferentes do commum dos devotos.

Quereis subir ao primeiro degráo da escada? Luiz XI era devoto; Diana de Poitiers era devota; Brantôme devoto era; tambem era devota aquella regente

de França que empregava as suas damas a seduzir, quero dizer, a converter os jovens huguenots e os velhos tambem. Todo o seculo XVII foi devoto, incluindo os cavalleiros farçolas, os bandidos, os abbades galans e os abbades demoniacos, os aváros e os glotões, os orgulhosos e os abjectos, as marquezas adulteras e os duques medianeiros, os magistrados venaes e as princezas aventureiras. Todos esses tinham bancada na egreja, iam aos sermões e discutiam ardentes sobre a materia da graça. Os amantes arrufavam-se na quaresma e faziam as pazes depois de Pascoa. Madame de Montespan, na côrte, cuidava em salvar-se, e ninguem quizesse obrigal-a a comer, á sexta feira, uma aza de borracho; o que ella então comia era salmão, lagostins, esperregado e pastelinhos de leite. Madame de Sévigné, uma das mais honestas e amaveis senhoras d'aquelle tempo, tambem devota, lia os *Contos de La Fontaine,* e ficava-se a rir com elles e mais a filha. O inferno era como se nada fosse n'essas coisas. Quem desgraçadamente pensava muito n'elle, enterrava-se no claustro, como Mr. de Rancé e M.elle de La Vallière; mas, pelo ordinario, havia pouco quem se debruçasse a espreitar o tal abysmo; e quem se desse a esses exames sahia impertinente, misanthropo e jansenista. Fallava-se do inferno; mas sem reflectir grande coisa; encaravam-no pela casca. O grande caso era rir, cortejar o rei, agradar a todos, inclusivè a Deus, dando-lhe a vêr com infinita habilidade, espectaculos de devoção, de jogo, de ambição e... do mais.

O tempo e as revoluções que tantas mudanças tem feito, não mudaram o coração humano. Os devotos não são tantos como d'antes, mas são da mesma estôfa, e tanto montam estes como os outros, vistos a vulto. Relaxação extrema em fidalgos e populaça; sêde ardentissima de enriquecer; sordidissimos orgulhos; amores desatinados; paixões eriçadas de remordentes espiritos e blandiciadas de prazeres! Deus me defenda de calumniar peccadores a cheirarem ao incenso das igrejas! Bourdaloue, que os conhecia, e os demais prégadores assim antigos que modernos, disseram d'elles mais mal do que eu. O que sei é que o medo não faz bons aquelles que o bem, só de per si, não convida. O pejo do peccado poderá restaurar os cahidos; mas o medo, depois do peccado, é de todo o ponto inutil.

Não esqueçamos, porém, que ha devotos quasi irreprehensiveis, os quaes, sem serem heroes nem se destinarem a tanto, cumprem, sem desfallecer, a modesta missão que lhes quadra sobre a terra. São bemfazejos em pequena escala; restringem-se a pouco mais de sua casa; quanto muito, chegam até á visinhança; e, se por vezes, a mão caridosa ultrapassa estes limites proveitosamente, de novo se retrahe ao seu limite, onde está a maior formosura e grandeza de sua missão. Estes devotos não se distinguem dos outros por grande assuidade nos templos; o que os differencêa é o serem esmoleres; e mais visivelmente se estremam por se absterem do mal. Não são rixosos nem mal-

dizentes: tem ainda mais caridade na lingua do que nas mãos, por que ella os serve com inexhauriveis riquezas. D'aquelles peccados mortaes que a sociedade chama fraquezas, e em que diariamente as pessoas piedosas resvalam sem morrerem d'isso, fogem elles como d'um grande delicto. Amam a verdade, a ordem, a continencia, o pudor, a sobriedade, como vós amais a justiça. E, comquanto não descream do eterno fogo, a luz que os guia não esplende do inferno, vem de cima; no ceo é que elles a buscam em seu peregrinar; e assim vão alentados pela esperança e não pelo medo.

V

O grupo dos santos

Chegados somos aos bemfeitores dos homens, verdadeiros imitadores de Jesus, entes mortaes mais proximos da perfeição, as irmãs da caridade, os padres virtuosos, quantos se consagram a servir pobres, infermos, ignorantes; quantos sacrificam, não esterilmente, mas ás nossas precisões, seus teres, belleza, juventude, affeições domesticas, vigor, saude, esperanças e quantas venturas terrenas ahi ha. Bem sei que todos esses crêem no inferno; mas não são regidos por tal crença; nada tem que vêr o seu proceder com ella; temem-se de offender Deus, não por que Deus é vingativo, mas antes por que Deus perdôa; e esta crença verdadeira-

mente salutar é uma das mais affectivas maneiras de amar.

Se o temor leva ao deserto, o amor conduz aos homens; se o temor se fecha á chave para dentro de grades, o amor quer sempre abertas as portas. Quem envia ao martyrio os missionarios é o amor; quem dá mãe a orphãos, filhas aos anciãos, irmãs aos soldados feridos, mestres aos aldeãos, amigos aos penitentes, tutores aos innocentes, guias aos transviados, é o amor. Todo bem feito n'este mundo é o amor que o faz; e este amor, que transborda da alma dos santos, em si mesmo haure sua fecundidade e bemfazeja energia.

Permittam-me uma hypothese.

Dê-se que um Concilio ecumenico se ajunta ámanhã, e declara, depois de haver invocado o Espirito Santo, que o inferno não é perpetuo, e que a palavra «eternidade», applicada ao castigo dos peccadores, significa tão sómente pena de infinita duração. Que ha de seguir-se a similhante proclamação? Imaginam que a irmã da caridade se retira logo do grabato do infermo, e se engolpha nas suas delicias mundanaes? Pensam que o benedictino, sacudindo o pó dos livros, se precipita na Bolsa? Que o joven lazarista, repatriando-se de regiões remotas, venderia o cajado e o breviario para ir ao theatro? Imaginam de boa fé que as irmãs da caridade se acabariam para logo? Se pensam isto, que idêa formam dessas bonissimas almas que os anjos e os homens admiram?

Consoante ao vosso modo de as julgar, a irmã da caridade diria: Ah! Deus não é implacavel? Então fui louca em amal-o. Deus não condemna irremissivelmente os peccadores? Louca fui em servil-o. Pois que! n'aquella bemaventurada eternidade, que eu tanto anhelava, não hei de ouvir os gritos da raiva e o estridor dos dentes dos condemnados? Que é d'então dos encantos do paraiso? Meninos, procurem quem os eduque; anciãos, procurem quem os alimente. Orphãosinhos desamparados, vós pensaveis que nós eramos vossas mães e irmãs; cuidaveis que vos amavamos por causa de vosso infortunio, e por vos termos em conta de membros soffredores de Jesus Christo, nosso modêlo e nosso Deus. Desenganai-vos! desenganai-vos! Não era por amor que vos amparavamos, era por medo que vos serviamos como lividas escravas, covardemente flexiveis a todos os caprichos de um senhor imperioso. Mas agora, visto dizerem-nos que o inferno acaba, buscai quem vos ame e sirva. Cada qual por si. Acabou-se o medo; nada de mais sacrificios. Abaixo, tunicas de burel; abaixo, veos que nos escondieis volupias da terra, mas não as dôres, abaixo! A pureza não é enlevo que nos contenha; gemidos de pobres não nos engodam; queremos ter vez na taça do peccado; bebamos, que a vida é curta e o inferno ha de acabar.

Não ha conjunctura em que eu ousasse attribuir similhante linguagem ás irmãs da caridade. Nunca! ainda quando, em um nefasto dia, fosse abolido o do-

gma salutar da justiça divina; ainda quando pregoassem que tudo acaba no cemiterio, e que a sancção da moral está nos gosos e dôres deste mundo, as irmãs da caridade não fallariam assim. Se um concilio sahisse com aquellas decisões, regulal-o-hiam ellas.

Como é que o dogma do purgatorio, com seus flagellos de duração ignorada, sempre consoantes á natureza e circumstancias do peccado, ás luzes e costumes do peccador, — como é que este dogma tão racional, certo, mysterioso e terrivel, poderia enfraquecer a virtude, e a virtude principalmente d'aquellas almas livres, viris e modestas, nas quaes o amor tem mais dominio que o medo?

Crêde-me que é isso um demasiado aviltar a lama humana, que mostraes não conhecer; crêde-me. Se a Igreja ámanhã proclamasse a temporalidade das penas, nenhuma irmã da caridade deslisaria da sua fileira, nem um verdadeiro sacerdote abandonaria a sua grei, nem algum missionario acharia o Evangelho desataviado de excellencias que ensinar aos selvagens, nem a cruz radiaria menos, nem a palma dos martyres seria menos de invejar. Vêr-se-hia, ao invez e instantaneamente, encherem-se todas as igrejas, e justos e peccadores reunidos ao pé do altar, em um mesmo consenso de acção de graças, cantarem do fundo da alma:

Te-Deum, laudamus, in te, Domine, speravi; non confundebar in æternum.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

SEGUNDA PARTE

O INFERNO CONSIDERADO ÁLÉM-TUMULO, OS CONDEMNADOS NA PRESENÇA DE DEUS, NA PRESENÇA DOS SANTOS, E NA PRESENÇA DOS HOMENS.

CAPITULO PRIMEIRO

O INFERNO DE PLATÃO

Até agora consideramos o inferno sómente em relação aos resultados moraes que a crença de sua existencia tem produzido, produz e produzirá sempre n'este mundo. Já demonstramos que esta crença, fatal a quantos se compenetram d'ella, é inerte para os demais: é inutil aos verdadeiros virtuosos, por que não tem que ver com o bem que praticam, e tambem ao mal que não fazem; é inutil aos devotos e indifferentes, por que não os estorva de commetter basta dóse de peccados mortaes; e pelo que toca aos peccados que não commettem, tal abstenção explica-se em louvor d'elles, por motivos totalmente independentes das penas infernaes; é inutil para os philosophos, visto que estes a não acceitam; é, emfim, inutil aos scele-

rados, por que os não impede de ser scelerados; e, de mais a mais concorre, umas vezes, a precipital-os no crime, outras a empedernil-os na perversidade.

Falta agora considerar o inferno, não em referencia á terra, mas pelo que elle é em si, qual os padres, doutores e mysticos o pintaram, isto é, nas suas relações com Deus, com os predestinados e com os reprobos. Mas, antes d'isso, cumpre-nos dizer alguma coisa das opiniões de Platão ácerca da justiça divina e do inferno. Será isto, a um tempo, entrar no assumpto, e responder aos theologos que, á mingua de razões, invocam de vontade, n'esta materia, a auctoridade de Ovidio, de Horacio, de Lucrecio, de Virgilio, de Hesiodo, de Orpheo, e d'outros escriptores de costumes sobre modo extravagantes que, a tal respeito, repetiram as idêas do antigo paganismo e nada mais.

A opinião de Platão, que elles mais acintemente allegam, deriva da mesma fonte; mas, alumiada pela indole e pura vida d'aquelle philosopho, ostenta-se mais respeitavel e seductora.

É mister, no dizer de Platão, que um castigo seja razoavel para ser justo; e para que seja razoavel, uma de duas clausulas é precisa: ou que o castigo aproveite ao castigado, ou ás testemunhas d'elle.

Partindo d'este principio, Platão não prodigalisa, á feição dos nossos theologos, as penas eternas, por quanto, a seu parecer, falta n'ellas a grande virtude das penas temporarias. São estas, em verdade, dobradamente prestadias, pois que ao mesmo tempo corri-

gem o culpado e admoestam os espectadores; pelo contrario, as outras não corrigem o culpado e podem apenas admoestar os vivos que as conhecem: logo são menos prestantes e universaes e completas; falta-lhes aquella bemfazeja efficacia com que os deuses folgam de dulcificar as obras da sua justiça; digamol-o em pouco: são menos divinas.

Eis-ahi porque Platão é aváro das penas eternas e perdoa ao maximo numero de peccadores, descontando-lhes os gemidos, lavando-os e purificando-os em suas proprias lagrimas, á excepção dos oppressores dos povos, de seus cumplices e louvaminheiros que expressamente exclue da lei commum. Para estes é elle durissimo; eternisa-lhes as dores; todavia, os deuses não podem ser accusados por isso de inutilmente rigorosos.

De feito, se a tyrannia é o maior dos crimes, e o unico expiavel, é porque a liberdade, que ella anniquila, é o maior bem que os deuses nos doaram, unico impossivel de substituir; é porque, na sociedade escravisada, cessam os prazeres honestos, a verdadeira gloria, sabedoria e virtudes.

Tal é o senso intimo do castigo excepcional que Platão applica aos tyrannos. Bastantemente está explicado a superioridade do terrivel castigo; mas o que não se explica é a razão da sua perpetuidade. Platão suppunha-o eterno porque não sabia, como nós, que a humanidade tem que percorrer no tempo um circulo limitado, e que este universo ha de acabar. Eternisava

elle, por tanto, o supplicio dos tyrannos, por suppôr que o seu exemplo devia ser eternamente util na terra. Não ha outra maneira de lhe justificar o inferno no seu systema.

Foi, porém, esta justificação do inferno destruida por Christo, o qual nos annunciou que todo o genero humano é, como cada homem, um passageiro na terra, e que um dia virá em que esta esphera que habitamos, e estes astros que nos alumiam, se sumirão no espaço como a poeira que o vento da noite espalha. Quem utilisaria com o supplicio dos condemnados, quando as testemunhas, em vez de fracos mortaes, fossem santos impeccaveis?

O inferno dos theologos não é, pois, identico ao inferno de Platão: o de Platão devia ser util sempre; o dos theologos, por fructificar um dia, ficaria esteril para sempre. Essa esterilidade já lh'a nós presentimos. Indagamos a razão d'uns padecimentos improficuos á victima, ao juiz, a todos. O coração protesta contra tal crueldade sem intento e sem effeito. Córa a gente só de o crêr. Como que o homem se sente melhor do que essa divindade absurda, sedenta sempre de torturas, ebria sempre de ira, insensivel sempre, peior que o abutre do Prometheo, que ás vezes, ao menos, adormece sobre a preza. Só pensar n'isto gera o atheismo na alma.

Erradamente, pois, se invoca, em pró de similhantes castigos, o testemunho de Platão, que se horrorisaria d'elles. Platão não condemnava o pobre pegu-

reiro por algum roubo desconhecido ou tentativa malograda; mas bem póde ser que elle condemnasse inflexivelmente S. Clotario, S. Constantino e S. Carlos Magno. Além de que, elle tinha, para admittir um inferno sem fim, razões que não temos; e nós, para o rejeitarmos, temos razões que elle ignorava.

CAPITULO SEGUNDO

Opinião dos pagãos sobre a situação e vista interior do inferno

Os antigos situavam o inferno no centro da terra que habitamos, e pretendiam ter a este respeito pormenores muito satisfatorios. Os gregos e os romanos possuiam um mappa minucioso d'estas regiões subterraneas, a ponto de lhes conhecerem os rios, taes como o lodoso Cocyto, o ardente Phlegeton, e o invadiavel Acheronte; sabiam até que havia lá fetidas lagôas, em uma das quaes estava Tantalo atascado até aos queixos sem poder apagar a sêde; sabiam d'uns bosques medonhos em que certas almas se lamuriavam, debalde anciando o alvor do dia; conheciam montanhas, que outros condemnados, perseguidos pelas furias, em vão se esfalfavam por galgar. Contavam a historia de alguns desgraçados assim, e as particulari-

dades do seu supplicio. Comtudo, apezar da indole inteiramente physica d'aquelles diversos castigos, diziam que os pacientes não tinham corpo, que os mortos eram apenas sombras intangiveis, bem que animadas, e que o seu maximo tormento era não poderem jámais viver vida carnal á luz do nosso sol. Isto contavam-no elles com toda a certeza, fiados em pessoas que tinham descido ao Tartaro, e de lá tinham voltado. Era conhecida a estrada por onde essas pessoas tinham viajado; havia cavernas que os pastores conheciam, poços d'onde sahiam vapores lethiferos e por onde se descia ao inferno.

Não eram menos instruidos os egypcios. Em assumpto de horrores visiveis, o Amenthi havia emprestado ao Tartaro pavorosos quadros. N'este Amenthi, que, segundo consta, quer dizer *paiz da noite,* estão o cão de sete cabeças e outros deuses de feitios monstruosos. Ahi se encontra o Acheronte e o seu batel, os marneis e as aridas gándaras, e todas as figurações do mundo devastado.

Tem setenta e cinco circulos, e á entrada de cada circulo um genio armado. Giram as almas d'um circulo n'outro, algumas em fórma humana, outras com fórmas immundas, com cabeças de aves de rapina, pellagem de fera, e garras de reptil. O pavimento é sangue. Estrondeiam os gemidos. Pendem os condemnados dos ganchos á maneira de carneiros no açougue, ao passo que outros, ainda palpitantes, são mergulhados em caldeirões ferventes. Uns vão fu-

gindo, com os braços estendidos, e a cabeça quasi separada do tronco, outros levam nas proprias mãos o coração que lhes arrancaram do peito que mostram lanhado.

Conforme nos vamos aproximando das primitivas civilisações, e, por consequencia, do primitivo barbarismo, mais o genero humano parece deliciar-se no repasto espectaculoso de seus proprios soffrimentos, e o mundo invisivel é para elle um espelho de augmento das miserias e torturas do mundo visivel.

Cada povo se espelha na imagem que nos deixou de seu inferno, com as suas idêas moraes, leis, necessidades, com seus costumes, temperamento e clima.

Nas serranias do Thibet, onde rapidamente se passa do mais rigoroso frio ao mais suffocante calor, ensinam os lamas que o inferno, situado em determinado logar da Asia umas tantas legoas da superficie da terra, é formado de dezeseis circulos: oito onde se arde, oito onde se gela.

Nas esplanadas da India, onde não ha inverno, e onde as populações, languidas de calor, corruptas pelas liberalidades da terra, apenas tem phantasia para inventar prazeres e supplicios, dizem os brahmanes que certos sitios do Naraka estão cheios de mosquitos, de serpentes venenosas, de escorpiões horriveis, de tigres, de abutres e de todos os flagellos proprios d'aquellas regiões ardentes; e que os outros circulos são o theatro das mais requintadas torturas que ainda póde conceber a malicia d'um rajah arrojado. Ahi os glotões

são condemnados a comer calháos asperrimos de puas agudas; os luxuriosos são apertados nos braços de estatuas de ferro em braza.

Contam pelo miudo todas as circumstancias d'estes infinitos martyrios, e taes narrativas fariam impallidecer Ixion sobre a sua roda, Sizipho debaixo do seu penedo. Sabem os hindostanicos pelos livros e pela tradição em que ponto da sua terra está situado o Naraka e a que profundeza se encontra. Mas não podem os mortos encerrados ahi achar os limites e as portas d'aquelle inferno.

No inferno dos scandinavos, chamado Nifleim, não ha fogo. Essas antigas nações do norte gostam tanto de calor, que não poderam consideral-o um supplicio; pelo que o seu inferno é de neve, onde ha o tiritar, a fome, a febre, a velhice tremente, as torrentes glaciaes, as tempestades, o uivar dos lobos, o pavor que estaleja os dentes, e os cobardes, unicos condemnados que ahi vão.

Concluamos esta historia, que daria assumpto para um livro. As reflexões moraes que ella suscita vão breve ser applicadas na descripção do nosso proprio inferno, que na essencia não se distingue dos infernos pagãos. Porém, sendo elle procedente do inferno judaico, paremos diante d'este.

CAPITULO TERCEIRO

Opinião dos judeus ácerca da vista interior do inferno.

Sabido é que o Antigo Testamento é muito sobrio de revelações do inferno. Com muito custo se rebuscaram n'elle alguns versiculos tendentes a estabelecer aquella crença entre os hebreus, antes da destruição do primeiro templo. Os saduceos, que juravam sómente pela Biblia, negavam absolutamente a vida futura. Ora, bastantes sabios tinham os saduceos em conta de melhores interpretes da Biblia. Dizem elles que os judeus, durante as tristezas do captiveiro, souberam da bôcca dos magos a immortalidade da alma e a sciencia demonologica. Todavia, Abrahão era chaldeo; os filhos de Jacob haviam longo tempo estanciado no Egypto; — isto dá a crer que os seus descendentes deviam possuir, antes de exilados em Babylonia,

parte dos conhecimentos que os escripturistas registavam. Não exerciam os prophetas um ensino mystico, e não conservava o povo tantas tradições grosseiras contemporaneas de Moysés e talvez anteriores? As passagens respigadas na escriptura e nomeadamente em Isaias, relativas ao inferno, seriam inexplicaveis, se não se lhe referissem; mas seriam egualmente inexplicaveis se o povo não tivesse, para intendel-as, mais luz da que lhe dão essas passagens. Estes trechos não encerram doutrina secreta dos prophetas, respeito á vida futura; contém mais referencias que revelações á crença vulgar e formalissima do inferno.

O nome «Géhenna» que lá dão á paragem das expiações futuras, não era estrangeiro; era o nome de um vale ao poente de Jerusalem, onde, desde a origem de sua historia, iam os hebreus adorar Molock, e sacrificar-lhe no fogo victimas humanas, e, ás vezes, seus proprios filhos. N'este sitio, tambem denominado *Trophet*, ou «logar horrendo», eram lançados os cadaveres dos justiçados e os despojos dos animaes. Este valle maldito, sagrado pela superstição aos deuses sanguinarios, juncado de carnes putridas e ossadas alvejantes, assombrado de larvas sinistras, resonante de gemidos e rugidos, converteu-se para os moradores da cidade santa, não já em verdadeiro inferno, mas no symbolo exterior e synonymo de inferno. No inferno verdadeiro, ardiam Moloch e os seus idolatras na mesma fogueira; os máos eram roidos pelos vermes; e estes vermes eram immorredouros como as suas

prêas: — idêas positivamente exprimidas por Isaias, cap. LXVI, ultimo verso.

É egualmente certo que os rabbinos e tambem o povo, tão pouco iniciados até então andavam na mystica philosophia, que, se alguma vez discutiam, davam azo a que os prophetas se rissem ou indignassem; porém, depois que os rabbinos e o povo se recolheram do captiveiro, as suas noções eram mais amplas, e talvez as mesmas que se escondiam nas escólas do Carmelo e de Galgala.

Vamos vêr quaes são as noções não contidas no Antigo Testamento, mas traçadas manifestamente no Novo, as quaes, quando S. Paulo, S. Mathias, S. João e outros apostolos escreviam, já se haviam derramado na Judea, quinhentos ou mais annos antes.

Era dividido o Scheol, ou mundo futuro, em duas regiões, que comprehendiam o paraiso e a géhenna. A géhenna, objecto d'este estudo, era contada no numero das sete creações anteriores ao nosso universo. A' similhança do Amenthi egypcio e do Naraka indiatico, era formada de diversos circulos, mas só tinha sete, correspondendo aos sete dias do Genesis, e aos sete ceos ou sete circulos do paraiso. Havia géhenna superior e géhenna inferior. A superior abrangia os seis primeiros circulos: era uma especie de purgatorio onde baixavam, depois da morte, os peccadores dignos de perdão: uns ficavam no sexto, outros no quinto, outros no quarto circulo, outros no primeiro, conforme a gravidade ou leveza dos seus peccados.

Trezentos e sessenta e cinco degráos, correspondentes aos trezentos e sessenta e cinco peccados assignalados pelos doutores, formavam escaleiras d'um circulo a outro, e em cada circulo era mister passar trezentos e sessenta e cinco dias. Porém, os grandes criminosos, abatidos sob o gravame de suas culpas, atravessavam, sem poder parar e com a rapidez de pedra arrojada por funda, os seis primeiros circulos da spiral, e cahiam no setimo, no fundo abysmo, na géhenna inferior, d'onde não ha mais sahir. Á frente de suas legiões ahi os recebia Samael, e então lhes começava o perpetuo supplicio, o insulto dos diabos, a saudade da vida, o fogo interno e externo, o tormento da sêde, e a miragem cruelissima que scintilla aos olhos dos peregrinos agonisantes no deserto ([1]).

Taes eram, em resumo, as opiniões da synagoga ácerca do inferno. Entretanto os essenios, seita monastica celibataria que vivia em commum para espiri-

(1) O inferno mahometano é copia do judaico, mas copia singularmente alterada. O anjo Trakek é quem lá governa. Ha lá chuva de peçonha. Chama-se Géhenna e divide-se em sete circulos. Porém, exceptuado o primeiro circulo, reservado exclusivamente para os musulmanos, e o ultimo, destinado aos hypocritas, cada qual dos outros é pertencente a cada uma das religiões diversas que precederam o islamismo. Estes hereticos estão portanto em andares sobrepostos, quasi por ordem de sua antiguidade: os christãos no segundo, os judeus no terceiro, os sabeos no quarto, os guebros no quinto, os idolatras no sexto. D'estes seis ultimos ninguem sahe: ahi é o verdadeiro inferno; mas o primeiro, o circulo de honra dos crentes, é purgatorio, no dizer dos doutores.

*

tualmente se reproduzir, professavam outra. O inferno d'elles, coisa notavel, similhava ao dos monges thibetanos; os soffrimentos ahi eram calor e frio, e todas as intemperies das estações em climas deseguaes.

Agora vejamos o inferno dos nossos theologos.

CAPITULO QUARTO

O INFERNO DOS THEOLOGOS

POR DUAS FACES VAMOS VER O NOSSO INFERNO; PRIMEIRA A MATERIAL, DEPOIS A MORAL

I

O inferno material

São puros espiritos os demonios, e tambem puros espiritos devem considerar-se os condemnados no inferno, por quanto só a alma d'elles lá desceu, e os ossos restituidos á terra se transformam continuamente em hervaçaes, plantas, fructos, mineraes, liquidos, desfigurando-se nas continuadas methamorphoses da materia.

Tanto, porém, os condemnados como os santos hão-de resuscitar no dia final e reassumir para nunca mais o deixar um corpo carnal, o mesmo corpo com o qual passaram entre os vivos.

A distincção d'uns a outros é que os eleitos hão de resurgir em corpos purificados e radiosos, e os condemnados em corpos poluidos e afeiados pela cul-

pa. E de então ao diante não haverá sómente puros espiritos no inferno; mas sim homens como nós. É por consequencia o inferno uma localidade physica, geographica e material, visto que hão de povoal-o creaturas terrestres, dotadas de pés, mãos, bôcca, lingua, dentes, orelhas, olhos como os nossos, veias com sangue, e nervos sensiveis á dor.

Onde está situado este inferno? Alguns doutores situam-no nas entranhas da terra; outros em certo planeta que eu não sei; mas a questão nenhum concilio ainda a resolveu. A este respeito é tudo conjecturas; o mais que se affirma é que o inferno, seja onde fôr, é um mundo composto de elementos materiaes, mas não tem sol, nem lua, nem estrellas, e é mais triste e inhospito, e mais ermo de todo o germen e apparencia de bem, do que todos os pontos inhabitaveis do mundo em que peccamos.

Não se arriscam os discretos theologos a pintar, á similhança dos egypicos, indostanicos, e gregos, o immenso horror d'essa mansão; limitam-se a dar-nos como amostra o pouco que a escriptura denuncia, o lago de fogo, e o enxofre do Apocalypse, e mais os vermes de Isaias, aquelles vermes eternamente enxameando sobre as carcaças de Thophet, e os demonios atormentando os homens que perverterám, e os homens chorando e ringindo os dentes, segundo a expressão dos evangelistas.

Santo Agostinho não concede que aquellas penas physicas sejam simples imagens das penas moraes;

contempla em um verdadeiro lago de enxofre vermes e serpentes verdadeiras encarniçadas sobre todas as partes dos condemnados, exacerbando com as suas mordeduras as ulcerações do fogo. Quer, conforme um verso de S. Marcos, que este estranho fogo, posto que material como o nosso, e actuando sobre corpos materiaes, os conservará como o sal conserva a carne das victimas sempre sacrificadas e sempre viventes, sentirão a dôr d'aquelle fogo que queima sem destruir, e lhes filtra aos musculos, saturando-lhes os membros, desde a medulla dos ossos e as pupillas dos olhos até as mais occultas e sensiveis fibras do seu ser.

Se elles podessem submergir-se na cratera d'um vulcão, sentir-se-hiam alli refrigerados e consolados.

D'esta arte fallam com toda a segurança os mais timidos, os mais discretos e reservados theologos; não negam, porém, que no inferno haja outros supplicios corporaes; sómente dizem que não tem d'elles um sufficiente conhecimento, ou pelo menos tão positivo como aquelle que receberam ácerca do horrivel supplicio do fogo, e do afflictivo supplicio dos vermes. Ha no entanto theologos mais audazes e illustrados que nos dão descripções mais miudas, variadas, e completas do inferno; e, bem que não saibam em que local do espaço tal inferno esteja, consta-lhes que alguns santos o viram.

De certo que estes santos lá não foram com a lyra em punho, como Orpheo, ou com a espada na mão,

á similhança de Ulysses: baixaram lá arrebatados em espirito. D'este numero é Santa Thereza.

Quem lê a relação d'esta santa cuidará que no inferno ha cidades. Pelo menos lá viu ella uma especie de viella longa e estreita como ha tantas nas cidades antigas; entrou caminhando horrorisada sobre um terreno lamacento e fetido onde rastejavam reptis monstruosos; mas foi retida em seu transito por uma parede que atravancava a viella; e n'esta parede havia um nicho onde Santa Thereza se metteu sem saber como. Disse ella que este logar lhe estava destinado, se abusasse emquanto viva das graças que Deus difundia sobre a sua cella d'Avila. E, bem que ella se anichasse com maravilhosa facilidade n'aquella guarita de pedra, não podia nem assentar-se, nem deitar-se, nem estar de pé, nem safar-se; que estas horriveis paredes, apertando-a, envolviam-na, angustiavam-na, como se fossem animadas. Parecia-lhe que a abafavam, que a estrangulavam, e ao mesmo tempo a estripavam e a faziam pedaços.

E sentia-se arder, e não havia genero de afflição que não experimentasse. Esperança de soccorro, nenhuma. Á volta d'ella tudo escuro; mas ainda assim, atravez d'essas trevas, entrevia, com grande espanto, a hedionda rua por onde tinha passado com toda a sua immunda visinhança: espectaculo que lhe era tão intoleravel como as intalladelas da prisão.

Ora isto de certo era apenas um cantinho do inferno.

Outros viajantes espirituaes foram mais obsequiados. Houve tal que viu no inferno grandes cidades a arder, Babylonia e Ninive, e até Roma, com os seus palacios e templos abrazados, e os habitantes acorrentados, mercadejando no balcão, padres misturados com meretrizes nas salas dos festins, hurrando nas suas poltronas d'onde não podiam arrancar-se, e levando aos beiços, para apagar a sede, copos que golphavam lavaredas; validos em joelhos sobre almadraques ardentes, com as mãos postas, e principes vertendo sobre elles devorante lava d'ouro fundido. Outros viram no inferno descampados sem limites, cavados e semeados por lavradores famelicos. E d'essas plantas fumegantes de suor, como nenhum fructo vingasse, os lavradores devoravam-se uns aos outros; e, depois, tantos quantos tinham sido, magros e famintos do mesmo modo, dispersavam-se em bandos pelos horisontes fóra em cata de terras mais ditosas, e eram logo substituidos por outras colonias errantes de condemnados.

Houve quem visse no inferno serranias cavadas de abysmos, de florestas gementes, poços sem agua, fontes de lagrimas, regatos de sangue, turbilhões de neve em desertos de gelo, barcos desesperados vogando em mar sem praia. Em fim lá viram quanto os pagãos tinham visto, o reflexo lugubre da terra, uma sombra incommensuravelmente augmentada de suas miserias, os seus naturaes soffrimentos eternisados, entrando

n'isto masmorras, forcas, e os instrumentos de tortura que as nossas proprias mãos forjaram.

Ha com effeito lá n'essas profundezas demonios que se fazem corporeos, para mais a preceito atormentarem os homens em suas carnes. Uns tem azas de morcego, pontas, coiraças escamosas, griphos e agudissimos dentes. Temol-os visto pintados, armados de espadas, de forcados, de tenazes ardentes, de serras, de grelhas, de folles, de clavas, empregando tudo isto durante a eternidade n'uma especie de açougue e cosinha da carne humana. Ha outros transformados em leões, e viboras enormes, arrastando as prêas em solitarias cavernas.

Alguns desfiguram-se em corvos para arrancar os olhos a certos padecentes, em quanto outros se transformam em dragões volateis, e vão carregados d'almas sanguentas e lastimosas atravez de tenebrosos espaços, e as precipitam no lago de enxofre. Além se vê nuvens de gafanhotos, e de agigantados escorpiões, cuja vista arripia, cujo cheiro enoja, cujo menor contacto convulsiona. Acolá estão os monstros polycephalos abrindo vorazes fauces, sacudindo as crinas formadas de aspides, triturando os condemnados entre os seus queixos sangrentos, e vomitando-os logo mastigados, mas ainda vivos, porque são immortaes.

Estes demonios de fórma sensivel, recordando tão ao vivo os deoses do Amenthi e do Tartaro e os idolos que os phenicios, os moabitas e outros gentios visinhos da Judea adoravam, estes demonios não func-

cionam á toa; cada qual tem seu officio e sua tarefa: o mal que fazem no inferno corresponde ao mal que elles inspiraram e fizeram commetter n'este mundo. São os condemnados punidos em todos os sentidos e orgãos porque offenderam Deus por todos os orgãos e sentidos. Os comilões são punidos de certa maneira pelos demonios da intemperança, e d'outra maneira os calaceiros pelos demonios da preguiça, e ainda d'outra maneira os lascivos pelos demonios da sensualidade; em fim, são tantas as maneiras quantas as variedades de peccar. Dizem que elles até na fogueira terão frio, e no gelo se sentirão arder; estarão ávidos de descanso e irrequietos; sempre com fome, sempre com sede, e mil vezes mais cansados que o escravo no fim do dia, mais doentes que os moribundos, mais lacerados, mais escalavrados, mais lazaros que os martyres, e assim para todo o sempre.

Nenhum demonio se desgosta nem desgostará jámais do seu terrivel officio; n'esta parte são elles disciplinados a ponto, e fidelissimos na execução das ordens vingativas que receberam. Se não fosse isso, que seria do inferno? Se os demonios tivessem rixas entre si ou se fatigassem, os pacientes descansariam. Mas nem uns descansam, nem os outros se desavêm: e posto que sejam máos e muitissimos, os demonios harmonisam-se d'um cabo a outro do abysmo, por tanta maneira que nunca na terra se viram nações mais submissas a seus principes, exercitos mais doceis a seus generaes, communidades fradescas mais obedien-

tes a seus prelados. Nada se sabe da ralé dos demonios, d'essa canalha de espiritos villãos que formam legiões de vampiros, de sapos, de escorpiões, de corvos, de hydras, de salamandras e outra bicharia sem nome que constituem a zoologia das regiões infernaes; mas são conhecidos de nome muitos principes que commandam aquellas legiões, entre outros Belphegor, o demonio da luxuria, Abbaddon ou Apollyon, o demonio da carnificina, Beelzebuth, o demonio dos desejos impuros, ou o principe das moscas geradoras da podridão, e Mammou, o demonio da avareza, e Moloch, e Belial, e Baalgad, e Astaroth, e outros mais, e sobre todos o chefe universal, o sombrio archanjo que no céo se chamava Lucifer, e no inferno se chama Satan.

Eis aqui, em summa, a idêa que se nos dá do inferno, observado em sua natureza physica, e nas penas corporaes que lá se padecem. Lêde os escriptos dos padres e antigos doutores, interrogae as piedosas legendas, examinae as esculpturas e paineis das nossas egrejas, attentae o ouvido no que se diz em nossos pulpitos e sabereis muitas outras coisas.

II

Reflexões sobre as penas materiaes dos condemnados

De qualquer modo que as figuremos, e quando mesmo por piedade ou qualquer outra razão se reduzissem só á acção do fogo, estas penas materiaes não poderiam ser eternas, porque, se a alma é immortal e póde soffrer sempre, não succede o mesmo ao seu involtorio terrestre: corpos de carne, á feição dos nossos, são de seu natural incapazes de resistir a similhantes agentes de destruição.

É um milagre a resurreição dos corpos; mas faz-se mister um segundo milagre para dar a estes corpos mortaes, já usados pelos transitorios attritos da vida, e de mais a mais aniquillados, a virtude de subsistir, sem se dissolverem, na fornalha onde metaes se evaporassem. Diga-se embora que a alma é algoz de si mesma, que Deus a não persegue, mas que a desampara pelo estado desgraçado que ella escolheu: isso ainda póde rigorosamente comprehender-se, posto que o desamparo eterno d'um ser desvairado e padecente pareça pouco conforme á bondade do Creador; porém o que se diz da alma e das penas espirituaes não póde por modo algum ser dito a respeito dos corpos e das penas corporaes; que para eternisar as penas corporaes não basta que Deus retire a sua mão;

pelo contrario, é forçoso que elle a mostre, que intervenha, que opere, sem o que o corpo succumbiria.

Conjecturaram, pois, os theologos que Deus effectivamente opera, em seguida á resurreição, o segundo milagre de que fallamos. Primeiro, exhuma do sepulchro os corpos de argila que lá se haviam desfeito; tira-os taes quaes lá tinham entrado com as suas nativas infermidades e as degradações successivas da idade, da doença e do vicio, decrepitos, infesados, gotosos, cheios de precisões, sensiveis á ferroada d'uma abelha, cobertos das macerações que lhes fizeram o rossar da vida e da morte: eis o primeiro milagre. Depois, a estes corpos alquebrados, prestes a reverter ao pó d'onde surgiram, inflige uma propriedade que não tinham: a immortalidade, o mesmo dom que n'um lance de colera, ou, se o quereis, n'um lance de misericordia, elle tinha subtrahido a Adão quando o expulsou do Eden: eis o segundo milagre. Quando Adão era immortal, era invulneravel; e, quando cessou de ser invulneravel, tornou-se mortal. Á dôr seguiu-se o morrer.

A resurreição, portanto, nem nos repõe nas condições physicas do homem innocente, nem nas condições physicas do homem culpado; é uma resurreição das nossas miserias sómente; mas com sobrecarga de novas miserias, infinitamente mais horriveis; é, até certo ponto, uma verdadeira creação, e mais maliciosa que imaginação alguma ainda conce-

beu. Dir-se-ha que Deus reconsidera e varía, quando accrescenta aos tormentos espirituaes dos peccadores tormentos corporaes de duração infinda, e muda de repente as leis e as propriedades por elle prescriptas ás composições da materia desde a origem d'ella. Resuscita cárnes doentes e corruptas, e, atando com indesatavel nó elementos que tendem a separar-se, mantém e perpetúa, contra a ordem natural, aquella podridão vivente, que é posta no fogo, não para se depurar, mas para ser conservada qual é, sensivel, padecente, ardente e immortal.

Por amor d'este milagre é Deus arvorado em um dos algozes do inferno; por que, se os condemnados só a si podem imputar seus males espirituaes, tambem não tem a quem imputar os outros senão a Deus. Já não era pouco abandonal-os, depois de mortos, á tristeza, ao remorso e a quantas agonias sente a alma que perdeu o bem supremo; mas ha ahi peor: irá Deus, no dizer dos theologos, procural-os nas trevas do seu abysmo; chamal-os-ha por instantes á luz, não para allivial-os, mas sim para vestil-os d'um corpo horrido, chammejante, immorredouro, e n'este acto os abandonará definitivamente. Mas não será isso ainda abandono, pois que céo, terra e inferno não subsistem senão por um acto permanente da divina vontade sempre activa. É força, então, que Deus os tenha sempre de sua mão, para obstar que o fogo se apague e os corpos se consumam, a fim de que esses desgra-

çados immortaes contribuam, com a perennidade de seu supplicio, á edificação dos predestinados.

Vem a ponto um episodio da historia da Egreja, que, máo grado nosso, nos veio á lembrança. Seja-me permittido recordarvo-lo.

III

Os martyres de Nero

Foi Nero um poderoso imperador. Galardoava esplendidamente os escravos que o serviam; e, ao mesmo tempo, incutia-lhes medo salutar com o seu systema de tratar inimigos. Queimando Roma a fim de a reedificar mais formosa, assacou o crime aos christãos, gente indocil que o não bajulava, e cria em justiça mais amavel que a d'elle, e por esta e outras razões desagradava á plebe idólatra. O processo foi summario; a sentença de morte, e a execução espantosas, como vai vêr-se. Embrearam-os de resina, amarraram-os a postes de ferro, cravados distantes entre si nos bellos jardins de Sallustio, onde eram celebrados então os jogos nocturnos. Era já noite, quando as portas foram abertas á multidão. Eis que sôa o clangor das trombetas, e logo os verdugos infileirados chegaram lume ás tunicas dos christãos. Callam-se as trombetas; restrugem de todos os lados gritos estridentes. A subitas, arvores, flôres, estatuas, esca-

dozes marmoreos, tanques, repuxos, tudo resplandeceu. Chega Cezar na sua carroça, escoltado de vistosa côrte, derramando, por sobre as turbas aterradas e jubilosas do seu sorriso, ouro e perolas. Servem-se banquetes. Dançam as filhas do oriente, em quanto os tocadores de alaude e cantores confundem a dôce melodia de seus concertos com os applausos do povo fiel e os derradeiros arrancos dos christãos que vasquejavam em suas tunicas ardentes.

Pouco durou aquelle instructivo espectaculo. N'este mundo, as festas mais bisarras são curtas. Felizmente para os martyres, Nero não era Deus. Diz-se, porém: eil-os, os confessores de Christo apremiados, á volta de um Deus que dá ares de Nero, e como contemplando, á maneira do Cezar, em festa sem fim, milhares de creaturas humanas, estorcendo-se e clamando nas lavaredas, tochas ullulantes, fachos inextinguiveis, testemunho assás consolativo da superioridade do rei do céo sobre os regulos da terra.

Haja paciencia, que ainda falta o mais essencial. Aquellas penas corporaes são quasi nada. Repugnantissimas que ellas se nos figurem, são essas, ainda assim, a menos repugnante cousa que o inferno encerra.

IV

O inferno espiritual

Em que meditam esses pobres entes atormentados? Que sentimentos os dominam? Que fazem elles, durante as suas inexpremiveis torturas, n'esse tempo illimitado em que os segundos são seculos, e os seculos menos que segundos? Os theologos tem investigado estas cousas; e, presupposto perpetuo o inferno, não ha dous modos de resolver aquellas perguntas. Uma breve reflexão vos dará a resposta que os theologos tem dado perfeitamente conforme a todas as tradições.

Imaginai um lupanar de embriagados, um hospital de loucos, um covil de assassinos, uma caverna de ladrões, um bordel immundo; soltai ao mesmo tempo todos os moradores d'esses abominaveis logares, e tereis uma optima pintura do inferno espiritual, isto é, o estado mental dos condemnados. Novos e velhos, homens e mulheres, embaralhados todos, apostrophando, jurando, blasphemando, eternamente ebrios, eternamente vorazes, eternamente lascivos, eternamente invejosos e crueis, eternamente impios, eternamente sandeus.

Como as sombras do Tartaro, choram o nosso sol, as sombras, as frescas ribeiras, os pampanos dos nossos vinhedos, e todos os prazeres sensuaes de que

ávidamente estão sequiosos e privados. Os demonios, que os castigam por seus passados prazeres, alimentam n'elles inuteis saudades, e insensatos desejos, dos quaes nada póde distrahil-os, nem sequer as dôres corporaes, e agudissimas de que são atormentados todos os seus membros. N'isto, de mais a mais, os demonios o que fazem é executar as sentenças do soberano juiz — sentença promulgada no céo, pela qual são os reprobos intellectualmente torturados; pois diz Santo Agostinho no seu *Commentario aos psalmos :* faz-se mister que tudo quanto deliciou os homens, quando peccaram, se converta em instrumento do Senhor quando castiga. O desejo saciado é, pois, punido com o desejo insaciavel.

Não imaginem que no inferno haja uma só alma que deplore a sua innocencia baptismal, e o céo promettido que ella perdeu, e a companhia dos anjos, e a bemaventurança dos eleitos. Os precítos fogem de Deus, não o procuram; viram-no no dia do juizo, tem-no presente sempre nos tormentos que soffrem. De certo os angustía estar tão longe d'elle; mas é angustia de raiva que não tem nada que vêr com as saudades e anceios do amor.

Não pensem que entre as alegrias cuja perda lá nos dilacera o coração, estejam os castos prazeres do lar, a pratica dos anciãos, as meiguices das creanças, a ternura dos irmãos, a dôce confiança dos amigos, as consolações do trabalho e as recompensas do estudo. Verdadeiras alegrias eram aquellas de certo

para os peccadores; mas os condemnados nem as desejam, nem d'ellas se lembram; abasta-lhes a sciencia que tem; e, pelo que toca ás affeições terrestres, mortas são todas: resta-lhes o odio sómente. A mãe que está no inferno, se tem um filho no paraizo, abomina-o, e elle a ella; se o tem no inferno, abomina-o tambem e é correspondida por igual, e, se o tem vivo no mundo a choral-a, da mesma sorte o abomina. Filhos, pae, marido, irmãos e irmãs, amigos, tudo lhe é igualmente odioso.

O que os condemnados mais ardentemente desejam é coisa que se beba e se coma, e além d'isso as delicias sensuaes e a bruteza do coito carnal. São de tal sorte as suas disposições em meio de tantos soffrimentos que, se um só d'esses condemnados podesse por um momento voltar á vida, escandalisaria um alcouce. Entretanto, confessam a justiça da condemnação que os fere; mas é para amaldiçoal-a; e, bem que não sejam atheus, por que tal não podem ser em similhante lugar, são mais scelerados, ignobeis, impudentes e perversos do que poderia sêl-o uma nação de atheus. Uma nação de atheus, não sendo composta de immortaes, temer-se-hia do nada como d'um objecto de medo ou esperança, e tiraria d'ahi certas regras de proceder que bastariam a tornal-a menos miseravel e brutal; mas no inferno não ha que temer nem que esperar. Ha ahi um retouçar-se na dôr, em horrendos sonhos, que exulceram os appetites sem os satisfazer. Ahi é tudo obscenidade, egoismo, opprobrio, hedion-

dez, a humanidade disforme, depravadissima, impudentissima, sem piedade, sem consciencia.

A blasphemia é a unica distincção que separa os condemnados das feras assanhadas, e que os levanta algum tanto acima dos porcos, dos lobos, dos macacos, dos toiros, dos bodes e dos reptis. É logo a blasphemia o unico symptoma de razão que se lhes deixa, a sua unica e ultima grandeza! Os irracionaes nem quando soffrem blasphemam: a blasphemia é um acto intellectual que n'este mundo degrada, e no inferno exalta. Um condemnado que louvasse a Deus seria um santo, cujo supplicio cedo ou tarde acabaria; mas, sendo interminavel o supplicio d'elle e impossiveis os santos n'este abysmo, o condemnado que não blasphemasse seria um bruto infecto.

É portanto de justiça que os façam blasphemar; d'isso inferimos que elles tem alma; e d'esse modo a mostram na unica maneira que podem; e, se não podem satisfazer a vil concupiscencia que os devora, desforram-se saboreando a pleno peito o agro prazer de insultar o Deus que os pune por tão singular maneira.

V

Continuação do inferno espiritual

Havendo só o inferno, já se vê que n'esta infame companhia os theologos misturam, como iguaes, qualquer homem honrado que morra na incredulidade dos mysterios. Isto lhe basta para ser condemnado. E com esse vae tambem a viuva pobre, que, em vez de ir á egreja no domingo, remenda os fatinhos das suas creanças: tambem não é preciso mais para ser condemnada.

Tambem lá vão, á conta de não jejuarem, nossas mães e irmãs, mulheres e filhos: pois não é bastante razão para ir ao inferno quem come um bocado de pão com certo prazer?

Este inferno, povoado de patifes incorrigiveis, é uma escóla: ninguem ahi se corrige, mas aprende cada qual a conhecer-se, e já não é pouco. Quem quer que ahi desce, logo que ahi está, é igual aos devassos, aos parricidas e aos traidores. Quem ahi se vê tão diverso do que se imaginava n'este mundo, aterra-se de si proprio. O bom que cada qual tinha em si quando vivia, com a vida se desvaneceu; e o mal que era apenas uma imperceptivel mancha, lavrou como a gangrená, de tal arte que alma e corpo é tudo uma chaga.

Que o homem se perdesse por um pomo ou por um imperio, por um beijo ou por um homicidio, o resultado é o mesmo: ninguem é condemnado com attenuantes. Não procureis no inferno um companheiro menos corrompido do que os outros, que se respeite ou que seja respeitavel por qualquer motivo; é coisa que lá não ha; ninguem conserva ahi vislumbre das qualidades que na terra se respeitam. Ou vades para a direita ou para a esquerda, para cima ou para baixo, girai em todas as direcções d'esse abysmo, que não achareis germen, relampago, sombra de virtude. Aquelles sabios cujas vigilias opulentaram os homens, e não deixaram dinheiro com que os enterrassem; aquelles philosophos estoicos, legisladores, magistrados, guerreiros illustres, e soldados obscuros mortos nas fronteiras; aquelles rigidos protestantes que psalmodeavam nas lavaredas, aquellas esposas extremosas, e as noivas cuja sepultura é juncada de rosas brancas — todos esses que não morreram em graça — de qualquer modo que pensassem e procedessem n'este mundo, os seus costumes e pensamentos são forçosamente os do outro. Os que lhe sabem a historia, e os amaram e lamentam, não hão de reconhecel-os. Eil-os preza de todos os vicios, paixões, e desejos dos condemnados. Grandes homens, sabios heroes, martyres, mães veneradas, donzellas castas, artistas sobrios e modestos, eil-os em côro de impios, fallando como ebrios, cynicos e assassinos. Abandonou-os Deus todos a um tempo, a um tempo os pune todos; o

mesmo ferro lhes abrasa os corpos e a mesma febre lhes alanceia as almas.

Ahi está o inferno espiritual.

VI

Da immortalidade das penas espirituaes do inferno.

É pois o inferno um máo logar, trescalando ao vicio e ao crime. Os demonios, guardas d'este máo logar, e professos na corrupção, usam do imperio que sobre os hospedes lhes é permittido, corrompendo-os incessantemente e sem lucta nem obstaculo.

É propriedade d'elles a alma dos condemnados. Deus, entregando-lh'a para que elles façam d'ella o que poderem, não lh'a disputa e bastantemente sabe o que elles farão.

Se as afflições espirituaes dos condemnados fossem sómente crueis, seria isso bastante para nos auctorisar a duvidar da eternidade d'ellas; mas, além de crueis, impuras, é um direito, é até um dever negal-as. É certo que a natureza algumas vezes inflige ao homem esses impuros soffrimentos; mas são transitorios: uns morrem, alguns curam-se, e outros endoidecem: é outro genero de morte. Mas no inferno os furores sensuaes, os appetites phreneticos não matam nem remedeiam, não são venenos nem balsamos, são penas sem fructo e sem fim.

«Que condemnação, diz S. Bernardo, a da vontade amarrada á precisão de crêr o *mal* e não crêr o *bem;* por tal modo que de qualquer maneira que se mova, é sempre *criminosa* e miseravelmente! Não ha de gozar jámais os prazeres *culpaveis* que deseja; e as *privações* que ella não quer é as que ella ha de ter por toda a eternidade.»

Crêr o mal e não crêr o bem, é logo o resultado d'aquella condemnação. Por sentença do juiz, e de que juiz! é que lá eternamente se anceiam impudicos prazeres, ao mesmo passo que o espirito soffre a privação dos sentidos. Montesquieu, que, a fallar verdade, não era padre da Igreja nem monge, formava outra idêa da natureza moral das penas destinadas a servir de sancção aos accordãos da justiça da terra propriamente. Lêde no *Espirito das leis* certo capitulo intitulado: *Da violação do pudôr, no castigo dos crimes.* Assim começa o capitulo: «Ha regras de pudôr observadas em quasi todas as nações do mundo: absurdo seria violal-as no castigo dos crimes, o qual deve sempre ter em vista o restabelecimento da ordem.»

Ainda que Montesquieu m'o não dissesse, a cousa é evidente por si. Satrapas em delirio, Cezares devassos, tyrannos corruptissimos, póde ser que alguma vez enviassem uma rapariga desobediente mas honesta a um bordel, e que, ajuntando calculadamente a indecencia ao castigo, convertessem a excitação dos sentidos em supplicio legal, deshonrando a lei para deshonrar o inimigo. Em todos os paizes civilisados cas-

tiga-se para restabelecer a ordem material e a moral quanto póde ser.

Cuida-se em esquivar o culpado ás seducções que o perderam; impedem-no de ser nocivo a si e aos outros; privam-no de satisfazer as paixões, não com o intento de lh'as irritar, mas de enfraquecel-as; sequestram-no da companhia das pessoas de bem, não para que as odeie, mas para que as chore; deseja-se que a sua maior afflicção consista em havel-as offendido, e que o arrependimento o rehabilite para tornar ao seio d'ellas; protegem-no contra a injuria; enviam-lhe a visita de caridade que o instrue, consola e ás vezes restaura. Estas conversões são raras certamente; quasi todas as nossas prisões são infectas; ahi a soledade corrompe; e a promiscuidade é contagiosa. Sabem-no os legisladores, e os juizes tambem. Não se diz, porém, que assim o querem juizes e legisladores? E, na verdade, querem-no assim!? Que se nos depara ahi senão o stygma da imperfeição das nossas obras, e a pequenez de recursos em comparação dos desejos? Mas nem por isso nos sentimos descrer dos intimos anhelos que nos incitam a buscar nas penas meio de restaurar a ordem perturbada, onde quer que seja, e até na alma do criminoso. O que a mesma imperfeição nos aconselha é que prosigam sem descanso no intento, que será completamente realisado no mundo em que a justiça é perfeita, e o poder do principe igual á sua justiça.

Não nos mostrem, pois, no inferno, uma galé im-

mensa, repleta de impudentes scelerados, porque vos será perguntado se Deus não póde, mais que os homens, vencer corações rebeldes, ou se mais lhe praz exercitar sua omnipotencia a perpetuar um feio espectaculo que nós, philosophos e christãos, bem quizeramos que fosse banido.

Esta concepção do inferno, tão ignobil quanto atroz, data visivelmente de tempos barbaros, em que a vida physica afogava a moral, e a justiça não transparecia aos olhos propriamente do sabio senão atravez da nuvem sanguinosa da vingança.

Punir eternamente o vicio com o vicio, a immoralidade com a immoralidade! que projecto! e, na execução d'elle, que prodigio! Pois não basta justiçar o homem no corpo? Será preciso que o aváro, durante a tortura, arda de saudades dos thesouros que tantos cuidados lhe custaram e tantas dôres grangearam? Ha de o comilão, deitado sobre grelhas em brasa estar a pensar sempre na cosinha e na garrafeira? O voluptuoso, comido de chammas e de bichos, ha de estar sempre a lagrimar pelas parceiras? Acham isto possivel? Sendo assim, no inferno sabe-se melhor do que na terra o que valem riquezas, prazeres, divisas, veneras, medalhas, sceptro e arminhos. Ahi, ser-se-ha, de facto, blasphemo, e intencionalmente devasso, adultero, usurario, despota, valido, mas tudo isto sobre brasas? Havemos de confessar que o local não é dos melhores para taes desejos, e que só por milagre, em tal sitio e por muito tempo, possa haver si-

milhantes delirios. Ora ahi vedes que se attribue a Deus o milagre de fixar a alma dos condemnados sobre impuras imagens, immobilisando-as em appetites que o offendem. É o peccado eternisado, e eternisado por Deus. Não cabe a responsabilidade d'isso aos condemnados. Não os accuseis; lamentai-os; que esses infelizes não são viciosos de vontade propria: é a lei que os obriga.

VII

Ultimas considerações ácerca do inferno theologico

Affirmam os theologos que a liberdade é um mero accidente da nossa vida mortal, e que, além da campa, se perde, tomando-nol-a Deus que nol-a dera, e quebrando entre nossas mãos, no momento da morte, aquelle instrumento de nossas provações. Os justos são esbulhados d'ella para permanecerem justos, e os máos tambem para ficarem máos. Diz-se que Satan prevaricou por que era livre; e, depois da queda de Satan, no céo não houve mais creaturas livres, nem tão pouco no inferno, onde o proprio archanjo está acorrentado ao peccado.

Não são, por isso, livres os condemnados. Pensam, amam, desejam; mas não lhes é concedido meditar, amar e querer senão maldades. Soffrem e sabem o porquê; mas não podem aproveitar-se do que sabem e do que soffrem. Conhecem os seus crimes;

porém, não se arrependem, porque o arrependimento é um bem, e o bem não podem elles sentil-o. Se peccam sempre, é que a tanto são obrigados por sentença. Conservam razão e sentidos; mas consciencia não a tem, não discernem entre justo e injusto; não são senhores de seus actos; soffrem avassalados pelos sentidos, apezar da razão.

Esta escravidão absoluta, irremediavel e eterna, explica superabundantemente a immoralidade e o odioso de suas penas. Pois se de todo em todo lhes é impossivel a conversão, inutil e deshumano é o castigo corporal que os tortura.

Se não fosse a perpetuidade d'esta escravidão, seriam intelligiveis a fome, a sede, o lago de sulphur, a cama d'espinhos, o cavalete, a roda, os tractos a fogo e ferro. Vá d'exemplo: eis aqui um criminoso impenitente, que ha folgado com os soffrimentos alheios e calcado todas as leis da terra. Morre. Acabou-se tudo para elle? Não. Que vá, n'outro mundo, saber á sua custa o que é dôr, e que piedade merecem os que soffrem. Deus é bastante poderoso para o castigar a ponto de o fazer bradar por misericordia; é justo que o não poupe; exige-o a humanidade, com a condição de que esse peccador castigado seja ainda homem, isto é, um ser não só intelligente e sensivel, mas livre, e, por consequencia, susceptivel de emenda. Mas, se antes de o ferir, lhe tira o recurso do arrependimento; se, em vez do homem, o que temos á vista é um mero bruto sobrenatural, monstruoso, ignobil, a quem a

dôr nada ensina, e a razão nada presta, máo por necessidade, torturado, sangrento, nojoso, gemente... ah! quem falla ahi de justiça? desfaçam por piedade esse monstro; basta de padecer; logo que lhe tirastes a liberdade, restituida lhe foi a innocencia.

Quando uma creança brinca á beira de um poço, e cahe apezar dos avisos da mãe, a pobre mãe não respira em quanto a não salva; corre logo sem attender á desobediencia, porque a vê mais carecida do soccorro quanto maior é o perigo; para castigo lhe basta a quéda. Que diriam os theologos, se aquella mãe, em vez de tirar do poço o filho, lhe fosse quebrar braços e pernas, e cobril-o de pedras? O que elles theologos imaginam que Deus faz, é aquillo mesmo. Aviltam-no quanto podem.

CAPITULO QUINTO

SURSUM CORDA

I

Fujamos d'este lamaçal. Lavemos pés, mãos, cabeça e vestidos. Cauterisemos os beiços com um carvão acceso. Demonios, chammas impuras, espiritos malfeitores, odios, vinganças, carnificinas, ferozes alegrias, estupidos terrores, sonhos do homem primitivo adormecido em antro á ourela de lagôas turbidas, com o estomago regorgitado de carnes sanguentas, com a mão sobre a clava, e a alma ainda fremente das paixões do dia; mystagogia antiga; sapiencia idolatra; delirios renovados dos barbaros orientaes e occidentaes; confuso acervo de subtilezas methaphysicas e torpes fabulas e aspirações, sublimes e baixos erros, inferno velho e inferno novo, palacios oscillantes edificados com ruinas, Naraka, Amenthi, Tartaro e Gé-

henna, sumi-vos! O tempo avança; é já dia; a calhandra já cantou, vamos á serra vêr o repontar do sol. Acima, ainda mais para o alto, subamos ás espigas da montanha, onde o ar é mais sadio e o horisonte mais amplo. Azas, azas! vamos admirar o sol que regenera a vida e a fecundidade da terra, e a todo o ser a sua vera fórma, e aos homens, que desperta do somno fundo, a consciencia de si mesmos e o sentimento das realidades que o rodeam. Mais ao alto! Mais ainda! azas, azas, ó minha alma! Voemos até á origem da luz, de que este pallido sol é apenas sombra!

II

Deus é uno, com infinita variedade de attributos, cuja manifestação lhe não lesa a unidade. Conhecemol-o n'este mundo por fé unicamente, porque o não vemos qual é, e não temos d'elle, em nossos corações, senão uma imagem imperfeita, e, para assim dizer, mutilada. Por tanto, aquelle sagrado nome exprime o que sabemos realmente, mas tambem o que não sabemos, e o que saberemos de Deus, no dia derradeiro. Encerra Deus todas as perfeições, cujo complexo, de que apenas concebemos parte minima, é o mysterio que adoramos atravez d'um véo, que a morte levantará, assim para santos como para peccadores.

Sem duvida que os mais obdurados peccadores hão

de vêr Deus; e hão de vêr não sómente alguns attributos seus, mas todos; não hão de vêr sómente a sua eternidade, por quanto a eternidade está em Deus, mas a eternidade não é Deus; não hão de vêr sómente a sua justiça e infinita omnipotencia, por quanto a justiça infinita e omnipotencia são em Deus, mas não constituem toda a sua essencia; não hão de vêr sómente a sua justiça, por quanto a justiça está em Deus; mas só ou unida ao poder eterno a justiça não é Deus: senão seriam tantos os deuses quantos são os attributos e virtudes distinctas na unidade divina.

Quando os peccadores virem Deus, então hão de vêr quanto ha em Deus, sua bondade, misericordia e justiça; vel-o-hão a toda a luz, d'um só lance de olhos, por que tudo o que a nossa lingua separa é inseparavel em Deus; e, se elle retrahisse dos peccadores um só resplendor de sua face, ficaria sendo o Deus abscondito que a nossa fé adora, e não o Deus visivel perante o qual toda a incredulidade se dissipa. Pelo que, ao mesmo tempo que sua justiça encher de medo as almas, a sua bondade as consolará mediante a confiança e arrependimento.

III

Grandes e pequenos, doutos e ignorantes, todos os peccadores serão castigados, cada qual á medida de suas culpas. Nenhuma será esquecida; mas, por isso mesmo, todas as virtudes serão lembradas. Ao

pessimo peccador que em sua vida teve um bom sentimento, um bom desejo sequer, isto lhe será como torcida ainda fumegante a qual o sopro de Deus accenderá em flamma. O pouquinho bem que praticou lhe será contado, até ao ceitil, até ao pucaro de agua dado ao caminheiro, até ao grão de painço dado á avezinha, até ao movimento do dedo mendinho em que a creança vacillante se amparou, até ao olhar compadecido pôsto na face do attribulado. Estas são as unicas acções que elle quereria recomeçar e multiplicar n'esta vida, se lhe fosse dado aqui voltar, por que é esse o sagrado laço que o une ainda, posto que de longe, á assemblêa dos justos; e o mal que fez, esse ainda subsiste, mas só na dôr que sente de havêl-o feito, e no arrependimento com que o recorda. Prazeres torpes, revezados de inquietações amargas não os cubiça. Deplora o ceo, e não a terra. Sómente saudades do ceo pódem enternecer a lagrimas entes racionaes, desempeçados das trevas d'este mundo.

IV

Os mortos que Deus pune viram a Deus, e, a um tempo, se sentiram attrahidos para elle, e repulsos e como repuxados para longe pelo iman de seus peccados. Abriu-se o abysmo e cahiram, mas com a vista sempre fita n'aquella ineffavel luz que lhe foge, e os braços estendidos para o Deus misericordioso que os

exila temporariamente por causa de suas offensas. Cahem levando comsigo a indelevel memoria d'aquella formosura e sabedoria infinitas que só instantaneamente viram, e ao baquearem-se, exclamam: « Havei piedade de mim! »

Os mortos que Deus castiga viram Deus; e para logo o amaram, que é impossivel vêl-o sem o amar. Viram-o e esqueceram a terra; viram-o, e arderam em sede inextinguivel de tornar a vêl-o e possuil-o. Verdadeiro castigo! Expiação dolorosa, mas efficaz! Ardentes lagrimas, mas salutares, que o amor derrama, e o amor enxugará.

V

Blasphemar que é? É negar Deus ou algum dos seus divinos attributos ou alguma das eternas e infinitas propriedades do seu ser.

Negar-lhe a existencia é blasphemia; negar-lhe o poder é blasphemia; negar-lhe a immensidade, a eternidade ou a sabedoria é blasphemia.

A blasphemia é sómente praticavel n'estas regiões de duvida e mysterio em que Deus escassamente se deixa entrever atravez d'um veo. Mas o veo cahiu na presença dos mortos.

Os cegos viram; os paralyticos andaram; os mudos fallaram. Confessam todos que Deus existe, que é eterno e poderoso e justo. Negar-lhe a justiça como poderiam elles, se sentem até ao amago de seu ser a

claridade ardente e purificante? E, se não podem negal-a, como ousariam affrontal-a? Mas, se querem que elles blasphemem, digam-nos qual das perfeições divinas elles negarão?

Ai! aos theologos aprouve que os condemnados negassem a que mais valiosa lhes seria. Os condemnados negarão a bondade de Deus; injuriando-o de máo, de cruel, de implacavel, de escarnecedor de suas agonias, de vingativo, de carrasco, e não juiz. Isto, com effeito, é que é blasphemar.

Mas estes impios discursos não os vociferam os mortos castigados por Deus; sois vós, scribas e doutores, que lh'os inventastes; e o que a isso vos levou foi o imaginardes um inferno perpetuo, e, pelo tanto, o effeito que o castigo esteril devia produzir sobre soffredores immortaes. Entrai mentalmente n'essa catacumba infecta, tomai por instantes o logar das victimas, e ousai fallar em bondade de Deus. Não acreditareis em tal. Máo grado vosso, a blasphemia vos fugirá da bôcca.

Os primeiros blasphemadores são, logo, os inventores d'aquelle imaginario supplicio. Á maneira dos idolatras, fraccionaram Deus, extremando entre justiça e bondade — attributos indistintos. De modo que essas presumidas blasphemias do inferno são sómente um ecco das que esbravejaram nas almas d'elles, ao contemplarem a sua obra.

VI

Deus é justiça e misericordia conjuncta e indivisivelmente. Nos actos da sua justiça ha sempre um fundamento de misericordia; e, nos actos em que sómente a sua misericordia realça, ha um fundamento de justiça. É offendel-o dizer que é misericordioso sem justiça para uns, e justiceiro sem misericordia para outros. Isto é falso quanto ao tempo e quanto á eternidade. É justo Deus com os justos coroando-os, por que se a salvação d'estes fosse gratuita e mera complacencia particular, favor e não recompensa, o castigo dos peccadores seria iniquo. Na gloria, pois, dos bemaventurados reina tanta justiça quanta misericordia.

Mas, se Deus, no outro mundo, é justo para os eleitos, por que não ha de ser misericordioso com os peccadores?

Mostrais-me a sua misericordia no ceo; e eu tambem lá vejo a sua justiça.

Mostrais-me a sua justiça no inferno, e eu tambem lá procuro a sua misericordia.

VII

A condemnação do vosso inferno está na necessidade logica e invisivel que lá obriga a offender e amaldiçoar Deus. É isso possivel? Deus quer ser injuriado

eternamente? Não quererá antes ser adorado e abençoado por todas as creaturas? Adoram-no os santos em jubilo, e os mortos, que pune, adoram-no em penas, por que sabem que ellas hão de ter fim.

Seja-me testemunha o Evangelho.

CAPITULO SETIMO

A parabola do rico avarento

Lux in tenebris.

Lêde no Evangelho de S. Lucas, capitulo XVI, a parabola do rico avarento.

Do fundo do inferno, o rico avarento levanta a voz para seu pae Abrahão : «Compadece-te de mim, e manda cá a Lazaro, para que molhe em agua a ponta do seu dedo, a fim de me refrescar a lingua.» Lazaro não se bole, em quanto o patriarcha lembra ao padecente a pena de talião; cabe agora ao opulento mendigar, e ao pobre fartar-se.

O rico avarento baixou os olhos, e não pediu mais agua: resignou-se, não murmurou, não blasphemou, renunciou a gottinha d'agua como renunciára as vestes purpureas e as regalias da meza. Todavia, ainda outra vez se dirigiu ao pae Abrahão: «Eu te rogo

que o mandes a casa de meu pae, pois que tenho cinco irmãos, para que lhes dê testemunho, não succeda virem tambem elles parar a este logar de tormento.» E Abrahão lhe disse: «Elles lá tem Moysés e os prophetas: ouçam-os.» Ainda assim, o padecente insiste: «Mas, se algum morto lá fôr, elles farão penitencia.»

Ahi está mudada não só a fortuna do rico avarento, mas o coração tambem. Eil-o humilde, supplicante, submisso. Recebe as recusas sem irar-se; e, em meio de suas dôres, lembra-se enternecido de cinco irmãos que deixou na terra. Não lhes inveja os haveres; pelo contrario, quer incutir-lhes caridade, e só por amor d'elles importuna o seu ascendente Abrahão. Porém, Lazaro e Abrahão sahem-lhe tão rijos como elle tinha sido para com as dôres alheias. O tal Lazaro, cujas chagas os cães lambiam, tornou-se menos piedoso com o proximo do que haviam sido com elle os cães. Refocila-se nas delicias do ceo, como o rico avarento se refocilára nas da terra, e esqueceu o que era penar, e o que se deve a quem pede. No tocante ao patriarcha, esse, em vez de consolar o neto supplicante, desespera-o; e, a segunda vez que o desgraçado ousa pedir-lhe um milagre de bondade, não para si, mas para os irmãos, que lhe responde o outro? Responde seccamente que os irmãos lá tem as escripturas tão dignas de credito como os mortos, pelo menos.

Admiravel, mas, para theologos, incomprehensivel parabola! Eis aqui o inferno converso, repêso, enternecido, o rico aváro deplorativo e caridoso, e por ci-

ma, um ceo de bronze, uns santos descaroados. Este não é o inferno judaico, é christão; mas o paraiso esse é que é judaico, e não christão.

CAPITULO OITAVO

Terra, inferno, ceo.

DESVIRTUAR O INFERNO É DESVIRTUAR A TERRA E O CEO. NÃO É OUTRO O SENTIDO LATENTE DA PARABOLA DE LAZARO

I

TERRA

As affeições d'esta vida continuam na outra. Mesmamente no ceo, a Virgem é Mãe de Christo. Todos esperam reconhecer, além-tumulo, as pessoas que na terra estremeceram. Reconhecer-se-hão os esposos, pois que hão de reconhecer os filhos. Esta esperança é a maior consolação d'esta vida, e uma das forças que nos attrahem para o ceo. Mas o perpetuo inferno nos escurece aquella esperança e nos esfria os mais santos affectos.

Eis um pae de familia que morre subitamente ou de violenta morte, ou na sua cama, sem padre, sem sacramentos, ao cabo de uma vida devota. Imaginem a incerteza da viuva e dos orphãos quanto á salvação d'esse ente que os amou, educou, nutriu, instruiu e

consolou. Se ha coisa verdadeira no ensino dos theologos, podemos apostar mil contra um que este homem cahiu no inferno para sempre.

Que afflicção para acrescentar ás angustias d'aquella familia! Se elles tivessem a certeza de amar um peccador penitente, a quem rogos e boas obras podessem levar refrigerio, que supplicas, que piedosas obras não fariam! Mas amar um condemnado! suffragar um condemnado! amarrarem-se á memoria de um condemnado! guardar-lhe as reliquias, as cartas, o retrato! Choral-o, suspirar por ir vêl-o! De repente, morrer para odial-o! Saber, e pensar estas coisas! Seja embora uma duvida; é duvida que gela a oração no peito; quebra o animo para o bem-proceder; espanca a piedade do lar; e aconselha o estontecer-se e esquecer-se um homem—coisa tão natural ao mundano egoismo —; ou então, o outro egoismo feroz e sombrio do frade que immola á sua propria salvação todos os affectos humanos.

II

Ceo

Haverá no ceo familias que se encontrem; mas tambem no ceo haverá orphãos eternos, e viuvas eternas, e mães eternamente sem filhos. Se isto é motivo para amarguras, ahi está o agro das doçuras do ceo; mas, se é motivo para alegrias, que horriveis alegrias!

O rico avarento do Evangelho seria em verdade melhor do que os eleitos. Sem duvida, mais caridade haveria no inferno que no ceo.

CAPITULO OITAVO

HISTORIA DE UM SONHO

I

Ganhou um medico, á cabeceira de um pobre, doença mortal. Chegou tão depressa a morte que não lhe deu tempo de chamar o padre. Chegou o padre, quando elle era já morto. Circumvagou os olhos pelos assistentes, disse que o chamaram tarde, e sahiu dando aos hombros.

As poucas palavras e o gesto impressionaram vivamente a viuva, que se quedou a pensar n'aquillo todo dia.

II

E eu velava á sombra do funebre leito. A viuva estava ali orando, soluçando, e sempre preoccupada,

a pezar seu, com as palavras do padre. A intervallos, olhava ella para mim chorando, invocava-me como testemunha da virtude de seu marido, e dizia-me com anciedade: «Não se salvará elle?» —Não duvide, senhora — dizia-lhe eu; porém tristemente eu via que as minhas respostas a não socegavam.

Ao cahir da tarde, como ella desde a vespera não comesse nem dormisse, fiz que seu filhinho lhe offerecesse algum alimento. Debalde se esforçou por engulir. Então pediu um livro de orações. Abriu ao acaso um que lhe deram, esperando achar ali algum alivio, que não achou; pelo contrario, com a leitura cresceu-lhe a inquietação. Vi-lhe então no rosto uns tregeitos involuntarios, e um crispar de mãos, e por fim um grito e logo cahiu desmaiada nos braços de quem a levou d'ali.

III

Apanhei o livro cahido de suas mãos. Denominava-se *Quotidiano do christão,* e facilmente conheci nas paginas avincadas as passagens que ella tinha lido: eram os *Pensamentos christãos para todos os dias do mez,* pelo padre Bouhours, da companhia de Jesus. Tinha ella desmaiado quando lia no *quinto dia* uma meditação ácerca do *Juizo final.* Acontece sempre que o ferido ao cahir bate sempre na chaga. Alguns trechos do capitulo, cujas margens estavam laceradas, diziam assim: «Quão terrivel é o dia da ira do Se-

«nhor! Os justos escassamente serão havidos como «taes: que será dos peccadores? Que sentença póde esperar o peccador impenitente de um Deus inexora«vel? Oh! que terribilissima sentença! *Ide, malditos, «arder em fogo eterno!* Ai! onde irão, Senhor, esses «desgraçados que amaldiçoaes? Para que ponto do «mundo quereis que se afastem, distanciando-se de vós? «Onde é que está paragem tão funesta?

«SEXTO DIA

»O INFERNO

«I. Que horror ganhariamos ao inferno, se podes«semos ouvir os lamentaveis gritos dos condemnados! «Suspiram, gemem, urram como bestas-feras em meio «de lavaredas. Accusam-se de seus peccados, cho«rando-se, detestando-os; mas É TARDE. *O chorar não «lhes faz senão augmentar o ardor do fogo que os «queima sem consumil-os.* Penitencia dos condemna«dos! quanto és rigorosa, e *inutil!*

«II. Não vêr Deus nunca, arder em fogo de que o «nosso é apenas sombra; soffrer ao mesmo tempo «quantos males ha ahi, *sem allivio, sem repouso; sem«pre com os olhos postos nos demonios, sempre com o «coração raivoso e desesperado,* que vida!

«III. Esses desgraçados *enfuriam-se* por terem des«prezado tantas occasiões de salvarem-se. *O recorda«rem os prazeres passados é-lhes um de seus mais pe«nosos tormentos;* mas o tormento superior a todos

«é a lembrança de terem, por sua culpa, perdido «Deus.» [1]

Pobre mulher!—disse eu entre mim lendo aquelle capitulo — vêr seu marido, tão bom homem, alcunhado de besta-fera! E topar em livro de piedade, onde procurava consolar-se, esta cruel sentença que de manhã ouvira da bôcca d'um sacerdote: É MUITO TARDE!... Quiz fechar o livro; mas o titulo do *Dia* seguinte, impresso em versaletes, susteve-me.

«SETIMO DIA

»DA ETERNIDADE DAS PENAS DO INFERNO

«I. Poderá ir mais adiante a cólera de Deus *que «castiga prazeres que tão pouco duram com supplicios «sem fim?* Que desgraça não é isto! Não bastará que «os males d'um condemnado sejam extremos? É for«çoso que sejam eternos? Uma picada de alfinete é «mal bem leve; todavia, se este mal durasse sempre, «tornar-se-hia insupportavel. Ora, os tormentos do in«ferno que serão?

1 O padre Bouhours foi um solerte engenho, bastante mundanal, que distillava a frio no seu gabinete aquella rhetorica medonha, cuja leitura, se lhe dessem valor serio, seria capaz de fazer abortar uma mulher gravida. Acintemente abastarda elle n'este livro a verdadeira doutrina ácerca do inferno, doutrina em que se aprende que os condemnados amam o peccado, pois que amar o peccado é odiar Deus; conhecendo, porém, a desmoralisação de tal pena, o padre Bouhours presume que os condemnados abominam o peccado, mas que os seus olhos se abriram *já tarde*, por maneira que substitue á pena immoral, mas apparentemente justa,

«II. Ó eternidade! *Quando um condemnado po-«desse derramar lagrimas bastantes para fazerem quan-«tos mares e rios tem o mundo, ainda que vertesse uma «só lagrima em cada seculo, elle não estaria mais adian-«tado, depois de tantos milhões d'annos, como quando «começou a penar.*

«*Ser-lhe-ha forçoso recomeçar como se não tivesse «nada padecido; e, quando tiver recomeçado tantas ve-«zes quantos são os grãos de areia nas praias, os ato-«mos no ar e as folhas nos bosques, nada d'isso lhe «será contado.*

«III. Não só por toda a eternidade os condemna-«dos soffrerão; *mas, a cada instante, soffrem a eter-«nidade inteira.* Está-lhes sempre á vista a eternidade; «em todas as dôres se lhes côa a eternidade. *As pe-«nas infinitas continuamente lhes estão no espirito.* Cruel «idêa! deploravel situação! *Arder por uma eternidade! «chorar eternamente! Raivar sem fim!*»

Esta meditação corresponde ao *Setimo dia*, que é

uma pena de apparencia moral, mas para isso mesmo horrivelmente iniqua, por que detestar o peccado é amar o que ha mais avêsso ao peccado, isto é, a virtude, ou, mais ao claro, Deus. Segue-se que Deus deixaria infernados os que o amam e se arrependem de o haver offendido. N'outro capitulo da mesma obra o mesmo padre é de parecer que os condemnados não podem amar Deus. Mas, se elles não amam o bem nem o mal, nada amam; e então que vem a ser as penas espirituaes? Que soffrem? por que soffrem? por que se afflijem do perdimento d'um bem que não amam? e por que os afflige a perda dos prazeres que abominam? Tudo isso dispára n'um apontoado de sandices.

aquelle em que o Senhor entrou em descanso para admirar suas obras.

IV

Acabava eu de lêr, agitado, aquella pagina, quando a viuva recuperou os sentidos; mas quasi mentecapta. Exclamava ella que tinha a certeza de seu marido ter sido condemnado, por que não acreditava em tudo que a egreja ensinava, e morrêra sem confissão; accrescentava que o marido era bom para ella e para todos; que, ainda mesmo que a houvesse offendido, lhe perdoava pelo muito que elle estava padecendo, e que desejava ir juntar-se-lhe e consolal-o no inferno. Fallava em matar-se para mais depressa o vêr; e, dizendo isto, aconchegava o filho do seio, sorria-lhe, beijava-o convulsivamente, em duvida se devia matal-o; por quanto, dizia ella, o menino iria ao paraizo, se morresse então; e não se veriam mais, desejando ella leval-o ao pae.

Assim que ouvi os gritos, sahi do quarto mortuario para soccorrer, se fosse preciso, aquella afflicta gente, sobrecarregada com outra desgraça. Cercamos a joven viuva, vigiando angustiosamente os seus menores movimentos, por medo de que ella não praticasse algum acto de desesperação, de que dera mostras. Quizemos tirar-lhe o filho; mas ella dava ares de querer afogal-o antes que lh'o tirassem. Parecia já mais tran-

quilla que todos nós. Desfigurou-se-lhe cadavericamente o semblante; os olhos porém brilhavam, e o sorrir tinha um ar celestial. Fallava sem cessar do marido, e do prazer que ella teria em acompanhal-o no soffrimento. A mãe ajoelhou-se diante d'ella, que a levantou amorosamente, rogando-lhe que não pedisse a Deus pela sua alma.

Conseguimos em fim separal-a do filho, e levamol-os um apoz outro, elle já adormecido, e ella luctando comnosco, desgrenhada e rota. Seguiram-na os parentes, e eu fiquei sósinho á beira do cadaver.

V

Bem desejava eu tambem saír: carecia de distrahir-me. Piedade, cólera, fé, duvida, terror, mil contrarios sentimentos me agitavam, dos quaes eu não podia defender-me ao pé do esquife, e depois de similhante espectaculo! Encostei-me á banca onde estava deitado sobre uma alva coberta um crucifixo de marfim, e, contemplando aquella divina imagem, recolhi-me no mais intimo retrahimento d'alma. Perguntava eu a mim mesmo, com o coração apertado, o que devia crer-se da vida e morte de Christo, e se era certo que elle descesse do céo, como se dizia, para assombrar os justos, desesperar os peccadores, e conturbar a razão dos fracos. E a mim me quiz parecer que Jesus estava ali, e pensei vêl-o chorar, e

que uma de suas lagrimas resvalou sobre o *Quotidiano do christão,* e tudo que eu havia lido n'aquelle livro subitamente se desfez.

Estava ainda comtudo a minha alma perturbada. Interroguei o Christo. Não me respondeu. Então entrei em duvida se eu estava adormecido ou desperto. Vi — seria sonho?—um oceano de trevas alcantilar-se á volta de mim, e no seio d'essa escuridão immensa lampejava um frouxo raio de luz. E esta luz saía das fendas de um sepulchro, e Jesus estava deitado vivo n'esse sepulchro. Eu quiz levantar a pedra que o cobria, mas uns verdugos envoltos em trevas me deceparam as mãos ; eu quiz balbuciar, e arrancaram-me a lingua ; e assim mutilado, cego e mudo senti-me arrebatado e precipitado ás entranhas de um abysmo, e comprehendi que estava no inferno. O meu unico soffrimento ahi era a cegueira, e a espectativa anciadissima dos supplicios que me esperavam. E, como só tivesse ouvidos para entender, escutei, e comprehendi o seguinte.

VI

Ao principio ouvi um rumorejar estranho, que rolava prolongando-se ao travez dos espaços infinitos, e depois decrescia até ao ciciar da folhagem que a brisa da tarde acaricia, e por fim augmentava em estridor até exceder o roncar das vagas cavadas pela borrasca.

Estas comparações tiradas da terra não dão idêa da tristeza, do pungente e solemne d'aquelle immenso rugir de seres sem nome que eu não podia vêr e ouvir gemer. De toda a parte, suspiros, brados, soluços, gritos exhorativos, mas tudo distincto, conglobando-se sem confundir-se, e formando um brado unisono. Debaixo do sol não ha ahi espectaculo tão variado como o prantear d'aquellas almas, ressoando em choro universal quasi claro ainda, e mais afflictivo. Ao ouvir estes estrondos figurava-se-me que o sangue me escorria dos pulsos cortados, e o suor da fronte, e as lagrimas dos olhos, e tanto eu como tudo em redor soffriamos e supplicavamos.

VII

E uma voz exclamava : Oh ! quanto eu soffro, Deus meu ! Isto não terá fim ? Vós, Senhor, que me atirastes ignorante a um mundo escuro, não me julgaes, apoz tantos seculos, bastante castigado dos meus desvios d'um dia ?

E outra voz exclamava : Quando os meus peccados aqui me abysmaram, vossa mão, ó Deus, me amparava, e me ampara ainda ; e, assim mesmo, em logar de diminuir, o meu supplicio augmenta. Soffro com quantos de longe molestei : tenho fome com os que eu poderia fartar ; tenho frio com os que eu poderia vestir ; peza sobre mim a cada hora e cada

vez mais esmagadora a carga de males que fiz pezar sobre outros. Multiplicaram-se as minhas offensas como a herva sobre a minha campa esquecida, e as minhas feridas sangram sempre, e as minhas chagas lavram sem cessar. Isto é justo, meu Deus! Poderia eu ser feliz no céo, se visse o effeito de minhas obras? Em quanto fructifica a arvore fatal que plantei na terra, puni-me, Senhor! Mas não me tireis a esperança! O pouquinho bem que fiz na vida não germinará nem cobrirá, se o permittirdes, os vestigios das minhas iniquidades? Oh! quando nenhum ente vivo, n'algum logar do mundo, já não podér imputar-me seus soffrimentos, tende então piedade de mim, meu Deus!

E todas as almas peccadoras, unindo-se em um brado de misericordia, repetiram juntas, lá das reconditas profundezas: Tende piedade de mim! Tende piedade de mim!

Esta supplica em commum era a um tempo tão suave e dilacerante que eu imaginei que o ceo se abriria. Mas a noite que me envolvia espessou-se mais glacial; e o abysmo emmudeceu; e, apoz um instante de esperança, continuou a lamentar-se, correndo como o oceano nas fragarias da costa.

Ai! ai! — conclamavam os gritos que se extinguiam soluçando — é surdo o céo! é surdo o céo!

Nunca! nunca! — diziam outras vozes — Nunca! nunca! Meu Deus, que resposta á dôr! Nunca! nunca!

Descançai, filhos! — bradou um condemnado, que se me figurou, no tom de voz, ser um dos patriarchas do

abysmo — Não profirais essa palavra horrida. Ahi sôa em vossos pobres seios um ecco das maldições da terra, e não palavra descida do céo. Ha mais de mil annos que padeço, e oro, e escuto o céo, e não ouço a resposta. Oremos, oremos sempre!

E o ancião entoou um cantico; e, ao primeiro versiculo, parou e debulhou-se em lagrimas.

Ai! — ressoavam ao longe milhões de almas gementes — Ai! o céo é surdo! o céo é surdo!

N'este lance, uma voz sobrelevou a todas, dizendo:

— Ensinai-nos, ao menos, Senhor, a utilidade dos padecimentos. Se nos perdoasseis, acaso a vossa gloria padeceria com isso? A felicidade dos justos soffreria diminuição? Revoltar-se-hiam elles contra vós? Logo que as creaturas entraram á vossa presença, não se lhes acrisolaram os sentimentos de piedade? O padre que me estendia a mão quando era mortal e sujeito ao peccado, a esposa que eu amava, a mãe que me gerou, os amigos que me trahiram e aos quaes perdoei, os pobres que soccorri, e uma filha ingrata e amada a quem eu daria a comer o meu coração em ancias de fome, nem essa, ninguem vos intercede por mim? Hontem oravam elles quando eu me rejubilava nas culpas; pranteavam-me vivo e oravam por mim; e hoje esquecem-me, pendem para o crime, fogem da dôr; o amor a quem soffre e geme é sentimento ephemero, que vai mal para entes bemaventurados.

E a voz que fallava assim ergueu-se ainda para amaldiçoar, mas falleceu-lhe a força, e á maneira do

vagalhão que rossa a nuvem rugindo, subita recaiu e expirou em prolongado gemido.

Mas logo um brado novo retumba mais estridente ainda, e, eu, ouvindo-o, não distinguia se era oração, se blasphemia.

E bradava:—Creio na vossa justiça, meu Deus; mas deixai-me crêr na vossa misericordia. Não é ella tão infinita como a vossa justiça? Não é eterna? Se me perdoaveis quando eu estava na terra, porque não me perdoais aqui? Se eu sou o mesmo peccador, não sois vós o mesmo Deus? E, se a morte me mudou, pôde a morte d'um ente como eu mudar a vossa immutavel natureza? Cansou-se acaso a vossa bondade? Exhauriu-se? Sois vós susceptivel de cansaço? E, se alguma de vossas virtudes é transitoria, de circumstancia e occasional, é forçoso que seja a bondade, aquella ineffavel bondade que nós ignorantemente consideravamos lá em cima a mesma essencial e inalteravel virtude vossa! Se assim é — proseguiu a voz desesperada — anniquilai-me, Deus Omnipotente! Esta existencia é inutil; sou de mais no universo. Que lucraes com as minhas dôres? Tendes precisão d'ellas? Retomai esta vida de que sem duvida abusei, e esta intelligencia que perverti; apagai em mim esta luz, visto que principiam a rasgar-se os veos que a escurentavam.

Tirai-me a lembrança do céo, a ancia de ser feliz, a necessidade d'amar, a necessidade de saber; tirai-me, sobre tudo, por piedade, o sentimento da jus-

tiça, porque eu não sou Deus, e a vossa justiça é um mysterio, e contra minha vontade, a blasphemarei. Deixai-me morrer, ó Deus ! Deixai morrer quem soffre ! Matai o peccado incuravel e a dôr esteril, a fim de que na creação não haja um só atomo que não palpite de reconhecimento e alegria, ao ouvir o vosso nome santissimo.

E um clamor horrendo abafou a voz que fallava ; e, d'um angulo a outro do abysmo, todas as almas em tortura escabujavam, rogando a Deus que as deixasse morrer. E pediam a morte como os famintos mendigam pão ; chamavam-na com os gritos da mulher em angustias de parto do seu primogenito, com a dôr da victima na fogueira, com o rugido da leôa que perdeu os cachorros, com o balido do cordeirinho que procura a mãe. E eu tambem a chamava, e me pareceu vêl-a aproximar-se, e beijei-lhe a mão glacial ; e, quando me sentia morrer, despertei.

CAPITULO NONO

JUDAS ISCARIOTE

I

Eu escolheria d'entre os condemnados o mais desprezivel, se no inferno existisse um miseravel maior do que Judas.

Este vivia na amisade de Jesus; ninguem lhe conhecia mais de perto a innocencia; e, como elle fosse o particular distribuidor das esmolas (*João*, c. 13, v. 29), ninguem lhe conhecia melhor a bondade. Não obstante, vendeu-o; e, depois de o atraiçoar, voltou, ceou com elle, e, ao escurecer, guiou os soldados que o prenderam; e, como os soldados o não conhecessem, deu-lhes signal, abraçando-o. Eis aqui o crime circumstanciado. Premeditação, cubiça, villeza, tem de tudo. Judas vende o mestre e o amigo, o sabio e o justo. Vende-o sem colera, sem paixão, por bom di-

nheiro de contado, como venderia na feira um jumento ou um boi. Sabe que desejam matal-o; não importa! vende-o. E que será depois da Mãe de Jesus? e dos doentes que elle curava? e dos ignorantes que ensinava? Ah! que tem Judas com as lagrimas de mãe e com a ignorancia e lastimas do povo? Negociou com todas essas dores como mercadejou com a amisade, com a sabedoria, com a innocencia, com tudo que ahi ha divinal n'este mundo. Embolsou o preço; e, a fallar verdade, nem os phariseus nem elle avaliaram cara a mercancia: trinta dinheiros! dez vezes menos que a libra dos perfumes de Magdalena.

II

Um dos primeiros effeitos da perfidia de Judas foi a defecção dos apostolos. Em vez de seguirem o Mestre, falsamente accusado de sacrilego e seductor, dispersaram-se: Thiago, Simão, Thadeu, que elle chamava seus irmãos, João, o seu amigo dilecto, todos por egual covardes, não cuidaram senão em salvar-se. «Conheces este homem?» perguntaram a Pedro. — Não, — diz Pedro, o chefe, o mais corajoso de todos — não o conheço.— Renegou-o trez vezes; trez vezes mentiu; trez vezes testemunhou de falso em face dos accusadores: depois, chorou na escuridão, e calou-se. Todos deixaram injuriar, calumniar, chibatar e morrer Jesus, sem erguerem brado em sua defeza e

duvidando que fosse Deus, duvidando-lhe da missão, das promessas; bem que, para grande opprobrio d'elles, certos de sua amisade, pureza de vida, e excellencia da moral. Para se reanimarem foi preciso o milagre que o pae Abrahão recusou ao rico avarento; nada menos que resuscitarem os mortos, e que propriamente Jesus saísse do sepulchro, e que elles o vissem, e conversassem e comessem em sua companhia, e que Thomé lhe tocasse as chagas. Desde então é que prégaram com inabalavel fé a divindade de Jesus.

III

O peccado dos apostolos, n'esta lamentavel historia da Paixão, é, na essencia, egual ao de Judas, bem que não tanto odioso. Faltou-lhes a todos a fé; porém, sendo a fé um dom sobrenatural, não devemos arguil-os desabridamente porque não receberam o dom. O que do seu proceder nos irrita é deixarem ir até final, sem publico protesto, a obra de Judas; é que abandonassem o innocente amigo que os outros tinham vendido; é que não dissessem a Pilato ou Herodes: «Não! este homem não é sedicioso; quer que se dê a Cezar o que é de Cezar, e a Deus o que é de Deus; paz, desinteresse, e caridade são a sua doutrinação.» Isto bem o sabiam elles, e não o disseram, e deviam têl-o dito, sem medo, e não abafarem, como fizeram, o grito da consciencia. Este é que é o

crime dos apostolos, crime natural, como o de Judas.

Bem se deixa vêr que, se Judas vendeu o seu Deus, não pensava elle que vendia Deus: vendeu-o sem vêl-o, sem reconhecêl-o divino. O que elle a sabidas vendeu e quiz vender era um homem, pelo mesmo theor que os apostolos desampararam e quizeram desamparar um homem, mas o melhor e mais sabio homem, e o mais carinhoso amigo.

Vender Deus! renegar Deus! É isso crivel quando se crê em Deus? Tal crime, á força de disparatado, ficaria impune, como acto de sandice! Judas foi ingrato, ladrão, egoista, traidor doble, fallacioso, assassino; tudo isso foi e mais ainda; mas o certo é que, no intimo de seu coração, Judas não se julgava deicida.

IV

Por mais infame que haja sido, Judas não o era tanto que não comprehendesse a torpeza do seu acto. Tanto a comprehendeu que não se pôde afazer á sua villania; e, em quanto os apostolos se escondiam, foi elle—dolorosissimo acto! — confessar sua perfidia no templo, e restituir o dinheiro aos compradores, dizendo: «Vendi o sangue do innocente.» Mas ninguem se desata do seu remorso, como de um dinheiro que encrava espinhos na consciencia; e, na bôcca de um traidor, o testimunho a favor da innocencia perde

muito de sua efficacia. Sentiu-o vivissimamente Judas quando, apoz confessar-se do crime, os phariseus lhe responderam: «Que se nos dá d'isso? Lá te avém.» Saíu então do templo, convicto de que não estava em sua mão sustar as consequencias do seu crime, corrido, desesperado, indo ao encontro da morte que merecêra, mas que ninguem lhe dava, para que a sua penitencia fosse maior n'este mundo.

V

Vida de opprobrio e remorsos é expiação. Judas deveria viver. Porque se matou? Se elle cresse na divindade de Jesus, não se mataria, pois que, matando-se, ía entregar-se nas mãos d'Aquelle que atraiçoára. Por que se matou? O suicidio nada remedeia, e tira da contemplação dos homens o salutar espectaculo d'um criminoso contricto. Procurava elle anniquilar-se? A anniquilação ser-lhe-hia doce refugio: o nada não é pena. Ora é certo que ninguem disse que Judas fosse atheu. Se elle descrêsse de Deus e da vida futura, como explicar-lhe os remorsos? Que é crime, quando se crê que tudo acaba comnosco? Se não cresse em Deus, Judas guardaria os trinta dinheiros. Que temia elle? Como cumplices de seu crime tinha todo Israel, os padres que o corromperam, os senadores, Pilato, Caiphás, e a côrte de Herodes, e os proprios apostolos que negaram a victima. Então por que se matou?

VI

No suicidio de Judas ha terrivel mysterio; mas tambem, n'este mysterio, ha relance luminoso, e vem a ser que Judas, depois de confessar a perfidia, na face dos tentadores, calcando o ouro recebido, vagando loucamente pelas ruas de Jerusalem, valia tanto pelo menos como o senado judaico que continuava deliberando friamente a morte do justo, como Pilato que lavava as mãos, como Herodes e sua côrte que riam de tudo, e como os covardes amigos cujo testemunho, n'aquella conjunctura, seria muito mais importante que o d'elle. Tal monstro revertido a homem, de si mesmo horrorisado, saíu da cidade, entrou aos campos por onde tantas vezes estancára com o affavel Mestre, viu-se indigno de apertar a mão d'um amigo, porque havia trahido o mais fiel de todos; viu-se indigno de piedade por que a não tivera; e, por fim, desejou acabar. Nunca tinha sentido como então, nem quando ouvia Christo, o nada das riquezas, a vaidade do mundo, o desgosto dos prazeres, o horror dos vicios que os seguem. Oh! se elle podesse retroceder, delir de sua vida aquella nodoa de sangue, sacudir o pezo que lhe abafava o coração, quão diverso do que fôra não seria! Como agora se lhe figurava formosa a innocencia! Como as tentações lhe pareciam boas de subjugar! Ah! se elle podesse quebrar as prisões

de Jesus, e banhar-lhe os pés com suas lagrimas! Se podesse offerecer a vida a trôco da que o povo ía sacrificar! Com que prazer se deitaria na cruz, e ahi morreria em paz, se lhe fosse dado perdão de seu crime com tal condição!... Mas, ao longe, estrugia a grita da multidão enfuriada, bradando: « Crucifica-o! » Escutava o tropel dos cavallos, o retinir das armas, e a pancada do martello que cravava os pregos nas mãos bemfazejas do amigo que elle vendêra. Iriçaram-se-lhe os cabellos, reçumou-lhe suor glacial ao rosto, mal se tinha nas pernas como ebrio, sentia retrahir-se-lhe o chão debaixo dos pés. Oh! como Jesus padecia! Mas Judas padecia mais, porque soffria como criminoso, e não como justo. Os soffrimentos de Judas excedem todo o confronto. Não ha ahi agonia que lhes compareis. Em um dia, n'uma hora soffreu mais do que cem annos de penitencia no deserto, cem annos de vergonhas e supplicios entre os homens. A sua alma era uma fornalha em chammas. Os caminhos abrolhavam-lhe espinhos dilacerantes debaixo dos pés. Com os proprios dentes lacerava os beiços. O sangue estuára-lhe nas veias. Aquelle viver já não era vida de homem. Nem fome nem sede o espertavam do lethargo horrendo. Fulgurava-lhe um só sentimento: o horror do seu crime. O que elle levava pelos campos além era um cadaver já insensivel á dôr; e esse vil cadaver é o que elle estrangulou pendente da arvore. Fez mal. Melhor lhe fôra morrer ajoelhando, supplicando misericordia. Ah! acaso sabemos como elle morreu?

Por ventura, a dôr refinada até aquelle extremo não será a mais eloquente supplica? Quem o sabe n'este mundo?

VII

Seja, porém! Prosiga elle na outra vida o medonho supplicio que tentou abreviar! Que esse incomportavel castigo redobre de hora a hora, de anno a anno, de seculo a seculo. E' justo. *Amen! amen!*

Conte-se e publique-se em todas as linguas da terra que ha dezoito seculos Judas trahiu o Filho do homem, seu bemfeitor, seu amigo e mestre, e que o seu castigo dura ainda. Maldito seja elle e todos os seus similhantes! Maldito seja de pobres e ricos, dos filhos e das mães! Padres de Jesus Christo, levai esta nova a todas as choças e palacios; dizei-a a grandes e pequenos, aos que balanceam thuribulos, e aos que floream gladios, aos que julgam a terra e aos que são julgados! Ai dos hypocritas! ai dos ingratos! ai dos homens de duas linguas e duas caras! ai dos servos e dos irmãos tredos! ai dos que antepõem a amisade á justiça, e vendem sua alma ao sanhedrin, e contam as suas moedas em quanto o innocente é atormentado.

Dizei isto a toda a terra, padres de Jesus Christo, que não haverá ahi palavra que vos impugne.

Sim! Não ha ahi crueza de morte, e mormente voluntaria morte que expie tamanho crime. Judas sof-

fre ha dois mil annos, e d'aqui a quatro mil soffrerá ainda, e em quanto o genero humano não terminar a sua peregrinação terrestre, viverá em supplicio recrescente de tormentos inauditos.

VIII

Entretanto, meu Deus, este mundo de provações, segundo dissestes e tudo o confirma, ha de acabar. E, quando este mundo fôr destruido e renovado, quando já não houver sol, nem berços, nem sepulchros, nem gerações de peccadores, não perdoareis então a Judas? Quando elle apparecer á vossa presença no dia do juizo, depois de tantos seculos de indescriptiveis dôres, não vos lembrareis de que elle foi vosso amigo? Dar-se-ha caso que Pedro, esquecido da sua culpa e do perdão que a disfarçou, diga ainda outra vez: «Não conheço este homem?» João, Matheus, Thomé e Thiago, voltarão o rosto indignado, como se não houvessem tambem peccado e duvidado? Não vos dirá o côro inteiro dos apostolos: «Senhor, apiedai-vos d'elle. Sem a vossa graça, o que não teriamos feito nós?»

Apiedai-vos d'elle, Senhor! — dirão todos os bemaventurados — que elle, sem o saber, foi o instrumento e a victima da salvação dos homens. Feliz culpa! dizia Santo Agostinho do peccado de Adão, feliz culpa que grangeou para o genero humano situação melhor que a do Eden. Feliz tambem, meu Deus, a culpa de

Judas, pois era mister que, em cumprimento de vossos decretos, fosseis trahido por um dos vossos amigos. Horrendo, mas inevitavel crime, predicto muito antes pelos prophetas; crime salutar, introito mysterioso da paixão; crime que foi amaldiçoado e devia sêl-o, mas que hoje devemos perdoar e bemdizer, por quanto, sem tal crime, ó dôce Jesus, nem vós terieis morrido, nem o mundo estaria resgatado.

Apiedai-vos, pois, de Judas! Commiserem-vos seus remorsos, tormentos e lagrimas! Compadeça-vos a cegueira d'elle! E' bem de crêr que fechais os olhos da alma aos culpados e esta milagrosa cegueira com que os affligis é já per si um castigo. Mas tambem os castigareis por peccados e erros commettidos com vossa licença, no seio d'aquellas vingadoras trevas que derramastes no seu caminho? Não, não, meu Deus, vós o dissestes. Lembrai-vos de vossas derradeiras palavras na cruz redemptora, quando pedieis a vossso Pae perdão para os algozes, para os sacerdotes que vos haviam comprado, para o amigo desleal que vos tinha vendido, para o soldado cruel que vos cuspiu na face, para o povo desvairado que vos injuriava no supplicio: «Perdoai-lhes, pae, que elles não sabem o que fazem!»

E vosso Pae, que tudo vos concede, perdoou-lhes o sacrilegio, a blasphemia, e tudo quanto em seu crime entendia com a vossa abscondita divindade; perdoou-lhes o que a justiça e caridade querem que se perdoe aos insensatos e aos cegos, e a quantos *não sabem o que fazem*. O que ficou sobre elles pezando

é o peccado contra a humanidade, por que bem conheciam os peccadores a sua culpa no momento em que a commetteram. Meu Deus, perdoai-lhes! Pede-vol-o o genero humano ensinado por vossas lições e exemplos, e resgatado por vosso sangue.

CAPITULO DECIMO

Conclusão em fórma de parabola

O pae de familia dizia aos seus servos: Ide aos meus celleiros; tomai a flôr do grão que eu mesmo escolhi e ensaquei á parte em saco novo, e ide semear o meu campo. Não lhe mistureis o grão do saco velho; porque esse embriaga o homem e não o alimenta, e só para os cevados é bom.

Cumpriram os servos as ordens do amo; deixaram, porém, por descuido, cahir no saco novo os grãos malfazejos que o amo havia separado, e, logo que se misturaram, não poderam extremal-os, e cegamente os atiraram á uma para os sulcos.

Chegado o estio, um caminheiro que passava admirou a belleza das espigas que medravam na seara, mas reconheceu entre as espigas as plantas nocivas.

Arrancava elle discretamente as que haviam germinado até á beira da estrada, quando os servos, armados de páos, correram a prohibir-lhe que tocasse na seara que era de seu amo. Perguntou-lhes o caminheiro onde estava o amo, e soube d'elles que era fallecido, mas lhes recommendára que vigiassem a messe preparada para seus filhos.

O caminheiro, ouvida tal resposta, contristou-se, e lhes fez vêr a differença que havia entre o joio e o trigo. E disse-lhes: Acautelai-vos de os mandar juntos ao moinho, e não façais pão que não seja de puro fermento.

Os servos, não obstante, persuadidos da sabedoria do amo e do cumprimento fiel ás ordens recebidas, desconfiaram do caminhante, e de seus proprios olhos até, quando lhes apontava a differença das duas plantas. Se isto é joio, diziam, não fômos nós que o fizemos rebentar.

Certo é que não — disse o passageiro — não fostes vós quem fez germinar o trigo nem o joio, nem communicastes a cada um dos dois sua diversa virtude, nem tão pouco lh'as podereis tirar; mas, se não sois quem os fez crescer, fostes vós quem os semeou, depois de misturar os grãos que o pae de familia havia cuidadosamente separado. Se amais os filhos de vosso amo, fazei o que elle faria: não lhes deis a comer pão que empeçonha, porque d'elle adoecerão, e outros hão de morrer.

Turbaram-se grandemente os servos com tal dis-

curso. Um disse entre si: «Póde ser que o homem tenha razão: aqui ha plantas que não parecem eguaes; e é acertado não desprezar bons avisos, venham d'onde vierem, porque, um dia, quem sabe se nos serão pedidas contas?» Outros, no entanto, diziam: «Este homem póde ser um impostor. Quem sabe d'onde vem ou para onde vai? Quem lhe deu direito de nos ensinar? E porque não hemos de dar d'este pão aos filhos de nosso amo? Nós comeremos tambem d'elle.»

Dizendo isto, abaixaram-se a apanhar pedras, e remessaram-as contra o caminheiro que se affastou.

APPENDICE

CAPITULO PRIMEIRO

PROVAS MYSTICAS DO INFERNO

I

Da auctoridade da Biblia

Ninguem nega que a Biblia contém brilhantes verdades; mas essas brilhantes verdades não nos encantam por estarem na Biblia; em qualquer parte onde as vissemos, as amariamos por seu natural resplendor. Da natureza d'ellas, as encontrais nos escriptos dos antigos sabios. São taes verdades como a noiva dos Cantares: a sua belleza é toda sua, e não reflexa, e todo seu imperio lhes promana da formosura.

Porém, a Biblia tambem encerra pensamentos que, pomposamente vestidos, nos tocam o espirito por inverso modo. Quanto mais os examinamos tanto mais os regeitamos. Afóra a visinhança, nada tem commum com as sympathicas verdades, entre as quaes se nos deparam. É-nos, todavia, prohibido de as distinguir,

e confiar em uns com desconfiança d'outros; dizem-nos que tudo é verdadeiro, e verdadeiro com o mesmissimo titulo, não porque sejam umas cousas mais ou menos persuasivas que outras, mas porque se acham escriptas n'aquelle livro.

Dispensam-nos de procurar na Biblia o cunho interior que Deus gravou na verdade para que a reconheçamos. Caracteres naturaes e distinctivos do erro podem guiar-nos em tudo; mas na Biblia não. N'outros livros é facultativo discernir o justo do injusto; para o quê temos regras certissimas, e instrumentos agudissimos; mas é peccado querer julgar a Biblia. Cumpre-nos, lendo-a, desconfiar do nosso coração, do nosso espirito, de tudo, salvo d'ella. Assiste-nos o direito de dizer, como Platão que Homero ultraja a divina magestade, quando mistura o Olympo com as paixões humanas; porém, quando a Biblia glorifica a perfidia de Jahel, e a cavillação de Judith, e o roubo e carnificina dos chananeos, e faz collaborar Deus em tantas traições e morticinios, não nos é permittido o duvidar. Se Isaias nos figura o Salvador de Israel calcando o povo como o vinhateiro esmaga a uva no lagar, foliando sobre elle e sacudindo com selvagem alegria os seus vestidos aspergidos de sangue, não seu, mas dos homens, devemos dizer: *Amen!* eis aqui o bom pastor, o cordeiro de Deus, a mansa victima do Calvario, o Christo na sua gloria! E quando o psalmista comparar o Senhor a um homem embriagado do vinho que lhe redobra as forças e lhe faz expedir

pavorosos gritos, devemos sem escrupulo responder: Assim seja! Claro é que nenhum de nós quereria similhar-se ao vindimador sanguinolento nem ao guerreiro ebrio; ninguem ousaria assim fallar de Atila recolhido á tenda, com receio de ser ouvido; mas similhantes confrontos que envileceriam Jupiter e offenderiam o rei dos hunos, prodigalisal-os-hemos ao nosso Deus, em seu templo, attendendo a que os prophetas sabiam melhor do que nós quaes são os elogios que lhe prazem. Taes sujeitos nada diziam do seu chefe: tudo que escreviam era o espirito santo que lh'o ditava, desde os successos até ás expressões significativas d'elles. Ora ahi está por que tudo é sagrado quanto a Biblia contém, e por que tal pensamento, que n'outro livro trescalaria a impiedade, é, na Biblia, uma adoravel coisa. Ha n'isso mysterio não menos profundo que o do inferno, se tentarmos esclarecel-o; e tal mysterio, com que se quer demonstrar outro, promove discussões que o catholicismo impugnou sempre, servindo-se d'isso como arma contra os protestantes.

O catholicismo diz aos protestantes: Como sabeis que a Biblia é divina? Conhecestes Moysés? Quando Deus lhe fallou do cimo da montanha, estaveis presente? Passastes a pé enxuto o mar vermelho, ou bebestes agua da rocha de Horeb? Quem vos affirmou que aquelle homem era propheta? Que provas vedes na Biblia de que não é toda ella obra de homens? Milagres? Outros livros os contam, e vos fazem rir. Verdades? Outros livros as encerram sem que as impu-

teis ao Espirito Santo. Obscuridades? Coisa naturalissima, sendo tantas em todos os auctores, e nos vossos não menos. Quem sois vós, para que vos acreditemos, quando nos affirmaes inverosimilhanças? Não vos conhecemos. Que caução nos dais? Sois inspirados? Fazeis milagres? Vejamol-os. Não basta dizer: a Biblia é divina; é mister proval-o irrefutavelmente. O numero dos vossos partidarios não faz nada á questão. O livro dos Vedas, que se gosa do foro de divino na Asia, é tão antigo como a Biblia, e não tem menos sequazes. Se a Deus aprouvesse communicar-se aos homens por meios naturaes, como dizeis, fal-o-hia por lances de bondade, com o fim de os unir, como filhos do mesmo pae, por que, a par e passo que melhor se conhece Deus, mais se conhecem a caridade e justiça. Como é pois que tantas nações, presumindo possuirem taes oraculos, em vez de viverem unidas, luctam discordes, erigindo altar contra altar, injuriando-se, perseguindo-se, e votando-se reciprocamente ás chammas eternas! O que as divide é as obscuridades da Biblia; não é as verdades naturaes que lá se vos deparam. Quem alumiará a escureza em que dizeis está Deus involto, e no seio da qual os homens se dilaceram, desprezando naturaes e luminosissimas verdades? Os judeus entendem as prophecias diversamente do vosso parecer; e, tão de boa fé as interpretam, que sustentam a sua opinião em desterros, carceres, fogueiras, durante seculos, fugindo, e deixando rasto de sangue por toda a parte do mundo. Qual seita protestante não arrancou da es-

pada contra a sua irmã? Todas tem tido martyres e verdugos. Isso não nos parece prova da divindade da Biblia. Nem sequer lhe podereis provar a authenticidade. Os originaes d'esse livro miraculoso onde param? Perderam-se, comeu-os a traça, como succede por tempo a tudo que é obra de homens. Porção consideravel d'esse antigo monumento acabou ás mãos dos hebreus, depositarios d'elle. O que nos resta são reliquias. Se capitulos inteiros, de que apenas sabemos os titulos, já não existem, quem vos auctorisa a pensar que os capitulos subsistentes não foram alterados? Estariam elles a melhor resguardo? Por quem? Por que? E como? Quem os copiou? Quem os traduziu? Quem abona a fidelidade de tantos copistas, e a intelligencia e sciencia dos traductores? Por que signaes se conhece qual é a melhor entre as copias antigas, e entre as differentes copias antigas? Em qual traducção confiaremos entre tantas diversas? Reportar-nos-hemos ao livreiro, ao impressor, ou ao editor? A quem? A mortos desconhecidos, a vivos ignorantes, ou a sabios sem missão e cuja sciencia nos é ainda problematica? Pois que venha ahi quem quizer, e mostrando um papel rabiscado exclame: eis-aqui a palavra de Deus! E sem mais nem menos ponha-se a gente de joelhos! Á vista d'isso ninguem póde ser accusado de idolatria. Se não tendes á mão outras provas da authenticidade e divindade da Biblia, todo o homem cordato regeitará a Biblia, sem salvar o Novo Testamento. O christianismo foi prégado antes da re-

dacção dos evangelhos, ás multidões que não sabiam ler. Quando essas prégações começaram a correr escriptas, os evangelhos eram aos cardumes; appareceram logo cincoenta attribuidos aos apostolos e aos discipulos de Jesus.

Quem se entenderia n'este cháos? Quem poderia decidir que o evangelho de Thiago não era de Thiago, e que o evangelho de João era de João? Quem poderia discriminar entre o verdadeiro e o falso? Entre o de Deus e o dos homens? Quem poderia discernir e acreditar a boa copia entre as copias falsificadas de João? A coisa não era de si tão luminosa que podessemos aceital-a hoje em dia.

No quarto seculo, bem perto dos tempos apostolicos, esta questão enleava gravissimos doutores, um dos quaes, testemunha de taes incertezas, Santo Agostinho, dizia que elle sem o testemunho da Egreja não prestaria fé ao verdadeiro evangelho. Não achava elle portanto nos escriptos de João, de Lucas, de Marcos, de Matheus e de Paulo a prova intrinseca da sua divindade; com mais forte razão não acharia a mesma prova intrinseca nos escriptos de Moysés, de Samuel, de Esdras e outros prophetas.

Se eu não debilitei, resumindo-as, as razões com que os catholicos intentam reconduzir ao seu gremio as seitas dissidentes, expuz tudo o que tinha a expor sobre a primeira prova mystica do inferno, extrahida das Escripturas. Passemos á segunda prova que é o testemunho da Egreja.

II

Da auctoridade da Egreja

Diz-nos a Egreja catholica que é preciso crêr o que ella nos ensina como se Deus nos fallasse. Quando nos annuncia que todos nós peccamos antes de nascer, e que a Virgem, mãe de Christo, nasceu sem peccado—o que se não acha no evangelho—devemos acredital-o como se o evangelho o dissesse. A Egreja supre o silencio das escripturas, interpreta os textos, umas vezes prende-se á letra, outras descobre um entendimento occulto que só ella vê, o unico verdadeiro. Como possue, com a Biblia, a tradição oral dos patriarchas, dos prophetas e dos apostolos, a nova synagoga continúa no tempo e no espaço a immortal cadêa, guardando, diz ella, o dom de prophecia e o dom dos milagres.

A Egreja catholica é mais que a imagem de Jesus Christo: está consubstanciada n'elle como sua esposa. Testemunha do passado, luz do presente e do futuro, legislador infallivel, juiz sem appellação, devemos consideral-a sempre como viva incarnação do Verbo eterno. Seria a Biblia um livro duvidoso em seu texto, se ella não asseverasse a autenticidade d'elle, e duvidoso em seu espirito se não recebesse a missão de o explicar aos homens. De modo que toda a auctoridade n'este

mundo, já a da razão, já a dos livros sagrados, sóme-se absorvida na soberana auctoridade d'ella.

Esta segunda prova do inferno é de natureza analoga á primeira: é mysterio. Exponho-o sem o discutir. Mas os protestantes discutem-no; negam-o, reprovam-o em nome dos prophetas e dos apostolos, e milhares e centenas de milhares d'elles affrontariam a fome, o frio, a penuria, o exilio, os carceres, a tortura ordinaria e extraordinaria, o poder de Cezar e toda a casta de supplicios, com o denodo dos primitivos martyres, antes de vergar o joelho ante a Egreja — o que elles qualificariam de idolatria. Não posso abster-me de relatar algumas de suas objecções, as quaes, bem que sejam forçadas sobrenaturalmente com versiculos do Apocalypse ou das Visões de Isaias, nem por isso me parecem menos debeis.

Temos, dizem, um facil meio de nos certificarmos da infallibilidade da Egreja. Perguntai-lhe o que deve fazer-se em frequentes circumstancias da vida, quando os mais doutos homens se bandeam em dous ou tres arraiaes, dizendo uns: deve fazer-se isto; não, — dizem outros — isso é pessimo —; e os terceiros sustentam que não se deve fazer nada, ainda que a inacção pareça aos outros criminosa. Pelo facto de nos prohibirem actos manifestamente culposos aos olhos da razão, já prohibidos por lei natural, pelo decalogo e pelos philosophos, isso não convence que possuam luzes milagrosas para regerem almas. O que queremos é que nos guiem no lance em que os outros

conductores nos abandonam, nos pontos em que elles se desavém, em que se calam; emfim, na conjunctura em que os homens tem grande interesse em conhecer a verdade que se lhes occulta. Venha a Egreja n'um d'estes casos. Não affrontemos com os casuistas multidão de problemas onde o nosso partido seria grande; busquemos antes, nas relações da vida civil, um só d'esses factos duvidosos, sobre os quaes a sabedoria humana está indecisa. Vá de exemplo o emprestar a juro, e exponhamos primeiro a questão muito pelo alto.

Deve emprestar um homem ao seu visinho, dinheiro ou qualquer outro valor, gratuitamente? É, pelo contrario, licito haver parte dos lucros da quantia cujo uso se permitte, por tempo marcado, ao visinho? Como principio, ninguem condemna o emprestimo gratuito, o qual, á maneira da esmola, é um acto de liberalidade muito para louvar-se, mas que seria nocivo, sendo praticado sem discernimento. Todavia, alguns philosophos, e modernamente alguns caudilhos das seitas communistas, defendem que o emprestimo gratuito é o unico bem consoante á equidade natural, e que a minima usura é roubo. Estes philosophos tem sido arregimentados na peor especie de utopistas. Toda a gente sisuda recusa considerar a gratuidade do emprestimo como obrigação moral. Tal preceito usurparia á mediania economica os meios de valer ao indigente laborioso; o pae de familias não arriscaria as migalhas penosamente poupadas, se o não acoroçoasse

esperança d'um beneficio adequado ao serviço que presta e aos perigos que corre. Os que nada tem caíriam, por conseguinte, em mais apertada dependencia dos que tem tudo profusamente. Nas modernas sociedades, similhante preceito multiplicaria os invejosos, multiplicando os avarentos. Feriria de esterilidade o campo da viuva, estagnaria o movimento da industria e commercio, e, pelo tanto, o desenvolvimento da riqueza e vantagens moraes que ella proporciona. O emprestimo a juro é logo geralmente admittido como justo e fertil em toda a especie de prosperos resultados. Mas surdem para logo novos obstaculos. Deve-se limitar a taxa do juro que o devedor pede ao crédor? Como se hão de avaliar os prejuizos do devedor, e os lucros conjecturaes do crédor? Ha nada mais hypothetico e variavel! Que differença entre a qualidade e os productos de duas terras convisinhas, entre tal e tal mister, entre a capacidade d'este e a d'aquelle! O juro legal, ás vezes pequenissimo, casos haverá em que seja pezado; mas, como é legal, pezará com todo seu pezo sobre os que menos lh'o podem supportar. Será elle até motivo a encarecerem os generos, e redundará em incommodo e vexame. Tal é, quando menos, a opinião de celeberrimos philosophos.

Mas deve-se, como elles querem, deixar livre plenamente a vontade dos contrahentes?

Cuidar-se-ha que tudo isto é mera questão de economia politica: não é verdade. Aqui, mais que tudo,

militam questões moraes complicadas e de alto melindre, de interesse quotidiano e universal, questões que enliçam elevadissimos espiritos, e sobre as quaes devemos, por isso, interrogar a Egreja.

Se consultamos os canones dos concilios, e nomeadamente os de Nicea, d'Arles, de Carthago e de Elvira, achamos que a Egreja condemna, em theoria, o emprestimo a juro. Na pratica, porém, tolera-o. Não insistamos na contradicção. Se é permittido o emprestimo a juro, quaes são as condições? Tem alguem direito de fixar o beneficio do devedor? Quem é? O Estado? Se é o Estado que fixa a taxa do juro, é o Estado quem definitivamente decide do que Deus concede e do que Deus prohibe, do que é e do que não é peccado, e por tanto a lei divina varía com a phantasia da lei. Se não é o Estado, é o uso da terra? Ha nada mais injusto e irregular? Que principio cumpre adoptar? Onde está o direito? Onde o abuso? Que é da regra? Não ha nenhuma? Não ha. A tal respeito é tamanha a desordem entre os theologos como entre os estadistas, e philosophos, e economistas e jurisconsultos, e entre os confessores e penitentes. Varia em cada diocese a jurisprudencia: não vamos tão longe; varía em cada parochia. Mudai de confessor, e vereis que o mesmo facto, cercado das mesmas circumstancias, muda o nome: peccado mortal, injustiça, expoliação no confessionario á direita, acto licito no confessionario á esquerda, debaixo do mesmo campanario, em nossas opiniões, e o seu facho milagroso vasqueja

*

ao pé do mesmo altar. Um parocho vos condemna e outro vos salva. Parece pois que a infallibilidade ecclesiastica é aleijada n'esta questão vital em que os ricos a invocam para tranquillisarem suas consciencias, e os pobres para satisfazerem as necessidade do corpo e as da alma, porque elles pedem de emprestimo para trabalhar, para nutrir os filhos, educal-os, casal-os, auxiliar os seus parentes velhos, e sepultal-os, e para isso é mister que achem quem lhes empreste.

Quanto a materia politica, reinam as mesmas contradicções e incertezas dos negocios civis. Ha factos criminosos perante a razão, e todavia são absolvidos e até glorificados por uma parte do clero, sem excepção dos bispos, ao mesmo tempo que uma outra parte da cleresia os condemna a meia voz; mas de modo que a ouçam. A carnificina chamada de *Saint Barthélemy* foi approvada em Roma e celebrada em quasi todos os pulpitos. A revocação do edito de Nantes foi approvada pelo Papa e pela maioria dos bispos. Sobejar-nos-hiam exemplos, se os quizessemos, sem ir tão longe. Por outro lado, ha factos legitimos, heroicos, louvaveis, perante a razão, e esses são malsinados e condemnados como crimes por parte do clero, sem excepção dos bispos, ao mesmo passo que outra parte do clero os approva, e ás vezes tem parte n'elles. E tambem do clero ha porção que se abstem de julgar taes actos. As ultimas insurreições da Polonia e Italia nos dão exemplo recente e ainda sanguinolento. Aquillo que um Papa censurou, e outro Papa

stygmatisou, outros padres applaudiram, alentaram e abençoaram! Estas diversidades de opiniões sobre successos tão graves, e culpaveis, se o são, tão admiraveis pelo contrario, se não são culpaveis, manifestam-se no secreto do tribunal da penitencia como nos escriptos e actos publicos. O confessor de Carlos IX considerou d'Orther subdito rebelde porque recusou ser assassino.

O bispo de Abranches talvez negasse a absolvição ao confessor de Carlos IX. Tal italiano, injuriado por um frade, seria festejado pelo seu cura. De maneira que á vista d'uma auctoridade moral infallivel, bastantes catholicos, testemunhas d'este espectaculo, vendo para onde Roma pende, perguntam amargamente se em verdade os povos tem direitos, e meios de fazerem respeitar os seus direitos; se a desobediencia ao rei é só permittida em materia de dogma; se a liberdade, o trabalho do pensamento, da escripta e da voz não merecem ser defendidos, comtanto que vos deixem a liberdade de rezar; se ha outra patria além da Egreja; se o servilismo, já cégo, já illustrado, não é a principal virtude civica; se, emfim, n'este mundo o bel-prazer dos poderosos não é a suprema justiça. Estas e muitas outras perguntas tem sido contradictoriamente respondidas pela Egreja, que não sabe melhor que nós onde estão bem e mal, virtude e crime, em conjecturas solemnes e frequentes, nas quaes bem e mal, virtude e crime avultam a proporções enormes. A Egreja hesita comnosco, duvída comnosco, bandeia-se

e apaga-se quando entra nas veredas obscuras em que o genero humano é forçado a entrar, as quaes inevitavelmente conduzem ao céo ou ao inferno. A Egreja sabe que a Virgem foi concebida sem peccado; conhece a gerarchia dos anjos; dogmatisa onde a incerteza seria talvez prudente, e a ignorancia saudavel; porém, se procuramos regras de proceder, esteio e guia nos tempos difficeis em que parece que a infallibilidade vai resplandecer, activar-se e resolver a questão, a Egreja perturba-se, balbucia, contradiz-se e desampara-nos á discrição.

Como é então que ella prova a sua infallibilidade? Prohibe-nos de esquadrinhar na Biblia as regras da nossa fé, allegando que a Biblia é livro inintelligivel para nós. E, se lhe pedimos a razão d'isto, abre o livro que incessantemente lemos, esse mesmo livro cuja authenticidade e sentido só ella garante e explica. É ahi que ella pretende mostrar-nos a prova que lhe pedimos; mas nós sustentamos que ahi não ha tal prova. Além d'isso, se é mister crêr primeiro na Egreja quem houver de crêr nas Escripturas e entendel-as, que argumento é esse? Póde qualquer, em um processo, invocar contra o seu adversario um documento de que elle só se constitue interprete e juiz? Contente-se pois a Egreja em affirmar que é infallivel, mas abstenha-se de o provar.

Eu por mim não creio. A infallibilidade é um attributo incommunicavel de Deus como a eternidade e a omnipotencia. Se o Papa e os bispos fossem infalli-

veis, não bastaria respeital-os, seria mister adoral-os. D'isso nos defenda Deus! São homens como nós. E, quando o Espirto Santo nos illustra, somos como similhantes aos candelabros do templo, e, sem o querer, confundimos a nossa sombra com a luz que dardejamos em redor.

Assim fallam os protestantes. Não digo que taes discursos sejam concludentes: não me compete a mim julgal-os; mas d'este capitulo e do anterior inferimos uma conclusão cuja justiça creio que ninguem contesta.

III

Conclusão do que fica dito

A conclusão que eu desejaria tirar do que fica dito é que a Biblia e a Egreja, estas duas auctoridades que se invocam em favor das penas eternas, não tem o mesmo valor no conceito de toda a gente. Um protestante renegaria o inferno, apezar dos anathemas dos Concilios, se a Escriptura lh'o não annunciasse; mas um catholico renegaria o inferno, apezar da lucidez dos textos biblicos, se aprouvesse á Egreja attribuir áquelles textos, segundo o parecer de Origenes, um sentido visivelmente conforme á justiça e bondade de Deus.

Tanto em Genebra como em Roma crê-se no inferno; mas por diversas razões; e o que parece argumento decisivo para metade dos christãos, não têm a

mesma efficacia para a outra metade. Conformam-se sobre a verdade d'um prodigio, recusando de ambas as partes uma das duas testemunhas que o affirmam; os de Genebra considerando a Egreja um professorado do erro; os de Roma sustentando que a Biblia desencaminha aquelles que exclusivamente se fiam n'ella.

CAPITULO SEGUNDO

Resposta a uma objecção

Fallei da multidão dos condemnados, e tirei d'esse facto, contra a eternidade das penas, inferencia que me parece valiosa. É certo que a maioria dos homens seja condemnada? Os fieis, que estudaram este assumpto em livros modernamente escriptos, crêem que não, e vos dizem que os philosophos maliciosamente assacaram aquella opinião aos seus adversarios para os tornar odiosos. Não duvidam que ha inferno; não os inquieta a natureza do supplicio, mas sim a quantidade dos suppliciados. Mil, cem mil, um milhão d'almas a padecerem eternamente parece-lhes coisa muito de crêr-se, moralissima, certissima. Não póde suppôr-se que o inferno esteja vasio; aliás melhor seria supprimil-o. Um milhão ou alguns milhões d'almas,

se Deus as abandona, tambem ellas abandonam a Deus; é bastante para exemplo, é bastante para justiça; porém metade do genero humano e mais de metade, é excesso, é monstruoso: não se crê. Não é isso, quer-nos parecer, a boa nova que celebraram ha mil e oito centos annos os magos e os pastores nos caminhos de Bethelem. Mas os velhos dogmas de Israel por tal arte andam baralhados com as verdades christãs, e tanto a primitiva Egreja com elles se identificou formando um corpo doutrinal, que um homem instruido não póde hoje, sem risco de heresia, tentar separal-as.

Sem embargo, opera-se no seio do christianismo um singular trabalho, de que o clero não dá tento, bem que a iniciativa de ha muito proceda d'elle mesmo. Este trabalho de que as obras de Sanchez, de Escobar, do padre Annat, do padre Lémoine, e d'outros casuistas, tão agramente invectivados por Pascal, eram apenas indicios, tende a neutralisar cada vez mais a acção n'outro tempo tão vigorosa dos elementos hebraicos do christianimo. Sentimentos, que debalde quereriamos suffocar, rompem á luz; o coração reclama, bem que timidamente, seus direitos; a consciencia, constrangida debaixo do pezo de abafadoras tradições, não repulsa, mas a tremer levanta do peito o fardo, como para respirar. Verdade é que ainda nos pregam os velhos mysterios da synagoga; mas, ao mesmo tempo, cuidam em dissimular-lhes as consesequencias logicas relativas á vida futura, e—notabilissimo caso!—não insistem nas consequencias pra-

ticas, no tocante á vida presente. Este ultimo facto, muito significativo, provém dos casuistas. Foram elles quem primeiro quiz achanar aos homens a estrada do céo. Como não soubessem conciliar as necessidades da vida terrestre com as da fé, e não ousassem embarrar pelo inferno, com medo de torriscar os dedos, derruiram audazmente a moral. Graças lhes sejam dadas, que isto de peccados mortaes está por um fio! O assassino, mal lavou as mãos, e o perjuro mal lavou a lingua, são admittidos ao sagrado banquete. O pulpito continua a fuzilar trovoadas minacissimas; é ainda Isaias e S. Paulo a bradarem; mas, no tribunal da penitencia, os coriscos apagam-se; quem confessa é o tolerante padre Lémoine, que perfeitamente percebe que uma duqueza, uma capitalista, uma burgueza opulenta não podem viver de favas, nem trajar de serguilha, nem dormir no taboado, nem imitar sequer de longe a perfeição negativa das santas reclusas, cujas virtudes andam celebradas nos pulpitos. Descobrir, porém, no complexo dos actos dos homens, o limite exacto do dever, isso é desvario: ou prohibír, ou permittir tudo quando se renuncia e dirigir verdadeiramente as peccadoras mundanas para o antigo ideal da abstinencia ascetica. O theatro, o baile, os hombros nús, a maledicencia, as prodigalidades do luxo, a parcimonia das esmolas, a lisonja, a ambição, a cupidez, a ingratidão, as desavenças, tudo passa, tudo é venial, nada impede da desobriga. Nem o juiz nem o penitente conhecem regra. O mais virtuoso e austero pa-

dre póde ser integerrimo no pulpito ; mas, no confessionario, treme, receia afugentar a alma que o procura ; lembra-lhe o Bom Pastor, o céo promettido ao ladrão que se accusa, o perdão da adultera, e involuntariamente contribue a facilitar as quedas, e as reincidencias, facilitando a expiação. Pois os primitivos christãos não tinham ouvido fallar do bom ladrão, e da mulher adultera, e da parabola do Bom Pastor ? Comparem com a disciplina de hoje a de então que eu já referi. Se o padre Lémoine lesse nas catacumbas um capitulo da *Devoção commoda*, o congresso de fieis e martyres surgiria em pezo contra tal innovador, e o bispo excommungal-o-hia. Tenho minhas duvidas que o proprio S. Francisco de Salles o tractasse bem. É que os primitivos christãos nunca perdiam d'olho Satanaz, peccado original, inferno, e conformavam o seu procedimento, não a tal artigo de fé ageitada a dar alentos á esperança, mas ao complexo tremendo da doutrina que aprendiam.

A harmonia que primordialmente se deu entre a disciplina da Egreja e as crenças da Egreja, está por tanto desde muito desacorde. Port-Royal tentou afinal-a. Foi esse o segredo da sua lucta com os casuistas mas os casuistas venceram. A contenda acabou.

Meditemos agora nas consequencias logicas dos nossos dogmas, relativos á outra vida, dos esforços que debalde se envidam para lhes amaciar as asperezas e edulcorar-lhes o travor, com medo de que lhes não atirem fóra copo e remedio.

Em louvor dos theologos modernos, declaro que poucos ha que possam encarar impassiveis a multidão de pagãos e hereges que regorgita do inferno — multidão que sem intercadencia augmenta com muitos milhares d'almas cada dia, muitos milhares cada anno. Elles, pois, escondem as vinganças divinas, em vez de nol-as mostrarem, no seu trilho aterrador á maneira dos antigos. Quando cuidam em nos animar, tambem elles se animam em seus proprios quebrantamentos, sentindo que a piedade desborda e arrasta a fé ; e não só a piedade, mas tambem a justiça.

S. Thomaz de Aquino, incapaz de ceder unicamente á piedade, estacou diante d'esse problema de justiça, e diligenciou, a seu modo, resolvêl-o, por feição que podesse, sem offensa da fé, contemporisar com a sua razão.

Imaginou um justo fóra da Egreja, ignorando as verdades salvadoras, e predestinado ao inferno por culpa de sua ignorancia. Ora um anjo celestial, quando este justo agonisava, desceu a revelar-lhe a verdade, dando-lhe assim entrada na Egreja por uma porta falsa, e mantendo por este theor milagrosamente a inteireza dos dogmas. Pouco importava a S. Thomaz, tão grande e inflexivel logico, salvar as regras explicitamente formuladas pelos concilios ; e, se taes regras podiam ferir a justiça, lá estavam os anjos para concilial-as. O que elle queria era salvar os gentios.

Mas, hoje em dia, os theologos avantajam-se a S. Thomaz. Já não ha recorrer a milagre. Dizem que, se

entre infieis, e até entre os hereticos, ha pessoas honestas, Deus bem as vê: essas pertencem á Egreja, não corporal, mas espiritualmente; creem implicitamente as verdades que ignoram, e basta isso: são catholicos lá do seu feitio. É pois prohibido condemnar a esmo gentios e hereges, cegos innocentes, virtuosos transviados, erros invenciveis [1]. Já se diz que ninguem é condemnado, tirante os máos, qualquer que seja a religião que professem.

Bella é a linguagem, mas tambem é evidentemente illusoria; por onde vamos vêr que tal piedade, bem que sincera, não póde aproveitar a alguem. Vós não condemnais todos os gentios nem todos os hereges; é verdade. Os dogmas que nos ensinais é que os condemnam. Ora, se, acaso, os cinco dogmas tirados do judaismo fossem falsos, bem sabemos que não estava em vossa alçada condemnar, ainda que o quizesseis, um só idolatra, por peor que houvesse sido; mas, ao invez, se taes dogmas são verdadeiros, tambem sabemos que não cabe em vossa alçada salvar um só gentio nem um só herege, ainda que o quizesseis. Mais: em virtude de taes dogmas, é de fé que o homem nasce máo, e que o crime que lhe mancha o berço, explica,

(1) Vejá entre outras obras os *Estudos a respeito do Christianismo* por Nicolas, tom. III, c. 14. Este livro foi approvado, louvado e recommendado pela auctoridade ecclesiastica, e nomeadamente por Mons. Cardeal Donnet, Arceb. de Bordeaux. O padre Lacordaire protegeu-o assignaladamente, considerando-o a mais completa e melhor apologia da fé catholica.

mas não lhe justifica os erros da vida. Irroga-se culpa a quem se liga á religião de sua familia e patria, quando tal religião não é a genuina. Se assim não fosse, vêde bem que melhor seria ter nascido sarraceno que catholico; que um turco salvar-se-hia procurando de boa fé, como os patriarchas, prazeres que a nós nos perdem para sempre; e o maximo das bençãos seria nascer e morrer selvagem, n'alguma ilha incognita, longe dos formidaveis clarões que nos privam de desculpar com a ignorancia os nossos peccados. Fossem embora salvas alguns milhares de creaturas apenas entre os billiões d'ellas que morrem em peccado original, uma duzia só que fosse, seria que farte para argumentar que ha salvação fóra da Egreja, e sem algum dos soccorros extraordinarios de que ella dispõe. Estes theologos tolerantes não reparam que inutilisam a revelação, que despojam a Egreja das chaves do céo, ou, pelo menos, indiciam que ha chaves em duplicado para lá entrar, e que judeu, musulmano, lutherano, philosopho, todo homem honrado tem uma chave. A opinião assim pelo claro não ousariam elles exhibil-a, e, a bem dizer, tudo aquillo não é opinião sua; é, melhor ainda, expansão de alma que aspira á verdade e justiça; é protesto da humanidade christã contra o judaismo, protesto mais revelante por não ser voluntario, nem saber-se a si mesmo comprehender. O raciocinio não é o essencial do protesto, como em S. Thomaz d'Aquino; quasi que não é parte em taes discursos, pois que os discursadores não concluem

como deviam, se raciocinam; e não podem fundamentar a sua argumentação sobre ensino authentico da egreja ([1]). É mister, por desgraça, renunciar á orthodoxia ou condemnar despiedosamente mais de tres quartos do genero humano. O justo, estranho á Egreja, a quem nos prohibem de offerecer a mão, não existe aos olhos da fé: é um phantasma que avulta á vossa piedade. Se ha ignorancia involuntaria e invencivel, não é a do idiota? Ora ahi está! o idiota, o cretino, o aborto sem olhos nem ouvidos peccaram no ventre materno, peccaram mortalmente, e só pelo baptismo conseguirão justificar-se. Como é então que ha de subtrahir-se ás tentações e ás sincadilhas de que tanto a custo se escapam os filhos da Egreja, um ente egualmente viciado em sua natureza, mas mais livre, se envelheceu sem revelação e sacramentos? Onde ganhará elle amor ao bem e vigor para pratical-o? Tal hypothese é heresia por atacado; só poderemos aceital-a como excepção milagrosa; e, n'essa qualidade, não

(1) Este ensino multiplicou-se com diversos aspectos: peccado original; necessidade do baptismo; ha uma só fé e um só baptismo; fóra da egreja não ha salvação; necessidade dos sacramentos da penitencia, de confirmação, etc., como auxiliares de nossas enfermidades, depois do baptismo, necessidade e conjunctamente insufficiencia da prégação e da leitura; inefficacia das boas obras sem os sacramentos; manhas e poderio de Satan; impossibilidade de viver e morrer em estado de graça fóra da Egreja que é a dispenseira das graças, etc., etc. Encheriam um volume os decretos, promulgados áquelle intento, e os anathemas fulminados contra quem houvesse dito ou viesse a dizer o contrario d'esses decretos.

vingaria dulcificar o sentir que esperta em nossa alma o perpetuo inferno, onde, ha seis mil annos, se vão acamando as gerações humanas.

———

CAPITULO TERCEIRO

DA DESCIDA DE CHRISTO AOS INFERNOS

> Descendit *ad Inferos*; tertià die resurrexit à mortuis; ascendit ad cœlos, sedet ad dexteram Patris, indè venturus est judicare vivos et mortuos.
>
> Credo in Spiritum sanctum, in sanctam Ecclesiam catholicam et apostolicam, in communionem sanctorum, in remissionem peccatorum, carnis ressurrectionem et vitam æternam. Amen.
>
> *(Symb. apostolorum).*

I

O Filho do homem, expedindo sobre a cruz sua vida mortal, desceu aos infernos. Não é o Evangelho que o refere; é um documento não menos venerado, o qual, com o *Pater* e *Ave*, é parte das orações que a Egreja ensina aos seus filhos: documento, ao que parece, anterior á redacção dos Evangelhos e resumo da fé apostolica: é o *Credo.* (1)

Jesus morto vai annunciar aos mortos a boa no-

(1) Conta-se que os apostolos, antes de se apartarem para levar aos gentios a boa nova, trez annos pouco mais ou menos depois da morte do divino Mestre, se reuniram e compozeram o *Credo,* elenco das verdades cujo ensino lhes fôra confiado. O Evangelho ainda não corria escripto. Só depois da separação, é que foi

va: Satanaz vencido, os peccadores resgatados, o céo aberto aos que oram, aos que choram, aos que soffrem. Para estes exclusivamente é que seu sangue aspergiu o chão do calvario. Jesus não dispensa da penitencia os que morreram culpados; mas dá-lhes a esperança que as antigas crenças deixavam luzir na terra sómente, e apagavam no tumulo.

Sei de sobra que os theologos querem que o inferno, visitado por Christo, não seja o verdadeiro inferno; mas sim o limbo, o purgatorio, os seis primeiros circulos da Géhenna, e não o ultimo. Esta distincção, porém, não está no *Credo*. O inferno ahi diz-se com todas as letras, e, mais pelo claro, *os infernos*, como quem indistinctamente diz todos os logares de soffrimento onde podem penar os mortos.

«Desceu aos infernos, diz o *Credo*, e ao terceiro «dia resurgiu dos mortos.»

Quem eram esses mortos com quem Jesus passou trez dias? A interpretação natural é—todos os homens que, desde o principio do mundo, haviam desparecido de sobre a terra; não só patriarchas e prophetas, senão todos os judeus; não só todos os judeus, mas todos os gentios. Eis aqui, entendidas ao natural, o que dizem as palavras: «Desceu aos infernos, e habitou trez dias com os *mortos*.» Quereis dar áquellas

composto o de S. Matheus, que antecede a todos. O symbolo da fé apostolica tambem não andava escripto; mas ensinava-se de cór aos fieis, e por isso longo tempo se conservou na Egreja, bem como a tradição egualmente oral da sua origem.

palavras uma accepção espiritual? Temos ainda mais luz na questão. Os mortos espirituaes são os condemnados, os que eram considerados em perpetua privação dos resplendores eternos. Não são os prophetas, os patriarchas, os eleitos, os santos, nem ainda alguns d'esses que por peccados haviam merecido as penas temporarias, por que não estavam espiritualmente mas só carnalmente mortos, crendo, esperando, amando, vivendo. Seja qual fôr a interpretação adoptada, leva-nos a concluir o inverso do que os theologos affirmam. Do citado trecho do *Credo* colhe-se que Jesus desceu, não só ao limbo, mas tambem ao inferno, não só aos patriarchas que esperavam sua vinda, — explicação acanhada e violenta dos hebreus conversos e dos christãos judaisantes — mas aos mortos de todos os tempos e paizes, aos peccadores que a lei antiga e antigas crenças haviam ferido de morte espiritual, eterna, incuravel, da verdadeira morte. O Redemptor, o Crucificado, o Messias visitou-os, mostrou-se-lhes, e elles rejubilaram ao verem-no e choraram lagrimas d'amor d'aquelles olhos aridos. Jesus não destruiu o inferno; converteu-o em purgatorio. Do inferno judaico e gentilico fez o inferno christão, inferno que corrige, inferno onde ha o chorar sem blasphemar, onde ha o soffrer sem desesperança nem rancores.

Outras luzes póde dar o symbolo dos apostolos ás almas piedosas. Mais abaixo, diz: «Creio na vida eterna» mas não diz: «Creio na morte eterna.» Este horrivel dogma não se lê no credo apostolico. Se ahi se

falla em infernos é para nos ensinar que Jesus Christo lá foi, e de lá sahiu, mas como devia sahir, vivo, glorioso, triumphante e bemdito.

Diz finalmente o *Credo* que Christo subiu ao céo, onde está sentado á dextra do Padre, d'onde virá a julgar *vivos e mortos.*

Quaes vivos? os justos? Quaes mortos? os peccadores, os ultimos povoadores da terra e os antigos habitantes d'aquellas tenebrosas mansões onde a esperança radiou com o Christo quando tudo foi consummado na Cruz? Não é possivel que uma só palavra tenha dois sentidos com tão breve intervallo. Quereis que os mortos d'entre os quaes resurgiu ao fim do terceiro dia sejam os antigos reprobos? Tambem eu quero. Quereis antes inferir de taes palavras que os nossos avós judeus e os pagãos, quantos então eram mortos, viveriam, n'outra parte, jubilosos ou suppliciados? Tambem eu quero. Adoptai um sentido, ou outro, ou ambos juntamente, que a mim não se me dá d'isso. O que ha de sempre forçosamente reconhecer-se é que a phrase representa a mesma idêa significada uma ou duas linhas abaixo. Será, conseguintemente, preciso confessar que os mortos visitados por Christo são os mesmos que elle virá julgar quando julgar os vivos. Direi pois logo que na descida aos infernos, Jesus morou trez dias não entre os justos esperançados, mas entre os condemnados á desesperação para os ungir de seu sangue, consolal-os e salval-os. E, senão, para que os visitou?

Faz-se mister prescindir de entender qualquer palavra divina ou humana, se do *Credo* se colhe o dogma das penas eternas. Não está lá: o contrario é que está. O veneravel texto é mil vezes mais luminoso que todas as glosas dos doutores.

II

Viveu Origenes quasi coevo dos tempos apostolicos. Toda a gente ouviu fallar da santidade de seu viver, pureza de costumes, alento nas perseguições, vasta sabedoria e raro engenho. Pois ainda assim, aquelle insigne doutor, e illustre confessor de Christo, negava as penas eternas. Acaso receberia elle a verdadeira tradição dos apostolos, ou, á força de reflectir, atinára com a genuina accepção do Evangelho? Não sei. Todavia confesso envergonhadamente que ainda não li as poucas obras restantes que tão assignalado sujeito escreveu sobre tal materia. O que mais sei é que foi condemnado, muito tempo depois que morreu, por um edito do imperador Justiniano, e anathematisado, com a porção da obra relativa ás penas eternas, por o concilio ecumenico de Constantinopla, anno 553. (1) Não se deram os bispos á canceira

(1) No anno 321, Origenes foi denunciado ao Concilio de Alexandria, e interdicto do sacerdocio. S. Jeronymo attribue esta condemnação a ciumes e invejas que inspirava a eloquencia de Origenes aos Padres reunidos n'aquelle Concilio.

de provar que elle era ruim logico; declararam-o herege, que era mais summario, e por contagem de votos.

É muito para notar que o primeiro concilio ecumenico de Nicea, anno 325, e o segundo de Constantinopla, anno 381, se abstivessem de decidir sobre a doutrina de Origenes, ainda nova e florecentissima, e á conta d'isso mais funesta, se por ventura escondesse perigo. Divergiam sobre o assumpto as opiniões dos padres d'aquelle tempo? Recusariam não se conciliarem? A questão confundil-os-hia? Inclino-me a crer que sim. O mais notavel documento que os dois concilios nos deixaram, denota indecisão de natureza a um tempo estranha e evidentissima: é uma profissão de fé muito particuralisada, a mesma que hoje se entôa aos domingos na missa cantada nas egrejas do oriente e occidente.

O concilio de Nicea, ao redigir o symbolo da sua fé, desenvolveu em certos pontos o symbolo dos apostolos; mas, quanto ao mais, abreviou aquelle antigo symbolo, e o que mais espanta é a suppressão completa do descendimento aos infernos.

O concilio de Constantinopla, adoptando o symbolo de Nicea, aperfeiçoou-o, e additou-lhe alguns artigos, mas não lhe repoz a descida aos infernos.

Que quer dizer esta eliminação? Desceu ou não desceu Christo aos infernos? Se desceu, por que o não dizem? Acham que é insignificante o caso? Não merecerá a pena relembral-o?

Felizmente o symbolo dos apostolos subsiste, e os de Nicea e Constantinopla não vingarão desluzil-o.

CAPITULO QUARTO

ADVERTENCIA FINAL

I

As idêas que empreguei no discurso d'esta obra andam por tantos livros disseminadas, e prégadas de tantos pulpitos, e tão notorias e pupulares, que me não temo de que m'as neguem. Diligenciei exprimir claramente os dogmas, preceitos, maximas, opiniões sempre admittidas nas faculdades de theologia, nos seminarios e conventos: era acto de boa fé e tambem de prudencia; que toda minha argumentação claudicaria, se eu attribuisse aos propugnadores do inferno linguagem que não fosse a d'elles.

Fui eu quem inventou a queda de Satan, o poder e maleficios da corte infernal, o peccado do Eden, e a maldição dos homens? Fui eu quem encerrou no claustro o ideal da perfeição christã? Fui o auctor

das sentenças desesperadoras fulminadas contra o mundo e contra os affectos e luzes naturaes, contra o bom siso e contra a vida? Inventei eu as devotas reflexões, azadas para mirrar os corações das mães e dos filhos, e uns pensamentos afogueados que calcinam o cerebro como o alcool, embrutecendo uns, e desvairando outros em devaneios melancolicos? É culpa minha se o inferno parece coisa atroz? Não suavisei eu em vez de encarecer as pinturas conhecidas? Se é immoral, estava a meu cargo mudar-lhe a condição? Attribui eu ao padre Bohours palavras alheias, ou a S. Bernardo coisa que elle não dissesse?

E' verdade que eu muitas vezes poderia auctorisar-me com textos, e dizer em grego ou latim, ou italiano ou allemão, em nome d'outrem, o que expuz a meu modo. Mas que tinha eu a ganhar com esse systema? Nenhuma das idêas que discuti pertence nominalmente a este ou áquelle theologo; junta ou separadamente todas lhes pertencem: é dominio commum. Seria apoucar e abater a questão conferir a uma crença tradicional visos de opinião particular. Acato a virtude, admiro o engenho, onde quer que os encontro, até nos mesmos que me ameaçam com as penas eternas; não mal-quero por tanto a S. Gregorio, nem a S. Jeronymo, nem ao padre Nicole, nem a algum theologo morto ou vivo. Não me estive a quebrar lanças com personagens mais ou menos eminentes: que são apenas eccos de doutrinas que vogaram muito antes d'elles. Se eu tivesse em cada pagina citado um doutor, jul-

gar-se-hia que os outros doutores, não mencionados, depunham contra mim. Não aconteceu isso a Pascal? Nomeia elle as suas testemunhas, transcreve-lhes litteralmente as proposições, e vos remette ao volume e pagina d'onde as trasladou; pois responderam-lhe que se as proposições que elle combate estão nos livros d'onde as copiou, a culpa é dos auctores, e não da companhia que os instruiu. Claro está que eu tenho por mim auctoridades muito mais embaraçosas que os padres Petau, Penterau, Hurtado, Bille, Sanchez, Suarez, Escobard, Bauny, Molina, Reginaldo, Tannero, Filicitius e Azor. Tenho-as numerosissimas, a ponto de a mim mesmo me embaraçarem. Qual hei de escolher entre tantas? Que mais vale uma do que outra? Um capuchinho canonizado vale ou não vale um papa não canonizado, mas fallando *ex-cathedrâ?* E de mais um só auctor, por extremo que fosse o gráo de sua respeitabilidade, bastaria a tapar a bôcca aos altercadores? Quantos textos seria preciso adduzir para authenticar certas phrases alcunhadas de perigosas, levianas, absurdas e escandalosas? Quantos padres, papas, bispos e doutores teria eu de dispôr em batalha a meu favor? Confesso que não sei. Fui, pois, sobrio em citações, não por mingua do assumpto, mas antes por excesso. Convençam-se de que não ha linha n'este livro á qual eu não podesse cerzir, se me aprouvesse, paginas inteiras, senão volumes de annotações justificativas, hauridas nas fontes mais puras, mais frequentadas e veneradas.

Similhante lavor, porém, ainda que eu o compendiasse á essencia do debate, cansaria a paciencia dos leitores, que se dispensam de tão barbaro apparato para saberem ao que devem atter-se do que lhe ensinaram desde o berço. Mas as provas de memoria as sabem; sobejam-lhes nas suas livrarias; não carecem de folhear concilios, obras de santos padres, bullarios, constituições de bispados, revelações de Santa Catharina, Santa Thereza, e outras bem-aventuradas; não se lhes faz preciso consultar Bossuet, Bourdaloue, Massillon, nem outros illustrissimos oraculos que nem sempre nos estão á mão. Mais boas de encontrar são as minhas provas: acham-se nos labios e nos ouvidos das creanças que estudam o cathecismo; acham-se em mãos de nossas irmãs, esposas, e mães, na sua *Imitação*, no *Quotidiano christão*, no *Combate espiritual*, na *Vida dos Santos*, no *Livro d'ouro*, no *Pensai-o-bem*, e em milhares de livrinhos d'este jaez, approvados pelos bispos e universalmente manuseados.

Os paladinos do inferno, se os houvesse, não ousariam, talvez, atacar as passagens d'este livro, de antemão atalaiadas d'uma guarnição formidavel de batinas, de chapeos vermelhos e de barretes; mas quem sabe se atacariam como abastardados, alterados, e erroneos os trechos que eu desprecavidamente não defendesse? Em tal caso, nada me valeria amontoar notas. Se m'as pedirem, eu lh'as darei em quantidade que lhes pareça de mais. Convenho, se quizerem, em incommodar com ellas os adversarios; mas tão sómente

os adversarios; quanto ao publico, a minha intenção não é adormecêl-o; antes eu quizera acordal-o, esclarecêl-o e agradar-lhe. Mal andaria eu se, a proposito de taes polemicas, sacudia aos olhos dos leitores a poeira dos meus livros traçados!

II

Se não podem accusar-me de má fé na exposição dos principios que tentei impugnar, não faltará quem me accuse de máo juiz em tudo o mais. Estejam certos que não ficará aqui. O inferno tem seus devotos que não sacrificam ás Graças, mas ás Eumenides. Bem os ouço gritar: impio! incredulo! ignorante! detestavel pensador! monstro! scelerado! por que o não prendem, e mandam ás galés! Ousar descrer das penas eternas! Que faz o ministerio publico? Onde está o carrasco? Em França já não ha lenha para uma fogueira? Votamos pelo inferno, queremos que os nossos paes e os nossos filhos sejam condemnados. Ao fogo com os selvagens, idolatras musulmanos, judeus, indianos, herejes! Ao fogo com os peccadores recalcitrantes! fogo eterno com os philosophos impenitentes! Não nos esbulhem d'esta amavel crença. Que havia de ser da moral? Queremos inferno e diabo, a maldição e o mal. Se muita gente se condemna, peior é isso, mas a culpa é d'ella. Que ardam para sempre! É vontade de Deus. O teu debil sopro, ruim pensa-

dor, não apagará as chammas salutares que não corrigem os mortos, que pouco emendam os vivos, mas fazem tremer as freiras nas suas cellas e alegrar os santos no paraiso. Viva o inferno! Se se elle apagasse, haviamos de accendêl-o com os teus livros. Queremos o inferno e seus supplicios, embora lá vamos cahir com as nossas mães e com as creancinhas que riem no collo d'ellas. Sem inferno não ha fé, nem Egreja, nem religião, nem lei, nem familia, nem moralidade, não ha nada. Conservemos o inferno! É absurdo? mais um motivo. *Crédo quia absurdum.* Parece-te isto injusto, incredulo, impio, perverso que não queres acreditar que Deus creasse tantos entes fracos para perdel-os sem missão! Imprudente! que ousas escutar a tua consciencia, quando a tradição falla! Malvado! coração de pedra que não dás dinheiro ao Papa para lhe redourar a thiara e vais dal-o a pobres e proscriptos, e estás ahi a lastimar os billiões de creaturas que povoam o abysmo. Ó sandeu! Ó miseravel! Algum proveito colhes atacando verdades tão uteis. És como os malfeitores que quebram os lampeões. Se assim vais, arrasarás os carceres. É bem de vêr, lá tens as tuas razões para querer destruir o inferno; se fosses de melhor casta havias de crêr n'elle.

III

Advogados do inferno, que sabeis a tal respeito? Sereis acaso mais innocentes do que eu? É verdade que sou peccador. Se todavia as minhas acções e as vossas fossem pezadas, talvez eu podesse estar a respeito do futuro tão tranquillo como vós. Mas Deus não me ha de comparar comvosco para absolver-me ou condemnar-me: será com o modêlo de perfeição que eu tenho no espirito, e que eu devêra ter copiado no decurso de minha vida. Não pratiquei — de mais o sei — todo o bem que podia; condescendi com fraquezas que vós, por ventura, não conhecestes; mas talvez que eu, sem que o soubesseis, me esforçasse e vencesse nos conflictos em que succumbistes. Eu não vos julgo, ó crentes no inferno, que encaraes sem impallidecer; eu, porém, que não creio no vosso inferno, não posso sem pavôr meditar no julgamento divino. Não desespero na bondade de Deus, mas creio em sua justiça, e nutro viventissimo sentimento da perfeição evangelica, e por isso mesmo sinto grandissimo pezar de minhas culpas, e não me considero isento de expiação.

Oxalá que eu podesse dar de mim melhor testemunho! Podesse eu chegar mais confiadamente ao tribunal do soberano juiz! Tivesse eu tão socegado o espirito como inculcais o vosso, ou tão puro como vós

¡maginais que o tendes! Quem me dera ser santo, não aos meus proprios olhos, como dir-se-ha que sois aos vossos, mas aos olhos das pessoas de bem e das multidões. Então impugnaria eu a eternidade das penas, não já com melhores razões, nem com argumentos de mais justiça, mas com a auctoridade que uma vida santa e reconhecida como tal imprime na palavra humana. Ha ahi quem se não renda ao vigor de um discurso, e se docilise á virtude ou ao renome de quem discorre.

Não discutamos, pois, a minha vida, que eu não tenho que entender com a vossa. Em meu soccorro valho-me unicamente do raciocinio; desadoro outro prestigio, e não me dobro a outro poder. Refutai-me, se podeis, com razões tão claras como as minhas; mas deixemo-nos de insinuações calumniosas; nada de injurias. Isso que prova? Quando fosse verdade que todos sois pessoas virtuosas que vão direitas ao paraizo, e que eu sou máo, e o peor dos homens, sêde francos, seria isso prova de que eu argumento mal, e vós argumentais bem? Inferiríeis d'ahi o que quer que seja contra a infinita misericordia de Deus? A isto é que é preciso responder, senhores. Eu por mim digo que a dôr, n'este e no outro mundo, é meio de expiação; digo que a dôr, n'este e no outro mundo, acarêa a piedade; digo que o castigo mais justo deve ter fim, e que o perdão é o fim, a corôa, a perfeição e explendor das obras da justiça; que um castigo infindo seria um castigo desarrasoado, sem escopo, sem

moralidade, inutil ao culpado, ás testemunhas e ao juiz; — um acto de colera, de odio e furor — um feito sombrio e sinistro como transportes de demencia incuravel. Digo que tal crença é mal cimentada, e assim funesta em este mundo, como odiosa no outro; que nem o mal nem o castigo são eternos; que eterno é só o bem, a omnipotencia, a bondade, a justiça e misericordia de Deus, e que estas coisas, que separais, são inseparaveis em Deus. Digo, conforme a S. Paulo, que ceo e terra hão de passar; que a fé ha de passar tambem, e tambem ha de passar a Esperança, e que tudo ha de acabar, salvante a Caridade.

Que vos parece isto? que redarguís? Ser-vos-ha mister mudar a propriedade das palavras, crear linguagem nova, dirimir as leis da razão, e cuidar em extinguir tanto em vós como nos outros as vivas luzes da consciencia, se quereis impugnar estas proposições.

IV

Mas ninguem póde desluzir de seu espirito o reflexo que ahi lampeja a verdadeira luz, se uma vez a entre-viu. Quando houverdes lido este livro, ser-vos-ha aprasivel fechar os olhos, e injuriar-me; não obstante, sentir-vos-heis alumiados, crentes na verdade a vosso pezar; e, embora o negueis, é a vós mesmos que mentis. Negal-o-heis com a bôcca; mas não com a consciencia.

V

Espero resignadamente as insolencias. Se m'as não disserem alto, dil-as-hão baixinho. Este livro irá ao *Index*, e tal, que o não tiver lido, se julgará abundantemente auctorisado a prohibil-o aos outros, como livro pernicioso. Vedar-se-ha ao peccador inveterado, contentissimo de sua recente conversão, de buscar aqui motivos para ser mais humilde; vedar-se-ha á viuva lagrimosa de procurar consolar-se n'esta leitura. Divulgar-se-ha que este livro é *tição do inferno*, que queima os dedos que lhe tocam. E ha de haver muito quem o diga na melhor boa fé.

A Egreja não alenta curiosidades de espirito. Porquê? De que se teme? Profunde-se cada vez mais a moral de Christo; que ella nos irradiará cada vez mais formosa, mais salutar e verdadeira. Por si mesma se justifica; dispensa pregões; nos labios d'um menino inflora-se tão bella como nos discursos d'um sabio.

As leis moraes não são arbitrarias; não são caprichos divinos nem tenebrosos decretos cuja sabedoria se esconde á nossa intelligencia. São perfeitamente adequadas á nossa natureza e necessidades. Não ha uma só, cuja inobservancia não surta graves desordens; uma só que não proteja a dignidade humana, a liberdade, o direito, o debil contra o forte, o innocente contra o cavilloso. São freio de paixões, luz e regras

das acções publicas ou clandestinas, particulares ou collectivas, condição que influe no desenvolvimento de nossas faculdades, caução de nosso repouso, e complexamente de todos os nossos actos.

A Egreja, n'este ponto, desconhece a sua força, se a discussão a intimida; mas, por outro lado, cumpre confessar que ella desconheceria sua fraqueza, se tolerasse discussão de certos dogmas, e em particular do dogma das penas eternas. Se quer que haja crença no inferno com fé egual á crença da redempção; se quer a mesma fé para a colera sem fim e para o amor illimitado, imponha silencio a respeito de tudo, que é prudente. Mas d'essa imposição de silencio o resultado é este:

VI

Resulta que os fieis creiam cegamente coisas profundamente contradictorias—a verdade radiosa e o erro inintelligivel, Deus e inferno. Tambem resulta que as multidões sempre a multiplicarem-se rejeitem cegamente o inferno, e com o inferno os mais idoneos dictames da moral, indiscretamente sumidos n'esse abysmo. Imaginam uns que a mesma voz que ensina uma injustiça não póde ensinar uma verdade; imaginam outros que a mesma voz que ensina consoladoras verdades, não póde ensinar erros. A má educação, que, no rodar de muitos seculos, lhes deram, tor-

na-os a todos egualmente incapazes de discernir o que é falso do que é verdadeiro, na mesma idêa: encaram-na a vulto, qual lh'a offerecem, e ou a guardam ou rejeitam á tôa, verdade e mentira de mistura, porque ambas as idêas estão identificadas em uma no espirito d'elles.

Todavia todos os partidos são máos, e nenhum póde, relativamente á questão presente, socegar a alma. Ainda não encontrei fiel que se me confessasse impassivel ao horror das penas eternas, quando pensava n'isso. E tambem não encontrareis incredulo que não haja confusamente sentido a precisão de sobreviver a si proprio, e não haja suspirado pela justiça do céo, vendo as iniquidades da terra. A verdade falla assim ao coração de todo homem, alvoroçando-o até que elle a comprehenda.

O fiel diz de si para comsigo: «Deus é cruel»; mas, reportando-se á Egreja, cuida que as inspirações de sua consciencia são suggestões diabolicas, e vai aterrado rezar diante da cruz um acto de fé em um Deus sem misericordia. Pelo contrario, o incredulo diz entre si: «Deus existe; os máos serão castigados»; e, se em seguida se aturde e apaga no intimo aquelle presentimento lucido da justiça divina, é porque lhe estão sempre figurando o brazido inextinguivel e as atrocidades sem fim que enterneceriam tigres e fariam chorar as pedras sobre o destino dos condemnados.

VII

Tal é hoje em dia o estado das almas relativamente a um dos mais importantes dogmas da religião. Fé cega, incredulidade cega, fé que acceita um Deus vingativo e exclue do céo a piedade, incredulidade que busca um Deus compadecido, e, por que não acha piedade no céo, exclue de lá a justiça. E entre estes dois bandos de almas atormentadas, está uma corporação docente, que se inculca infallivel, mas que, no intento de proteger sua infallibilidade, anathematisa a razão humana e excommunga a consciencia.

VIII

Eu tenho tido parte nas angustias da fé que, até de olhos fechados, conhece que a transviam ; e, se, mais tarde, abre os olhos afeitos á escuridão, como os de Saul deslumbrado, nada vê, e caminha ás apalpadellas. São passados esses dias de turvação ; mas talvez n'este livro negrejem vestigios d'elles.

Não achareis n'esta obra um tratado methodico cujas partes se encadeiam e deduzem logicamente, desde a primeira até á ultima pagina. Em questão, a um tempo, tão complexa e excitante, ser-me-hia custoso sujeitar-me aos vagares do methodo. A tal qual

ordem que trava as peças d'este escripto, vem como compendiada no assentamento das reflexões e meditações que a formam. Ninguem melhor do que eu sabe quanta deficiencia desvalia o escripto. Não importa. Eu, por mim, rodeei o alcaçar de Satan; e, se lhe não puz cêrco segundo as regras da arte, não lhe deixei parede nem pedra que não soffresse algum abalo. Não se faz mister tempestade para lh'o baquear: um leve sôpro o fará cahir.

FIM

INDICE

SEGUNDA PARTE

O inferno considerado além-tumulo, os condemnados na presença de Deus, na presença dos santos, e na presença dos homens

APPENDICE